A ARTE DE PENSAR

Ernest Dimnet

A arte de pensar

❧

ERNEST DIMNET

Tradução
Bruno Alexander

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Dimnet, Ernest.
A arte de pensar / Ernest Dimnet; tradução de Bruno Alexander – Campinas, SP: Kírion, 2020.
Título original: *e art of thinking*

ISBN 978-85-94090-34-8

1. Educação 2. Métodos de estudo 3. Aconselhamento pessoal I. Título II. Autor
CDD 370 / 371 302–81 / 371–46

Índices para catálogo sistemático:
1. Educação – 370
2. Métodos de estudo – 371 302–81
3. Aconselhamento pessoal – 371–46

Sumário

Prefácio

Que escritor ousaria se apropriar do verso de Voltaire em *Le Pauvre Diable* e dizer de seu leitor: “Il me choisit pour l’aider à penser” — ele me escolheu para ajudá-lo a pensar? No entanto, fato é que existem milhões de homens e mulheres ansiosos para aprender a arte de pensar e outros homens e mulheres dispostos a ensinar-lhes, mesmo correndo o risco de parecer pedantes.

Para isso não é necessário ser um gênio. Os gênios nunca foram considerados grandes professores em qualquer arte. É melhor que o professor da arte de pensar não seja uma pessoa que desconheça as dificuldades de pensar ou exponha pensamentos tão brilhantes que desanimem o aluno. Um médico frágil não dá exemplo de saúde, como o faz qualquer trabalhador braçal; ele não passa de um pequeno capital de saúde aumentado de maneira inteligente. Ainda assim, sabemos que pode ser mais útil por sua compreensão imparcial da saúde e sua consideração da higiene, e, por isso, costumamos preferi-lo. O autor deste livro certamente não está preparado para dizer que procedeu, ou procede, de acordo com seus princípios. Mas não é nenhuma presunção dizer que provavelmente sentiu o valor deles mais do que muitos gênios. Isso não é o bastante? O desejo de ser útil não é suficiente para dar conselhos modestos?

O leitor logo descobrirá que este livro, quaisquer que sejam suas deficiências, foi escrito para ele. Seu esforço para ser claro e breve, sua aversão ao jargão filosófico, sua antipatia por uma exibição bibliográfica desanimadora e geralmente inútil, tudo isso provém do desejo de ajudar em vez de deslumbrar. A maioria dos livros é composta com o objetivo, declarado ou não, de ser uma obra de arte, isto é, de ser um fim em si mesmo e despertar admiração. A vaidade, ao escrever sobre qualquer arte, sobretudo a arte de pensar, seria um crime, e podemos dizer, com tranqüilidade, que ela teve o mínimo de participação possível na preparação deste trabalho.

Basta que o leitor tenha consciência da simpatia que o autor sente por ele e do esforço contínuo que fez para ajudá-lo a pensar melhor e ter uma vida nobre.

PRIMEIRA PARTE

O PENSAMENTO

Capítulo 1

Sobre pensar

UMA cena familiar. Cinco da tarde, mês de outubro. O Sol se põe sobre o jardim avermelhado. Você está no umbral da porta, com o olhar perdido, pensando. Alguém se aproxima e pergunta, em voz baixa: “No que você está pensando?”. Qual a sua resposta?

No fim do dia, você está profundamente envolvido, ou assim parece estar, na leitura de um livro. Seu rosto, porém, não tem a expressão de paz que costuma ter quando a leitura o agrada: o cenho franzido revela intensa concentração, demasiado intensa para uma simples leitura. Na verdade, você está a quilômetros de distância dali, e às perguntas “no que você está pensando?”, “que livro é esse?”, você responde da mesma maneira que quando foi pego durante o devaneio vespertino: “Não estava pensando em nada”, ou: “Estava pensando em muitas coisas”. Na verdade, você estava pensando em tantas coisas que era como se não estivesse pensando em nada. Mais uma vez, você estava consciente de algo vivenciado muitas vezes antes: nossa mente não é uma sala iluminada e ordenada, mas sim um sótão entulhado, onde habitam na penumbra as mariposas de nossos pensamentos. No momento em que abrimos a porta para vê-las melhor, essas pequenas borboletas sombrias desaparecem.

A consciência desse fenômeno é desencorajadora, é claro. Isso explica o fato de que, quando nos perguntam em que estamos pensando, geralmente ficamos, não somente intrigados, mas constrangidos e ansiosos para que tanto a pessoa que perguntou quanto a própria pergunta nos deixem em paz. Somos como o cachorro que late ao ver sua própria imagem refletida no espelho, tentando agarrá-la, mas que, após a segunda tentativa, desvia o olhar, indiferente. No entanto, com um pouco de curiosidade e prática, não é impossível observar a mente. Não devemos tentá-lo em momentos de profunda abstração, isto é, momentos em que nossa consciência está completamente desprevenida, mas quando há ocasiões favoráveis. Quando estamos lendo o jornal e as rápidas mudanças de assunto começam a nos cansar, sem nos esgotar; quando o movimento do trem ou do carro imprime certo ritmo a nossos pensamentos, que logo nos conduzirá à abstração ou à sonolência, mas que, no momento, só nos ajuda a não pensar em nada; quando a palestra que ouvimos não é boa o suficiente para atrair nossa atenção, nem ruim o suficiente para nos irritar: esses momentos

de pausa mental nos dão a chance de observar o verdadeiro mecanismo de nossa mente, como ela revela nossa natureza mais íntima. Por um repentino congelamento de nossa consciência, um rápido olhar para dentro, podemos, por assim dizer, solidificar uma seção do fluxo mental que, durante três ou quatro segundos, estará pronta para nossa inspeção. Se conseguirmos fazê-lo uma vez, certamente sentiremos vontade de fazê-lo de novo, pois nenhum exame de consciência é tão surpreendente e esclarecedor quanto esse. E quanto mais freqüente, mais fácil, pelo menos durante certos períodos.

Por que não fazer isso agora? No que você está pensando?

Você ergue a cabeça, surpreso com o que considera ser uma exibição de muito mau gosto num escritor.

— Pensando? Ora, estou pensando em seu livro. Acho que estou mais interessado em lê-lo do que o senhor estava em escrevê-lo. Eu adoro esse assunto.

— Sim, reparei que você estava atento na leitura. Foi por isso que o interrompi. Se você estivesse distraído, teria sido inútil. Quer dizer então que você adora esse assunto?

— Sim, e desejo que o senhor continue. Livros não falam.

— Quando você diz que adora esse assunto, quer dizer que o assunto lhe interessa, desperta algo em você. Enfim, o faz pensar.

— Bastante.

— Evidentemente, os pensamentos que lhe ocorrem enquanto você lê são seus, não são meros reflexos do que estou dizendo, e essa é a principal razão pela qual você os aprecia ao vê-los surgir por trás das minhas frases. Não é?

— Muito provavelmente, senhor. E estou começando a gostar desta conversa.

— Sim, ela é sobre você. Eu sabia que você iria gostar. Então, esses pensamentos que são seus e não meus são alheios a este livro. Você não acha que eles poderiam ser chamados de uma espécie de distração?

— Isso seria injusto, senhor. Garanto-lhe que o estou acompanhando de perto. Devo admitir, porém, que não estou tentando memorizar o que o senhor diz: isso estragaria todo o prazer que encontro na leitura. Estou até disposto a admitir que esse prazer é meu e, portanto, pode ser chamado, como o senhor diz, de uma espécie de distração. Na verdade, eu estava pensando...

— Ahá! Você estava pensando...?

— Bem, eu estava pensando numa fazenda, no Maine, onde havia um sótão como o que o senhor mencionou. Quando íamos para lá no verão, ainda dava para sentir o cheiro das maçãs colhidas no inverno, e eu amava. Ficava horas

sentado ali, quando menino, pensando. Viu? Já pensava em meus pensamentos. Na verdade, muitas vezes, quando vejo a imagem que me dá a mais profunda impressão de felicidade interna, o retrato de Erasmo escrevendo, penso naquele antigo sótão. Não tenho dúvida de que pensei em Erasmo, alguns minutos atrás, pois fiquei irritado, por um momento, com a lembrança de um homem que uma vez me perguntou, diante de tal retrato: "Quem é esse velho de nariz comprido olhando para baixo?". Odeio gente ignorante. A lembrança desse fato fez com que eu me contorcesse na cadeira, e tive que me esforçar para pensar em outra coisa.

— Pelo visto, eu não estava muito errado: você estava pensando em várias coisas que não estão neste livro.

— Sim, mas elas vieram por causa do livro, e não me surpreenderia se, ao pensar no seu livro, eu me lembrasse de trechos inteiros dele, isto é, amanhã, quando estiver fazendo um trabalho importante no meu escritório.

— Obrigado. Você também pensou nisso?

— Bem, seria difícil não pensar. O que assinarei amanhã envolve uma quantia que eu levaria cinco anos para ganhar. No entanto, estou confiante de que tudo dará certo e poderei proporcionar a meu pobre filho a colocação que ele deseja.

— Agradeço-lhe a resposta. Porque começo a conhecer seus pensamentos muito bem. Naturalmente, eles são todos sobre você, e assim deve ser. É claro que há em sua mente pensamentos tão ocultos, tão profundos, que nenhuma escavação seria capaz de revelá-los, mas não há dúvida de que eles estão ainda mais perto de sua essência do que aqueles que você descobriu no decorrer de nossa conversa. Às vezes, de modo bastante inesperado, nós nos damos conta da pulsação de nossas artérias, do próprio fato de estarmos vivos. Essa consciência não tem nenhuma utilidade para nós, a não ser que, de alguma forma, contribua para que continuemos vivos, mas somos generosos quando nosso ego está em jogo. Veja bem, não o estou repreendendo.

— Seria ingratidão de sua parte se o fizesse, pois, permita-me repetir, creio que quase nunca li algo com tanta atenção quanto este livro.

— Certamente. No entanto, você deve admitir que, mesmo interessado neste livro, estava interessado também em outras coisas. É assim com todo mundo. Você já ouviu falar que Sir Walter Scott, quando encontrava o argumento central de um novo romance pelo qual sua imaginação seria naturalmente absorvida, lia diversos livros sem nenhuma relação com o assunto que ele desenvolveria, pelo mero fato de que a leitura fortalecia o funcionamento de seu cérebro? Esses livros faziam por seu poder criativo o mesmo que as multidões da cidade fizeram por Dickens.

Quando você diz que estava lendo este livro com atenção, quer dizer que seu intelecto estava utilizando parte de sua consciência, digamos um quinto ou, na melhor das hipóteses, um terço, no livro. Mas seu intelecto não passa de um bom funcionário fazendo trabalhos externos para você. Você não parou por causa disso, realizando o trabalho do seu ser, infinitamente mais importante para você do que qualquer teoria. O que é importante para você é o sótão em que costumava ficar horas meditando, com o perfume de maçãs ao seu redor, o retrato de Erasmo que você ama, sua indignação eterna com o homem que não apreciava esse retrato, o futuro de seu filho e uma chance excepcional de melhorá-lo. Enquanto você imaginava que *A arte de pensar* o estava fazendo pensar, você estava pensando em seu filho, em Erasmo, no indivíduo ignorante, no sótão e, sem dúvida, em dezenas de outras coisas que não conseguimos verificar. Os pensamentos que você é tentado a chamar de "distração" são o que seu ser está pensando, *apesar* do livro, e, para dizer a verdade, o livro é que é a sua distração. Quando escrevemos, acontece a mesma coisa. Devo lhe dizer o que meu ser pensa enquanto o "bom funcionário" segura minha caneta? Pensa que eu realizaria meu trabalho com grande prazer se, duas horas atrás, não tivesse visto uma gata de rua vagando na garoa, com dois gatinhos assustados ao seu lado. Amo gatos tanto quanto você odeia gente ignorante.

A introspecção, o olhar para dentro, enquanto o espírito está ativo, sempre revelará coisas semelhantes. Os psicólogos falam do "fluxo mental", e essa expressão, por si só, significou um imenso progresso no domínio da observação interior, em comparação com a divisão enganosa da alma em faculdades isoladas. Na realidade, o fluxo em nosso cérebro carrega imagens — relembradas ou alteradas —, sentimentos, resoluções e conclusões intelectuais ou parcialmente intelectuais, tudo misturado e confuso. E esse processo nunca pára, nem mesmo durante o sono, assim como um rio nunca detém seu curso. O fluxo mental é como um riacho que desce a montanha, cujo curso é continuamente interrompido e que só avança remoinhando. Quando olhamos para dentro, deparamo-nos com um movimento perpétuo, mas, se não nos limitarmos a espiar e desviar o olhar, notaremos imediatamente o deslocamento circular e o reaparecimento de cadeias psicológicas inteiras.

Essas cadeias são invariavelmente produzidas por alguma imagem. O cavalheiro com quem acabei de ter uma conversa muito esclarecedora tinha a mente cheia de uma infinidade de imagens — reflexões insignificantes, tão rápidas e também tão entrecortadas e fugidias quanto as pequenas ondas de um riacho —

mas ele estava consciente ou semiconsciente só de alguns. Que imagens eram essas? Um quarto numa casa de campo, o retrato de Erasmo, pintado por Holbein, um indivíduo ignorante e o filho. Para mudar nossa comparação — pois quanto mais a utilizamos, mais nos escapa a realidade —, tais representações eram como os fragmentos brilhantes de um caleidoscópio, que se apresentavam à mente de meu interlocutor em intervalos irregulares.

Evidentemente, essas imagens agiam sobre ele como todas as imagens agem sobre nós. Algumas nos atraem e outras nos repelem. O antigo sótão lhe proporcionava total satisfação; Erasmo também lhe proporcionaria satisfação, não fosse pelo indivíduo ignorante, mas, com o tempo, até a lembrança do indivíduo ignorante passaria a ser tolerável, porque produzia não somente irritação, mas um agradável senso de superioridade. Quanto ao filho, era delicioso ver seu rosto fechado transformado pela alegria ao ouvir o pai dizer: "Está tudo bem". Mas era o inverso imaginá-lo, um ano depois, pegando o mesmo trem das 8h17 para fazer o mesmo trabalho inferior. Provavelmente, quando o cavalheiro representava a si mesmo cheirando as maçãs murchas, a imagem plácida do filho estava muito próxima, mas quando as palavras irritantes do indivíduo ignorante eram ouvidas com sua voz satisfeita, a precária estação, onde o filho tomava a condução junto com outros escravos resignados, não se encontrava muito longe. Digo provavelmente, pois, quem sabe? É possível que busquemos alívio para uma imagem desagradável numa imagem mais agradável. A corrente entre as margens espinhosas é tão rápida e tão profunda que é impossível ver seu curso.

Tudo o que podemos dizer é que: 1. A maioria de nossas operações mentais é acompanhada de imagens ou é produzida por imagens. Nesse aspecto, não diferimos muito dos animais domésticos que nos rodeiam. (Se não admitíssemos que o cérebro de um cachorro registra uma enciclopédia de imagens, sons e odores, grande como um dicionário, que ele utiliza por meio da memória, seu comportamento seria totalmente ininteligível). 2. Essas imagens estão intimamente ligadas a desejos ou repulsas, a coisas que queremos ou não queremos, de modo que esse querer ou não querer parece ser a força motriz de nossa psicologia, provavelmente em conexão com algumas condições elementares de nosso ser. 3. Inevitavelmente, as pessoas revelarão, com seus pensamentos e palavras, com sua visão de vida e sua vida em si, a qualidade das imagens que povoam sua mente. A investigação e avaliação dessas imagens, junto com a investigação e avaliação de nossas simpatias e aversões, nos dirão a respeito de

nosso valor moral com mais precisão do que nossas ações, pois elas são as raízes da ação. Mas voltaremos a falar disso mais tarde.

Certamente, você diz, o que você descreveu até agora não é pensamento. Às vezes, nosso cérebro deve estar livre de imagens, de gostos ou desgostos, de desejos e repulsas. Deve haver um tipo superior de operação mental, algo imaterial que resulta em abstrações. Como os sistemas matemáticos e filosóficos surgiram? O que é a lógica?

Sim, existem linguagens abreviando bilhões de experiências e fórmulas preenchendo bibliotecas inteiras. Aquele de nossos ancestrais pré-históricos que, lutando contra a onomatopéia e quase desesperado ao ver uma sutileza de significado que ele não podia expressar, inventou pela primeira vez o tempo futuro, juntando expressões como "amanhã", "nascer do Sol" ou "café-da-manhã" com um substantivo verbal rudimentar, era um gênio. O trabalho intelectual produziu milhões de livros que, por sua vez, mantêm ocupadas as mentes mais nobres. E tudo isso tende à abstração. Mas seu estudo pertence à ciência do pensamento, enquanto aqui estamos preocupados somente com a arte de pensar. No entanto, é útil, mesmo para o nosso propósito, dizer algo sobre esse aspecto menos prático do assunto.

Acreditamos que o pensamento — como se acredita equivocadamente no caso do diamante — pode existir em estado bruto, sendo elaborado sem imagens. Temos a convicção de que somos capazes de chegar a conclusões, práticas ou especulativas, sem a ajuda de imagens.

Mas que conclusões são essas? Antes de tudo, há alguma? Como podemos ter certeza de que sim? Toda vez que realmente conseguimos assistir a nosso processo mental, descobrimos a presença de imagens. Você diz "pensamentos", "pensamento puro", e está convencido de que diz isso sem nenhuma imagem associada; mas você está certo ou errado? Quando você diz "pensamento", é ou não é possível visualizar uma cabeça humana, uma fronte ou o interior de um crânio, não com a terrível forma gelatinosa do cérebro, mas talvez como um intrincado aparato destinado a classificar e armazenar os resultados do trabalho mental ou o delicado mecanismo de um relógio?

Os nomes das operações mentais que agora são abstratos não o eram originalmente. *Ver* e *conhecer* são a mesma palavra em grego; *ponderar*, que soa tão intelectual, obviamente significa *pesar*; *pensar* é o descendente espectral de uma palavra muito mais áspera que significa *parecer*; *lógica* e *fala* são a mesma palavra; e — contra o excesso de orgulho intelectual — *idéia* significa *imagem*!

As imagens podem ser subconscientes e mais difíceis de detectar do que supõem as pessoas que nunca o tentaram. Podemos ter consciência de um filme rodando — com muitas interrupções absurdas — em nosso cinema interior e não ter muita consciência de outra imagem fixa, visível, mas não facilmente perceptível, no decorrer do filme. Nada é mais freqüente do que essa superposição de imagens que progridem em velocidades variáveis. Elas são responsáveis pelas inesperadas conclusões às quais chegamos, com a atenção aparentemente voltada para assuntos completamente diferentes. Um cavalheiro cuja mente está ocupada, enquanto lê, com as minúsculas fotografias que sua memória tirou de uma casa no Maine, de repente pode ouvir uma voz interior lhe dizer claramente: "É muito ruim ler quando não precisamos", o que faz com que ele feche o livro imediatamente. Por quê? O processo de solidificação mencionado acima apresenta, sob o filme da casa no Maine, a imagem do Dr. Wilmer, já que a última consulta com ele não se ausentou do subconsciente nem por um instante. Há, portanto, três camadas (talvez mais, é claro) perceptíveis na mesma consciência:

Livro sobre a arte de pensar
Casa no Maine
Oftalmologista

Às vezes, percebemos com bastante nitidez uma sucessão de imagens que se chocam e se comprimem, conduzindo com extraordinária rapidez a uma conclusão evidente. O mesmo cavalheiro que lamento ter tornado patético (mas que nunca ficará cego) pode chegar a uma conclusão inesperada: "Comprarei aquela casa em Nova Jersey!". Incrível! Nem um pouco. A sucessão de imagens que se lhe apresentaram pode ser vista claramente:

Casa no Maine + trens lentos + duas baldeações + invernos frios + Jones próximo = indesejado

Casa em Lakewood (recomendada pelo agente) + bons trens = próximo + sem mosquitos = sono tranqüilo. Sono tranqüilo + proximidade + pinheiros + solo arenoso = atraente = sorriso = comprar

Todas essas imagens podem se suceder com a rapidez de um relâmpago e, como geralmente consideramos a rapidez como uma qualidade de pensamento, a

concatenação é chamada de pensamento, mas, na realidade, é somente uma seqüência de imagens, como sempre.

Com bastante freqüência, temos consciência de palavras isoladas que se intrometem vagamente quando nossa mente está ocupada: são como etiquetas nos retalhos de uma caixa de costura. De modo não tão freqüente, vemos ou ouvimos uma frase inteira, de oito ou dez palavras, como o cavalheiro de quem falamos, e somos tentados a imaginar que pensamos com palavras, o que seria superior a pensar com imagens. Mas não é o caso. As palavras e as frases estão ali pelo hábito que a maioria de nós tem de sussurrar de maneira audível "mais setenta e cinco..." enquanto contamos dinheiro ou murmurar "não posso fazer isso de novo" quando cometemos um erro. As palavras internas são somente uma expectativa.

Somos confrontados, pois, com uma grande quantidade de imagens. Como as abstrações resultam de imagens, inevitavelmente remetem a elas. É difícil pensar na história sem visualizar grandes homens ou alguma grande época, e duvido que possamos mencionar a ciência sem nos lembrar de experimentos famosos. Poucas palavras, certamente, são tão espirituais quanto a palavra *verdade*, mas quando a ouvimos nós imediatamente a associamos a algum exemplo de devoção à verdade ou a alguma pesquisa específica que nos faz perceber a beleza da verdade e, mais uma vez, contingências definidas reaparecem. Não é necessário recordar como a geometria está intimamente ligada às suas próprias figuras. Quanto à lógica, não significa nada se não se pronuncia sobre congruência ou incongruência. Por que não seria assim no caso da congruência ou incongruência de duas imagens ou grupos de imagens, acompanhadas de uma declaração abstrata? De fato, estamos conscientes de que é assim mesmo.

Alguém perguntará: Mas não existe em nossa mente algo que seja sua própria natureza e sem o qual não haveria mente?

Entendi. Você já ouviu falar dos princípios da razão pura. Bem, leia os filósofos e me diga se você se sente muito empolgado ou intelectualmente intrigado ao saber que, diante do choque de duas bolas de bilhar, seu intelecto registra que nada acontece sem uma causa ou sem razão suficiente. O que Kant, ou mesmo um metafísico mais prático, como Sir William Hamilton, nos diz sobre a natureza do intelecto pode constituir um poderoso esforço mental, mas os resultados não são proporcionais a ele. Podemos vislumbrar o funcionamento de nossa mente de maneira vaga e não muito mais satisfatória do que os resultados numa tela de raios-X vinte anos atrás, mas sua natureza continua sendo um mistério entre

muitos outros mistérios. Essa idéia, somada ao fato de estarmos lidando com uma arte prática, e não com uma filosofia propriamente dita, deveria fazer-nos reconhecer a nossa ignorância.

CAPÍTULO 11

Como avaliar o pensamento

A qualidade do pensamento pode parecer difícil de detectar devido às várias camadas sob as quais ele se oculta, mas com a prática da introspecção essa dificuldade desaparece. Com um pouco de experiência, vemos que os critérios de avaliação do pensamento são, primeiro, as imagens nas quais ele se baseia; segundo, as simpatias e aversões correspondentes a essas imagens e, finalmente, a energia mental que nos permite combinar dados intelectuais com algum grau de sucesso.

É evidente que uma pessoa cuja mente está cheia de imagens de prazer trivial, conforto, comida, roupa, dança, viagens, companhia agradável, enfim, bem-estar material, está muito mais distante do que chamamos de pensamento do que a pessoa cuja imaginação está voltada para cenas belas, as paisagens da Itália, por exemplo, com seus tecidos nobres, a singularidade e o apelo da Antigüidade, igrejas e museus cheios de obras de arte e lembranças de grandes artistas em toda parte. A superioridade de um artista em relação a um homem comum é indiscutível e não provém senão da superioridade das imagens que se lhe apresentam. De novo, quando a mente de um Ruskin ou de um William Morris é habitada, não somente por imagens de pura beleza, mas por visões de uma humanidade melhor e mais feliz, inclinamo-nos perante essas imagens, mais nobres do que aquelas que encantam um artista comum. Não é difícil remontar a escala de valores morais correspondentes às imagens motrizes visualizando sucessivamente as características do patriota, do reformador social, do reformador moral, do santo ou do grande intérprete religioso. Essas imagens tornam-se cada vez mais sublimadas, mas as do místico são tão vívidas quanto as do artista. Que visões passam por nossa mente quando estamos à toa, que cenas imaginamos espontaneamente? Deveríamos saber, pois a simples idéia de introspecção conduz inevitavelmente à própria experiência de introspecção. Desse modo, podemos ser nossos próprios juízes. E esse pensamento é assustador.

Naturalmente, nossas simpatias e aversões são da mesma ordem que as imagens correspondentes a elas, e seria tedioso insistir nesse assunto. É evidente que aquelas imagens da qual não temos muito orgulho não apareceriam com tanta freqüência em nossa mente se fossem seladas com o veredito: "malquista", "indesejada".

Por outro lado, deve-se chamar a atenção para o fato de que a maioria das pessoas tem mais consciência de suas aversões do que de suas simpatias; estas últimas são fracas, enquanto o ódio é forte. Uma das características humilhantes da natureza humana é que nos ressentimos de algumas coisinhas que nos irritam mais do que apreciamos tudo aquilo pelo qual devemos ser gratos. O ponto de vista de um viajante pode ser modificado injustamente porque, durante os últimos dias de sua visita, teve a infelicidade de encontrar pessoas chatas, ignorantes ou desagradáveis. Em alguns casos, porém, ele até fica feliz de encontrá-las, por também estar irritado e a fim de reclamar. Um crítico propenso a elogiar um livro o condenará se o último capítulo for de encontro a alguma idéia sua. Homens e mulheres dotados de entusiasmo são quase sempre otimistas, mesmo sabendo da miséria em que se encontra o mundo, mas quantos são assim? Pouquíssimos! Vale lembrar que Antoine, o curandeiro belga, ficou conhecido na Europa por pregar o amor aos nossos inimigos — uma doutrina já tradicional (em tese) para os cristãos. Felizmente, milhares de pessoas a consideraram uma novidade e se entusiasmaram com a idéia.

Outro sintoma ou causa do pessimismo é a existência em nossa consciência de hábitos mentais deprimentes, que os freudianos chamam de *complexos*. Voltaremos a eles na segunda parte deste livro, mas tínhamos que mencioná-los aqui, porque seus efeitos não podem ser negligenciados numa avaliação da qualidade de nossos pensamentos.

A introspecção pode ser complementada e controlada por duas fontes de informação de que mal suspeitamos: nossa correspondência privada e, acima de tudo, nossa maneira de falar. Ambas estão abertas à plena luz da consciência e não precisam ser investigadas por meio de um processo mais psicológico. O que nos ouvimos dizer? Estamos satisfeitos em só repetir o que se projeta em nosso cinema exterior ou interior? — "Este carro está indo rápido demais" ... "Gostaria de ter um Studebaker" ... "Um chá agora cairia bem". — Da mesma forma, nossas mensagens não são cheias de trivialidades e detalhes insignificantes, diferentes das cartas da cozinheira só em virtude de um pouco mais de gramática e ortografia? Nosso prazer de criticar, em vez de valorizar, não se manifesta em um monte de frases que começam com "odeio", "detesto", "não agüento", e assim por diante? Nesse caso, não escapamos do veredito indiscutível: MEDÍOCRE.

O terceiro elemento a ser levado em consideração se quisermos que nosso inventário seja completo é a resiliência mental. A loquacidade, a autoconfiança, uma memória boa o suficiente para transmitir um conhecimento adquirido com

facilidade, às vezes até roubado, podem nos enganar a princípio, mas não por muito tempo. De um modo geral, somos capazes de distinguir, entre dois homens, o mais sábio, assim como distinguimos o nadador mais rápido numa competição de natação. Quanto à estimativa de nossa própria elasticidade mental, basta uma investigação simples e honesta. Se nossa mente não for muito diferente do cinema mencionado acima, não pensamos mais do que um espelho. Se nos entediamos com qualquer assunto além daqueles que alimentam nossas pequenas aversões ou simpatias, não pensamos. Se, no momento em que um livro ou jornal levanta uma questão que exige alguma informação ou reflexão suplementar, bocejamos, inquietamo-nos ou procuramos logo fazer outra coisa, detestamos pensar. Se, ao tentar refletir, sentimos cansaço, sono ou uma tendência a simplesmente repetir palavras, não sabemos o que é pensar. Se sabemos o que é, mas, como Montaigne diz, temos preguiça de atacar um problema mais de uma ou duas vezes, somos pensadores fracos. Então, o que somos na verdade?

Papagaios, macacos de imitação, escravos humildes copiando seus senhores. Quando um indivíduo visita os Estados Unidos pela primeira vez não consegue deixar de notar um fenômeno curioso. A americanização, a transformação da variedade estrangeira em homogeneidade americana, não se produz, como imaginam os centros americanizantes, pela substituição de um novo conjunto de idéias por outro. A coisa acontece de maneira muito mais simples. Muito antes de o recém-chegado começar a conhecer o idioma que ele chama de "americano" e antes mesmo de mudar seu nome de Silvio para Sullivan, ele já procura ser o mais americano possível, de acordo com seus modestos recursos. Raspa o bigode e corta o cabelo ao melhor estilo militar. Passa a freqüentar jogos e aprende rapidamente a gritar como um torcedor local. Logo, suprime a expressividade de seu semblante, substituindo-a por um ar abobalhado, mas bonachão. Nove em cada dez vezes copiará a hesitação antes de falar, acompanhada por um movimento silencioso dos lábios, freqüente nos americanos de sua classe. Não tem dificuldade em adotar a saudação com a mão que possivelmente a América legou de seus ancestrais romanos. Foi-lhe dito, antes de sair de Nápoles, que um americano que se preza se veste bem, e seu primeiro dinheiro é investido nisso. Ele não tem dúvida de que um país em que um garoto de dezoito anos ganha cento e cinqüenta liras por dia só pode ser um país divino. Convencido disso, passa a ter horror por tudo o que lembra a Itália. Logo em seguida, revela-se a ele o abismo que existe entre "the girls" e "le donne". No momento em que pode escrever para casa dizendo que já fala "americano", está pronto para defender, a qualquer custo,

a democracia e a mulher americana, e receberá seus documentos sem nem uma semana de atraso. Todo o processo ocorreu de fora para dentro, e seu principal elemento pode ter sido o movimento silencioso dos lábios, que é um sintoma de grande receptividade.

O que faz a maioria das pessoas que não são pobres imigrantes, mas simplesmente "a população"? Elas não possuem também roupas, modas, maneirismos, fórmulas (preste atenção no que dizem na ópera ou em exposições de arte)? Não somente suas atitudes, mas também sua postura em relação à vida, não são todas copiadas de modelos aprovados para padronização? Suas vidas não são todas iguais?

A maior parte desse questionamento é supérflua. Sabemos que dezenove em cada vinte pessoas não pensam, mas vivem como autômatos. Certa vez, censurei o Sr. Arnold Bennett por ter intitulado um de seus livros *Como viver com 24 horas por dia*.[1] Evidentemente, esse título sugere um livro para pessoas muito ocupadas, em busca de um método para compactar quarenta e oito horas em vinte e quatro. Pelo contrário, o livro é destinado a pessoas ociosas e pretende fazê-las viver vinte e quatro horas por dia. O título real deveria ser: *Como viver vinte e quatro horas, ou uma hora, ou dez minutos por dia*. Porque a maioria das pessoas não vive nem isso num dia, e o livro de Bennett vem a calhar.

---

1 Cf. a edição brasileira: trad. de Ana Júlia Galvan; Editora Auster, 2019 — NE.

CAPÍTULO 111

O verdadeiro pensamento

Entra em cena o pensador. Todos nós já o vimos em meio a um grupo surpreso, incrédulo e muitas vezes abobalhado de não-pensadores. Às vezes, ele é um homem muito simples, o mecânico de beira de estrada, saindo lentamente de sua garagem. Ao redor do carro enguiçado, dois ou três homens discutem acaloradamente, dando palpites ineficazes, quando o homem taciturno aparece. Por uma hora eles discutiram, tentaram, e não chegaram a lugar nenhum. Agora fazem silêncio. Os olhos inteligentes do mecânico, auxiliados por suas mãos aparentemente infalíveis, percorrem as peças do motor. Enquanto isso, sabemos que sua mente está analisando dezenas de hipóteses que, para nós, não passam de enigmas. Logo o problema é encontrado. Às vezes o homem ri. De quê? De quem? Difícil saber. De qualquer forma, sentimos a presença de um cérebro.

Um grupo de estudantes de medicina rodeia uma cama: três ou quatro deles examinaram o paciente, e agora é a vez de um residente, pois o caso é excepcionalmente interessante e talvez mereça registro. De vez em quando, o jovem médico diz algumas palavras, que os alunos anotam sem demora. De repente, o grupo se alvoroça: o mestre Potain, em pessoa, está aqui. Ele ouviu falar do caso e quer vê-lo com os próprios olhos. Logo, inclina sua magnífica cabeça sobre o paciente e começa uma cena inesquecível para quem a testemunhou. Não se ouve uma palavra sequer. A esplêndida inteligência do famoso médico está concentrada agora em seu ouvido. Com os olhos fechados e uma extraordinária expressão de receptividade no rosto, Potain ausculta o doente. Às vezes, uma espécie de placidez em sua expressão mostra que o exame progride: todo som infinitesimal, toda ausência de som é interrogada. Os alunos sabem que até a menor ruga da pleura se torna visível para esse homem prodigioso, enquanto ele ausculta. Meia hora se passa sem que nenhum daqueles jovens se canse dessa cena, por mais silenciosa que seja. Todos estão profundamente envolvidos no caso. Por fim, Potain se ergue novamente: o caso é claro como se todos os órgãos estivessem sobre a mesa de dissecação — como estarão, infelizmente, dentro de alguns dias —, e poucas palavras simples bastam para descrevê-lo: através do sólido tórax, acaba de atuar uma inteligência irresistível.

Você conhece o auto-retrato de Cézanne, uma obra maravilhosa, produzida com meios tão simples que o artista pode tê-los encontrado numa ilha deserta? Se você já o viu, mesmo que só por alguns segundos, nunca esquecerá aqueles olhos, claros, duros, implacáveis, frios e cortantes como o aço. Os artistas geralmente possuem esses olhos, feitos não tanto para amar a realidade, como as pessoas dizem, mas para ir direto ao essencial. Degas tinha esse tipo de olhar. Há pouco tempo, vi esses olhos no rosto de um jovem pintor de aparência misteriosa, elegantemente vestido, do lado de fora de "La Ruche", na Vaugirard: ele me interessou, e nossos olhares se cruzaram como espadas, acima do âmbito da mera polidez. Esses olhos vêem com clareza onde outros não vêem nada. Qual é o poder de um Napoleão ou mesmo de um Mussolini? Não se trata de um "poder" qualquer, mas de puro magnetismo, e o magnetismo é uma questão mais de inteligência do que de força. Tais homens *enxergam* as necessidades de uma época, e ai das pessoas que não enxergam como eles! Recairá sobre elas um desprezo como o da águia pelas criaturas rastejantes.

Lembro-me de uma vez em que levei Angellier[2] de surpresa a uma reunião em que se escutava o murmúrio suave de elegantes trivialidades. Ele se sentou e ficou ali ouvindo. Sua cabeça não deixava passar nem mesmo a convencionalidade mais desprezível, uma cabeça soberba, tão bem posicionada sobre os ombros atléticos que muitos diriam que ele era alto, embora não fosse. Tinha, acima de tudo, uma capacidade de atenção tão marcada que seus olhos profundos pareciam realmente lançar redes ao mundo exterior. A desproporção entre o que Angellier podia esperar e o que a realidade lhe apresentava naquela tarde era evidente, mas em poucos minutos a conversa adquiriu um tom mais elevado, cada palavra dirigida àquele desconhecido de semblante atento. Logo veio também a recompensa. Angellier, endiabrado, presenteou-nos com o seu melhor: uma sucessão de declarações esclarecedoras, que suas metáforas shakespearianas vestiam com brilho mágico. Um espetáculo raro. Lembrou a descrição de Robert Burns feita por Angellier nos salões de Edimburgo.

Todos grandes homens, você dirá, todos homens famosos, em algum nível! É verdade, mas existirá alguém no mundo que não conheça, em seu círculo social imediato, uma pessoa cujo poder de visão intelectual seja extraordinário? Existirá alguma vila em que um astro não desempenhe o papel de Branwell Brontë nas tavernas de Haworth? Existirá alguma família ou pequeno núcleo social que não conte, em seu seio, com um *tintinnajo*, o oráculo da família, sobre quem

costumamos dizer quando questões difíceis se apresentam: "*Ele* saberá o que fazer"? Poucas conversas passam sem que digamos para nós mesmos: "Não tinha pensado nisso". Isso significa que alguém, talvez por acaso, tenha se revelado um pensador. Logo após a Revolução Russa, em 1917, meia dúzia de pessoas reunidas num salão de Paris se divertia com o passatempo familiar na época de comparar o czar com Luís XVI, a czarina com Maria Antonieta, Kerensky com os girondinos etc., de modo que parecia muito fácil prognosticar o futuro da Rússia com base na história da Revolução Francesa. Alguém disse: "Vocês acham que a crise acabou, não é? E o que significa o conselho de soldados e trabalhadores que se reúne na Estação da Finlândia? Em breve, vocês verão. Aguardem". Uma intuição brilhante que, em poucas semanas, os fatos começariam a corroborar.

Tais experiências são familiares para todos nós, deixando-nos, com freqüência, uma marca profunda. Adoramos ver o pensador em ação, pois sua personalidade, somada à sua imprevisibilidade, exerce sobre nós um efeito ainda mais poderoso do que sua iluminação. Ninguém negará que o pensamento, como a oratória, deve ser bebido na fonte. O que Port-Royal mais apreciava em Pascal era sua "eloqüência": para eles a palavra não significava retórica persuasiva, como significa para nós, mas a capacidade de expressar com clareza pensamentos difíceis de colocar em palavras. Provavelmente o interesse deles pelas anotações quase indecifráveis deixadas pelo filósofo estava na esperança de que esses pedaços de papel revelassem algo de sua originalidade. Os leitores de Boswell não duvidam que Johnson tenha sido um conversador extraordinário, mas poucos estudantes de literatura inglesa se dão conta de que uma década ou duas do século XVIII jamais seriam chamadas de "Era Johnson" somente por seu *Dicionário*, *Rasselas* ou sua *Vida dos poetas*. A genialidade de Johnson estava no que ele falava, não no que ele escrevia. Como Léon Daudet disse sobre Marcel Proust, adoramos uma conversa "cheia de flores e estrelas", sendo as estrelas os pensamentos raros e as flores sua expressão fascinante.

No entanto, de tempos em tempos, vemos as idéias de um pensador progredirem independentemente dele, ou porque o pensador não era eloqüente, porque suas idéias eram difíceis de entender, ou porque o próprio homem parecia hermético para seus contemporâneos. Esse fenômeno eleva nossa percepção em relação à grandeza do pensamento. Se avaliarmos Descartes, refugiado na Holanda, seu discípulo Spinoza, o artesão, Kant, o típico professor provinciano, ou Karl Marx, comparando suas personalidades com sua influência, veremos que o contraste entre essas vidas modestas e o rastro de brilhantismo que eles

deixaram para trás é surpreendente. Basta um lampejo no cérebro humano para que, apesar da total falta de influência social, apesar do caráter recôndito das doutrinas, apesar da ausência de talento literário, toda a tendência intelectual da humanidade seja alterada por várias gerações. Muito mais espetacular é o processo quando a personalidade do homem é tão poderosa quanto sua influência (Júlio César, Napoleão), mas não é tão extraordinário. O pensamento pode realmente ser chamado de divino, pois é criativo.

O que caracteriza o pensador? Antes de tudo, e obviamente, a visão, palavra presente nas entrelinhas de cada uma das descrições acima. O pensador é, sobretudo, um homem que vê onde os outros não vêem nada. A novidade do que ele diz, seu caráter de revelação e o encanto resultante disso vêm do fato de que ele vê. Ele parece estar muito acima da multidão, caminhando pelo alto dos montes, enquanto os outros se arrastam pelo vale. Independência é a palavra que descreve o aspecto moral dessa capacidade de visão. Nada é mais impressionante do que a ausência de independência intelectual na maioria dos seres humanos: eles costumam ter as mesmas opiniões e atitudes, contentando-se com fórmulas repetidas, enquanto o pensador olha calmamente em volta, utilizando toda a sua liberdade mental. Ele pode concordar com o consenso conhecido como opinião pública, mas não porque se trata de uma opinião universal. Nem o sacrossanto senso comum é suficiente para intimidá-lo ao conformismo. O que poderia parecer mais próximo da insanidade, no século XVI, do que uma negação do fato — pois era um fato — de que o Sol gira em torno da Terra? Galileu não se importou: sua bravura intelectual deveria ser ainda mais admirável para nós do que sua coragem física. E não custou menos a Henri Poincaré afirmar, trezentos anos depois, que havia tanta verdade científica na antiga noção quanto na doutrina de Galileu. Einstein, ao negar o princípio de que duas paralelas nunca se encontram, deu outra prova extraordinária de independência intelectual.

Quantas pessoas, em agosto de 1914, discordaram da crença generalizada de que a guerra não poderia durar mais do que três ou quatro meses? Muito poucas. Centenas de pessoas na Europa tentam proteger os pedestres dos motoristas, mas somente uma, que eu saiba, pensou na medida radical que, por si só, obrigaria o motorista a diminuir sua velocidade: tirar sua buzina. Todo mundo ri da eloqüência espalhafatosa que ressoa nas casas parlamentares, destinada, obviamente, a algum eleitorado distante. Existe um método fácil para reduzir bastante essa prática, que seria obrigar os oradores a falarem sentados, mas quem pensa nisso? Quantos americanos percebem que seu país não é uma democracia,

mas uma oligarquia, e que boa parte de sua estabilidade se deve a esse fato? Quantos franceses vêem o contraste evidente que existe entre sua arquitetura moderna e os sublimes monumentos espalhados por todo o seu território? De fato, o mundo vive de frases feitas que se repetem à exaustão até que algum pensador, ou as duras lições da experiência — *experientia magistra stultorum* — abra uma brecha na concreta muralha da uniformidade geral.

Os indivíduos que pensam por conta própria geralmente parecem arrogantes e presunçosos, porque raramente ficam insatisfeitos consigo mesmos, ou irreverentes, porque se divertem derrubando ídolos. Homens de pendor intelectual como Bernard Shaw evidentemente lamentariam se os ignorantes de repente se tornassem sábios como eles. Odiar a loucura e tratá-la com crueldade é um exercício de sanidade: a Bíblia está cheia de exemplos disso. Os pensadores também tendem a parecer ditatoriais, obrigando as pessoas a segui-los. O motivo é que, ao ver a verdade — também chamada de salvação — e perceber que outras pessoas não a vêem, eles as tratam como os adultos tratam as crianças. Mais uma vez, Mussolini pode ser usado como exemplo disso. Mas, em sua natureza mais íntima, os pensadores são, acima de tudo, professores, e a maioria deles dedica a vida à pregação da verdade que vêem. Alguns o fazem em discursos ou livros admiráveis, outros na linguagem pitoresca do artista, mas, seja qual for o veículo, a devoção à verdade é sempre visível. Alguns literatos parecem originais por causa do caráter bizarro de sua maneira de se expressar, mas o mínimo esforço para extrair de sua página mais fascinante seu pensamento puro mostrará que eles têm pouco a dizer: não podendo se apresentar como professores, devem se contentar em imitar o acrobata, que faz um discurso de cabeça para baixo enquanto gesticula com as pernas. Tais homens encontrarão imitadores, mas não seguidores, enquanto o pensador, querendo ou não, será um líder.

---

2 Auguste Angellier (1848–1911), poeta e crítico literário, foi o primeiro professor de língua e literatura inglesas na Faculdade de Letras de Lille, na França. Polemizou com Hippolyte Taine a respeito da obra de Robert Burns, o poeta da Escócia — NE.

Capítulo IV

Possibilidade de uma arte de pensar

QUAL é nossa reação na presença de um pensador? A mesma que experimentamos na presença da beleza: ficamos surpresos no início, mas logo em seguida a admiramos. Só que, para algumas pessoas, a admiração é acompanhada de desânimo, enquanto para outras constitui um verdadeiro estímulo. Indivíduos com pendor literário que pensam demais em brilhantismo ficam logo deslumbrados, sucumbindo à inércia. Os indivíduos comuns reagem de outra maneira. Os mais confiantes pensam quase que invariavelmente: "Que pena que eu não fale assim! Eu bem que poderia falar. Se eu tivesse as chances que esse homem teve, sua educação, sua experiência de viagens, sua conexão com pessoas acostumadas a um tipo mais elevado de conversa ou talvez somente um vocabulário melhor, eu não seria este ignorante sem graça". No fundo, eles pensam que a distinção é herdada, não conquistada, e culpam o destino. Outros suspeitam que por trás de tudo existe uma fórmula, que eles não conhecem, mas que podem aprender. "Diga-me como", pedem eles, certos de que, se souberem a fórmula, alcançarão os resultados desejados. Descartando os ouvintes estúpidos, que consideram um conversador brilhante da mesma forma que um miserável fazendeiro francês considera um americano generoso, ou seja, como uma aberração, as pessoas sentem um parentesco em relação aos indivíduos mais talentosos da humanidade. A única diferença que vêem entre eles é acidental, podendo ser apagada num instante. Em outras palavras, eles acreditam em uma arte de pensar.

Por que eles acreditam nisso? Simplesmente porque até o indivíduo mais comum tem momentos em que vislumbra os estados de espírito que uma conversa brilhante reflete. Quem já conheceu pessoas do campo, mesmo as mais incultas, sabe que elas apreciam a beleza natural, uma paisagem, o último vestígio do outono nas árvores já desfolhadas, um pôr de Sol, o vôo ligeiro de um pássaro silvestre, tanto quanto um artista profissional ou um versificador. Tudo o que lhes falta são palavras ou mais confiança. Muitos se mostram tão relutantes em falar de seus amores mais íntimos quanto em mudar de sotaque.

Indivíduos enfadados mudam de estado quando ouvem um bom discurso ou lêem um livro capaz de despertar suas faculdades adormecidas. Talvez de cada mil homens, somente um seja totalmente insensível ao encanto da música: o resto,

por mais prosaico que seja, não poderá ouvir um toque de clarim, *Le Chant du Départ*, um belo órgão ou o canto de uma moça numa noite quente de verão sem experimentar certa ebriedade, que difere apenas em grau do estado de ânimo em que Shelley escreveu o poema *A uma cotovia*. Por mais raro que seja, todo mundo já experimentou um tumulto de impressões intelectuais valiosas, com uma agradável sensação de calor no coração. Todos nós apreciamos a lembrança de tais momentos, e a vida nunca nos endurece tanto a ponto de não desejarmos mais que eles voltem.

Estamos conscientes também de certos períodos durante os quais nossa mente rende ao máximo, de modo rápido e infalível. Antes de terminar em exaustão, a insônia geralmente produz uma lucidez que não se consegue com nenhuma meditação, e as vigílias de grandes escritores são um testemunho desse fato. A solidão prolongada acompanhada de um pequeno jejum age da mesma maneira, e os escritores também sabem disso. Dickens costumava andar pelas ruas de Londres a altas horas da noite, encontrando somente policiais sonolentos e gatos vadios. A maioria dos escritores sabe que seus livros são apenas escritos, e não vividos, quando não conseguem se separar de suas famílias e se isolar no sossego de uma velha cidade ou uma casinha de campo, onde ninguém fale com eles. Experimente atravessar o oceano numa embarcação modesta sem travar conhecimento com nenhum passageiro. Depois de três ou quatro dias, você verá que seu espírito não é o mesmo. Os retiros espirituais de dez dias ou até trinta dias, praticados por algumas ordens religiosas, são o resultado de tais experiências.

Mesmo sem a recorrência comparativamente freqüente de momentos de exaltação que quebram nossa rotina, podemos saber o que se passa na mente do pensador recordando nossa infância. Até os nove ou dez anos de idade, todas as crianças são poetas e filósofos. Elas parecem viver conosco, e nós imaginamos que as influenciamos de tal modo que suas vidas são apenas um reflexo da nossa. Mas, de fato, elas são independentes como os gatos e estão sempre atentas ao encanto mágico de seu mundo interno. Sua riqueza mental é extraordinária. Só os maiores artistas ou poetas, cuja semelhança com crianças é um fato sabido, podem nos dar uma idéia disso. Um menino brincando no jardim com seus blocos de montar, por mais que pareça não dar atenção ao que acontece à sua volta, pode estar o tempo todo consciente do pôr do Sol. “Vamos”, exclamou a babá a Félicité de Lamennais, quando ele tinha oito anos; “você já olhou o suficiente para essas ondas, e todo mundo está indo embora”. Ele respondeu: “Ils regardent ce que je

regarde, mais ils ne voient pas ce que je vois",[3] não para se gabar, mas porque queria continuar ali. Quem pode dizer o que os quatro Brontë[4] viram ou não viram nos pântanos que atravessavam todos os dias de mãos dadas? Você não se lembra de ficar olhando, por um bom tempo, para figuras aleatórias numa folha de papel ou em sua caixa de pintura? A maioria das crianças inteligentes, como foi o caso de Newman, tem as dúvidas dos filósofos sobre a existência do mundo. Quando vemos uma criança olhando fixamente para uma pedra, pensamos: "As crianças têm cada uma!", mas, na verdade, ao olhar para a pedra, ela está se perguntando se a pedra pode não ser eterna e o que é a eternidade. Eu mesmo vi uma menininha de nove anos interromper uma conversa de professores, que, a propósito, não falavam de nada importante, para fazer a incrível pergunta: "O que é a beleza? De onde ela vem?".

Essa superioridade do intelecto persiste até que a criança comece a imitar o que vê do lado de fora. Quando o menino começa a copiar o jeito do pai de balançar a cabeça ou encolher os ombros, sua pobre alma também começa a ficar satisfeita, descartando as perguntas de antes. Muito em breve, essa magnífica maré de interesse que enche a alma da criança desaparecerá, deixando-a seca e árida. Pode haver retornos ocasionais a ela. Os meninos em idade escolar, ao escrever uma redação para o professor, são visitados por pensamentos que eles percebem que seriam chamados de literatura, mas não se atrevem a escrevê-los, e a inspiração maltratada, por sua vez, não se atreve a voltar. É nesses momentos que aqueles de vocação literária olham para trás em desespero, perguntando-se por que só colhem banalidades onde outrora brotava inspiração. Somente no caso de um Blake ou um Whitman a passagem da criança ao artista é imperceptível.

Fato é que nos esquecemos da infância, e essa perda, por mais sutil que seja, é irreparável. Durante muito tempo, porém, lembramo-nos dela e tentamos revivê-la, de modo consciente ou não. Evidentemente, ninguém dirá que era mais inteligente aos oito de idade do que agora, aos cinqüenta, mas não é menos verdade que o relacionamento que temos com alguém que nos deslumbra se baseia em lembranças de momentos sublimes ou memórias de infância. "Envelheci", pensamos com razão. Ou: "Sou uma vítima, não tive sorte". Freqüentemente, ouvimos também a admissão interior, seguida por um sentimento mais esperançoso: "Caí na rotina, eu sei, mas se eu fizer o mínimo de esforço, se mudar apenas uma coisa e disser 'a partir de agora não falarei mais bobagem', num instante posso sair do rebanho de seres não-pensantes para me

tornar um daqueles que o lideram". Uma besteira, algo insignificante, o zumbido de uma mosca ou o bater de uma porta pode ser suficiente para perturbar esse estado de espírito e trazer de volta os pensamentos triviais com força total. Mas também é verdade que, durante alguns momentos, a única coisa que nos separava de uma vida mental superior era uma visão que sabíamos estar ao nosso alcance e um esforço que não envolvia cansaço.

Tudo isso para dizer que temos uma crença natural na existência de uma *arte de pensar*. Alguns homens a possuem, outros não, mas aqueles que não a possuem devem culpar somente a si mesmos.

Será mesmo? Devemos realmente acreditar que a incessante maré de pensamentos e sentimentos de milhares de almas é tão estéril quanto o inútil esforço das ondas? Estava certo Gray em sua *Elegia*?

uantas pérolas da mais delicada pureza
guardam as grutas do oceano, insondáveis!
uantas flores de invisível beleza
desperdiçam seu néctar em desertos impenetráveis!

Quem pode duvidar disso? Robert Burns, por pouco, não foi analfabeto. Quem não vê um elemento de sorte na vida de Shakespeare? A vida de Rimbaud não demonstra que um homem pode se desdobrar? Pessoas que conheciam apenas o senhor Rimbaud, o comerciante da África Oriental, devem ter ficado surpresas ao saber que ele era o Rimbaud, o gênio Rimbaud, que, antes dos dezenove anos, havia escrito poemas imortais, desprezando a literatura desde então. E o caso de Balzac? Eis um homem que entre os vinte e os vinte e nove anos só escreveu lixo, e depois produziu só obras-primas. Não é evidente, mesmo sem nos aprofundarmos muito em sua história, que sua mente foi prejudicada, a princípio, pela imitação de romancistas ingleses que tinham pouco em comum com ele, florescendo somente com a experiência própria? Como os historiadores da arte ou da literatura podem explicar o maravilhoso surgimento de épocas como a de Péricles ou o século XIII, sem mencionar as circunstâncias excepcionalmente favoráveis que impediram que o talento existente fosse desperdiçado? Tais períodos testemunham a existência, não de capacidades sobre-humanas de algumas centenas de indivíduos, mas a de uma atmosfera feliz que contribui para o desenvolvimento de muitos. O anonimato medieval é outra evidência da difusão de talentos nesses períodos afortunados. Dizem que os russos têm

facilidade para aprender outros idiomas. Não seria melhor dizer que a maioria das nações aborda o aprendizado de idiomas com tanto pavor que o indivíduo fica bloqueado? Vi pelo menos dois franceses nascidos na Rússia, com a dita facilidade russa para as línguas, e um inglês que não consegue aprender mais de cem palavras de hindustani não ficará surpreso ao ver seus filhos assimilando três ou quatro dialetos hindus nos bazares de Rangum. Se criarmos condições propícias, produziremos a arte de pensar. A questão é saber como criar essas condições, mas não é difícil.

---

3 "Eles olham para o que eu olho, mas não vêem o que eu vejo" — NT.
4 Charlotte, Emily, Anne e Branwell — NT.

SEGUNDA PARTE

OBSTÁCULOS AO PENSAMENTO

Nota preliminar

É óbvio que o principal obstáculo ao pensamento é a estupidez, ou seja, uma incapacidade congênita de pensar. No entanto, nenhuma condição anormal será tratada nas páginas seguintes. A maioria das pessoas que, em perfeita boa-fé, recorrem à psicanálise, na esperança de melhorarem a si mesmas, acabam desanimando ao constatar que praticamente todos os freudianos parecem interessados somente em casos patológicos. O homem que não tem motivos para duvidar de que é normal, mas está consciente, como todos nós, daquelas obsessões agora chamadas de "complexos de inferioridade", desejando se livrar delas, abandona, decepcionado, os livros sobre o assunto, que só apresentam experiência de hospital. Este livro é destinado a mentes comuns, igualmente distantes da genialidade, que desconhece obstáculos, e da estupidez, que vê tudo como obstáculo. Pressupõe, portanto, vidas comuns, com suas possibilidades e dificuldades.

Do mesmo modo, não será dada atenção à principal causa dos erros humanos, as paixões. Parece, à primeira vista, ilógico descartar o amor-próprio, o preconceito e os inúmeros gostos ou desgostos que nos impedem de ver os fatos como são, ou deduzir deles suas conclusões naturais. Mas o assunto deste livro é a produção, não a orientação do pensamento, e todos os seus capítulos partem do princípio de que somos honestos em nosso desejo de produzir pensamentos não adulterados.

CAPÍTULO V

Obsessões por complexos de inferioridade

TODOS nós as conhecemos. Todos temos consciência de um duplo estado de espírito no qual, por trás de um objeto fascinante, vemos um fantasma ameaçador ou desencorajador fazendo o possível para neutralizar a influência saudável que gostaríamos de não perder. Por exemplo, vemos uma jovem que conhecemos conversando em francês com um estrangeiro. Como é bonito o francês bem falado! Que fluência o *e* mudo e os sons da letra *n* dão ao idioma! Essa moça fala como uma francesa. Eu não sabia que ela falava assim, sem nenhum esforço. E seu interlocutor não parece se dar conta de conversar com uma estrangeira. É realmente maravilhoso! Por que é que eu fui largar o francês! Ainda leio sem muita dificuldade quando preciso, mas não leio muito, e se eu tivesse que falar, sei que passaria vergonha. Preciso fazer alguma coisa. Vou começar hoje mesmo. Nossa professora de francês costumava dizer que, se aprendermos dez palavras por dia, o que não é nada, saberemos quase quatro mil palavras em um ano, o que parece muito. Por que não faço isso? Pois é isso mesmo o que eu vou fazer. E, em um ano e meio, vou a Tours ou Grenoble para colocar em prática minhas quatro ou cinco mil palavras com os franceses de lá. Melhor isso do que assistir a peças idiotas.

Dez horas da noite. Em cima da mesa, Chardenal, o dicionário de francês, *Colomba*, romance de Mérimée, e um vocabulário de aparência austera, comprado há um tempo no saguão de um hotel. Nada tão atraente quanto a conversa presenciada anteriormente. O dicionário não tem nenhum encanto, mas não há como escapar da gramática, com os verbos e tudo. Eis as quatro conjugações, nem uma a menos do que na última vez em que o livro foi aberto, e o terreno parece inóspito como sempre. (*Surgem os fantasmas*). É claro que pessoas com boa memória aprendem os verbos com facilidade, mas minha memória não é boa. Dez palavras por dia não é nada, costumava dizer *mademoiselle*. Então, por que ninguém jamais aprendeu assim desde aquela época? Todo mundo pensou que aprenderia, mas, na verdade, ninguém aprendeu. Não tenho perseverança. Não consigo nem me manter firme na dieta. Não sou como fulano. Tenho perseverança zero. Nem adianta tentar. Além disso, é mesmo tão necessário saber francês? Hoje em dia, tudo é traduzido, e, quando Sorel ou Guitry aparecem, sempre dá para adivinhar o que eles dizem ou fingir que entendemos, como todo

mundo faz. E, se eu soubesse francês, ninguém acreditaria mesmo. Então, não importa. Afinal, existem outras coisas úteis além do francês. O conferencista do outro dia nos disse, com razão, que falamos o tempo todo de Shakespeare, mas não lemos seus livros, como acontece com a Bíblia. Vou ler Shakespeare. Um ato por dia, e termino em cinco ou seis meses. Vou terminar aquele livrinho divertido que comecei ontem à noite, mas logo depois vou começar *Tito Andrônico*.

Memória ruim. Sem perseverança. O que sobra de bom? Fulano é capaz. Todas essas visões desanimadoras são o que os personagens de Jane Austen costumavam chamar de "blues": não *idées noires*, mas *idées bleu foncé*;[5] não exatamente obsessões, mas obstruções parasitárias, que, ao menor sinal de uma vontade, atuam de pronto para abafá-la. E se resistirmos, os fantasmas hostis voltam sete vezes mais fortes, cravando em nós o complexo de inferioridade: "Não consigo, não dá".

Um pouco de introspecção e descobriremos que nossa mente está povoada com mais obsessões que idéias, e que a presença delas é, em grande parte, a causa de nossa impotência.

Os complexos de inferioridade nem sempre são o resultado da presença de sombras como as que acabei de mencionar. É suficiente que algum propósito ou desejo, alheio ao pensamento ou possibilidade de pensamento que estamos perseguindo, intervenha para deter o processo de pensamento eficaz. Muitas pessoas interpretam na vida cotidiana um personagem que não é seu, exaurindo o espírito pelo esforço constante. Muitos ingleses, tendo aparado a barba para parecer Eduardo VII ou Jorge V, nunca mais foram eles mesmos. Seus pensamentos, palavras e ações são todos representados. Eu costumava encontrar em Paris um homem parecidíssimo com Alfred de Musset. Mas ele não era Alfred de Musset, infelizmente! E como ele se convencera de que não era mais Dupont ou Durand, ele não era nada. Os políticos costumam representar personagens históricos e sua insinceridade natural se torna dez vezes maior. As pessoas que começam a falar um idioma suficientemente bem para imaginar que podem se fazer passar por nativos, mas que não o dominam o suficiente para usá-lo como instrumento, exagerarão a exuberância italiana, a vivacidade francesa ou a frieza britânica. Poucas pessoas que incorporaram completamente uma língua estrangeira escaparam dessa fase bastante ignominiosa, e elas admitirão que, no decorrer do processo, seus pensamentos não eram inteiramente seus, mas o reflexo

da imagem de algum italiano, francês ou inglês. O idioma anglo-americano teve uma influência central na americanização dos estrangeiros.

As relações sociais, com suas exigências e concessões — sua hipocrisia, para ser bem claro —, constituem uma fonte inesgotável de insinceridade que obstrui o pensamento. Quantas pessoas se atrevem a dizer que não leram o livro que três ou quatro outras pessoas numa sala estão discutindo? Quantos são corajosos o suficiente para não participar com um "sim, esse livro é ótimo!", que não engana ninguém, mas que fortalece o hábito devastador da alma de dizer algo quando não se tem nada a dizer? Existe um meio-termo igualmente vergonhoso entre o engano e a sinceridade, que consiste em comprar o livro, sem nunca abri-lo. A inspeção casual das prateleiras de algumas pessoas é esclarecedora. As folhas de uma determinada categoria de livros favoritos não estão cortadas. Não tenho dúvidas de que o sucesso, não muito tempo atrás, de um *best-seller* filosófico foi do tipo sem corte.[6]

A mesma comédia é encenada por jovens inexperientes que se apresentam como sabichões, discursando sobre ciências ou artes sobre as quais nada sabem. O que se ouve em exposições? É preciso ainda menos conhecimento para resumir um concerto falando de "linha, cor e sonoridade".

O desejo de parecer, em vez de realmente ser, pode viciar até as operações legítimas do intelecto. Suponha, por exemplo, que dois homens dediquem suas mentes com igual intensidade à questão das origens da Grande Guerra. Se um dos dois quiser exibir seu patriotismo ou seu internacionalismo em relação a essa questão, a qualidade de seu pensamento será inferior à de seu companheiro, cujo único objetivo é comprovar os fatos. A razão é que, a cada passo que o primeiro dá em sua investigação, ele se vê usando as informações recém-adquiridas, e essa visão, como qualquer fantasma parasitário, enfraquece o pensamento, por fragmentá-lo. Mais uma vez, ouça um discurso ou leia um poema com o objetivo de decorá-lo: você o lembrará melhor, sem dúvida, mas a impressão causada pela oratória ou o encanto poético diminuirá por essa preocupação alheia a seu conteúdo.

Duas noções justapostas na mente invariavelmente impedem seu funcionamento. Quando nos dizem que um determinado quadro é uma cópia, não o olhamos bem, mesmo sendo o original. No momento em que nos dizem que não é uma cópia, o quadro adquire um vigor que não possuía alguns minutos antes. A única comparação que parece adequada é nossa surpresa quando

descobrimos que o que pensávamos ser apenas uma sujeira na vidraça é, na verdade, uma grande pipa no céu, e vemos o pequeno ponto dez vezes maior do que parecia antes. Exatamente o mesmo fenômeno pode ocorrer em nossas mentes. Podemos conhecer uma pessoa, mais velha do que nós, há muitos anos e nunca ter reparado em seu rosto. Um dia de repente reparamos, e ficamos chocados ao descobrir um rosto envelhecido.

Vivemos de idéias e por meio de idéias. Eu vi um homem de inteligência excepcional deteriorar-se muito antes do tempo porque guardava todos os pensamentos brilhantes que lhe surgiam para uma ocasião melhor, ressentindo-se, depois, até de ter produzido tais pensamentos, como uma arraia-elétrica que resistisse a descarregar sua eletricidade com a convicção de poder esgotá-la. O registro de todas as operações intelectuais de que ele estava ciente interferia em todas elas, até que, com o tempo, isso o arruinou. Sabe-se que a metodização levada ao extremo produz efeitos semelhantes, porque se torna um fantasma assustador.

Pode parecer que os escritores profissionalmente treinados a observar o funcionamento de suas mentes, e em cujos manuscritos se encontrará material suficiente para a composição de uma arte de pensar, devem ser mais livres dessas sombras nocivas que o resto da humanidade. Mas não é o caso. A maioria dos escritores dotados do verdadeiro dom literário são indivíduos nervosos ou, de qualquer forma, excepcionalmente sensíveis, em cuja imaginação as mais leves impressões atuam sem restrições e muitas vezes de maneira cruel. Os românticos se orgulhavam dessa sensibilidade fazendo alusões freqüentes a ela, mas ela existe da mesma forma até em intelectos aparentemente mais robustos. De fato, é uma das características do escritor, limitando-se ao campo profissional. Muitos escritores se dedicam ao desenho como forma de relaxar, ignorando suas dificuldades habituais. Por outro lado, a liberdade descuidada e até imprudente de muitos artistas, ao escrever, provoca a inveja de seus colegas escritores.

Um escritor é um homem cuja vida interior se destina à inspeção pública. A menos que ele se sinta suficientemente poderoso para enfrentar essa provação, pensará o tempo todos nessa inevitável exposição de si mesmo, e a consciência disso é um fantasma que o enfraquece. Ninguém sabe tão bem quanto o escritor que ele não deveria pensar em duas coisas ao mesmo tempo, mas ninguém está mais inclinado a fazê-lo do que ele. Até o velho Varrão, encarnação da pura erudição, colecionador consumado de fatos, observou isso. Ele diz, num latim

incisivo, que o homem que se informa para vender suas informações aos outros é, ao fazê-lo, presa de um complexo de inferioridade.

O escritor é constantemente assediado por fantasmas. Taine foi assombrado pelo desejo de encontrar uma fórmula impossível para espelhar o mundo, até que o estudo da história o curou desse anseio, substituindo-o por um resumo tão simples daquilo que a história nos ensina que, a princípio, o autor tinha vergonha disso. Um fantasma semelhante é o medo de ver apenas um aspecto do assunto que se está estudando. Carlyle admite que conhecia essa obsessão e teve de fazer um esforço descomunal para superá-la. O escritor não tem medo de meros críticos, que, afinal, fazem parte de seu próprio ofício, estando pronto para combatê-los com todas as suas armas profissionais —inclusive o desprezo —, mas teme o sorriso de leitores imaginários, homens ou mulheres que ele nunca conheceu e que possivelmente não existem, mas a quem ele visualiza, em sua mente, como a realização de tudo o que gostaria de ser, dominando seu assunto como se fossem gigantes. A obsessão piora quando o escritor fica sabendo que o formidável leitor existe em carne e osso. Quase todos os alunos de Angellier tornaram-se escritores: nunca conheci alguém que não tremesse diante da idéia das críticas bem-humoradas de seu mestre, implacáveis porque apontam infalivelmente a incompletude da perspectiva do discípulo. No entanto, o próprio Angellier nem sempre era tão olímpico quanto parecia: no momento em que pensava em seus próprios trabalhos, ele freqüentemente mostrava ansiedade ou até depressão, imaginando em que altura sua inspiração realmente o colocava, consciente não apenas dos maiores e mais fortes, mas até mesmo dos menores, com um tratamento delicado de nuances sutis, temendo ser inferior ao que ele considerava ser sua primeira grande obra, *A l'amie perdue*, incerto sobre se os assuntos pelos quais ele era atraído correspondiam ao melhor de sua veia poética, e, durante muitos anos, de fato, até recuperar parte da crença religiosa de sua mãe, imprimiu sua esperança de imortalidade à sobrevivência de alguns de seus poemas na precária memória das futuras gerações.

Ninguém pode dizer quantas vocações literárias indiscutíveis foram arruinadas pela idéia de que é inútil repetir o que já deve ter sido dito muitas vezes no passado. Homens como Amiel, ou, antes dele, Joubert ou Doudan, só escaparam desse fantasma escrevendo coisas que eles imaginavam que ninguém mais pudesse ler. Nas poucas ocasiões em que escreveram para o público, a influência limitadora dessa obsessão é nítida.

A lista de tais influências que dificultam o pensamento de um homem talentoso é infinita. Não posso deixar de acrescentar que mesmo um homem deliberadamente livre de quaisquer obstruções como Jules Lemaître admite que o esforço para visualizar o passado pode se tornar uma obsessão: sua vítima percorre a maravilhosa singularidade da velha Paris, mas não a vê: onde a realidade mostra encadernadores esvaziando sua garrada de vinho branco ao calor da tarde, sua obsessão mostrará os revolucionários operários de *Les Dieux ont Soif*,[7] e as duas visões se neutralizam. Muitos franceses nunca foram capazes de recuperar sua primeira impressão deliciosa de Paris depois de ler os volumes do Marquês de Rochegude. Substitua o hábito mental de Renan ou do *signor* Ferrero de ver o passado como se fosse o presente, de falar dos *equites* romanos em termos de Wall Street, e tudo será esclarecido em um instante; mas o que diferenciava um *eques* de um banqueiro, o encanto de um passado remoto, desaparecerá.

O próprio ato de escrever produz fantasmas, ameaçando a produção legítima de pensamento. Quem não escreve com prazer não deve escrever. Mas muitos escritores profissionais experimentam mais a sensação de esforço do que de prazer ao escrever. Mesmo assim, a auto-expressão é uma alegria para todos, produzindo, muitas vezes, um alívio único. A razão de não ser sempre assim pode estar relacionada com um domínio imperfeito da linguagem usada, falta de interesse real pelo assunto tratado ou alguma das causas enumeradas nas páginas anteriores. Mas é, certamente, um fantasma adquirido nos dias de escola, o hábito de pensar nas folhas em branco embaixo daquela em que estamos escrevendo, odiando sua largura e comprimento, e perguntando-nos como elas podem ser preenchidas.

Alguns indivíduos acreditam que precisam escrever um livro, como, aos quinze, precisavam escrever redações, gostassem ou não. Enquanto trabalham num capítulo que deveria monopolizar sua atenção, ficam ansiosos com os capítulos futuros ainda inexistentes, e essa ansiedade obscurece a página que está sendo escrita. Enquanto um autor não adquirir o hábito de "só escrever seu livro", como Joubert diz, "quando ele já estiver pronto em sua mente", ou não puder dizer honestamente, como Racine: "Minha tragédia está terminada, agora só tenho de escrever os versos", ele será vítima do erro do aluno. Nada é tão motivador quanto a busca de pensamentos ou fatos destinados a elucidar uma questão que consideramos vital para nós, e o prazer de escrever quando a busca foi bem-sucedida é uma recompensa incomparável pela honestidade intelectual. O prazer desaparece diante da pressão da necessidade ou de um desejo vulgar.

Algumas pessoas têm desenvoltura ao falar, mas, na hora de escrever, é como se vestissem uma camisa-de-força. O homem mais espirituoso que eu já conheci, um aristocrata francês, costumava escrever cartas monótonas que lhe custavam muitas horas de esforço. Um ex-colega meu, de formação exclusivamente literária, tinha, no entanto, interesse em filosofia e, sem ter lido nenhum dos filósofos, discursava sobre questões fundamentais com surpreendente originalidade. "O Robinson Crusoé da filosofia", costumava chamá-lo outro colega. Esse gênio, toda vez que era obrigado a escrever, voltava ao estado de espírito de anos antes, na Sorbonne, em períodos de provas. Sua originalidade de pensamento ou expressão o assustava, e os resultados de seus esforços, ou melhor, torturas, eram páginas frias e elaboradas, que lembravam prefácios de dicionário escritos por professores universitários.

Muitos escritores são escravos de certos modelos de expressão. Milhões de frases podem prescindir de uma oração final iniciada com "enfim", desnecessária, por se tratar, muitas vezes, de uma mera repetição ou síntese só para completar a frase. O hábito de usar três verbos ou três adjetivos onde apenas um seria suficiente é quase generalizado. O escritor comum não é guiado, mas coagido por um ritmo barato, tão inseparável dele quanto era o flautista do orador na Antigüidade. Diante desses estorvos, fica difícil pensar.

Os escritores mais talentosos não conseguem se livrar da idéia de que a linguagem que eles usam é fatalmente inferior ao estilo clássico das gerações passadas e que, portanto, só serão capazes de produzir obras decadentes. Eles deveriam se lembrar da grande observação de Goethe: "Quem é de seu tempo é de todos os tempos". Esse pensamento poderia abrir-lhes as grades da prisão, mas eles continuam batendo a cabeça nas barras.

O escritor mais limitado por preocupações adventícias, impedindo qualquer sinceridade, é o crítico de arte. Compare os *Discursos* de Reynolds, *Os pintores modernos* de Ruskin, ou, em francês, o manual absolutamente honesto de De Piles com os artigos sobre arte que aparecem na maioria dos jornais. Você perceberá na hora que os chamados "críticos" não entendem do assunto sobre o qual estão escrevendo, produzindo seus textos num estilo totalmente artificial. Para mim, é sempre uma surpresa ver um grande escritor de ficção utilizar, ao lidar com imagens, clichês que, em outro homem, lhe causariam aversão por sua afetação. A causa é que o romancista transmutado em crítico de arte não é mais ele mesmo, mas outro homem, e a dupla consciência é como o esforço de um homem para ver dois objetos ao mesmo tempo.

Nossa mente, então, é como nosso olho: deve ser único. As crianças, os indivíduos comuns, os santos, os artistas, todos aqueles que possuem um propósito firme, sem espaço para preocupações inferiores, reformadores, apóstolos, líderes ou aristocratas de todos os tipos nos impressionam pela franqueza de sua visão intelectual. Ao contrário, indivíduos tímidos, fracos, que se perturbam com facilidade, indivíduos nascidos para obedecer, não para conduzir, indivíduos sensíveis, preocupados com a impressão que podem causar, inseguros em relação a suas próprias faculdades e sempre tentando se afirmar têm uma funesta capacidade de deixar entrar pensamentos estranhos ou parasitas mentais, que no início apenas obstruem, mas gradualmente se tornam obsessivos, prejudicando sua visão e, por fim, deixando sobre eles aquele sentimento crônico de inadequação que o termo "complexo de inferioridade" descreve bem na geração atual. Se Freud e Adler não tivessem feito nada além de revelar a existência de tais complexos e difundir a crença de que um tratamento adequado é capaz de dissolvê-los, sua influência seria considerada benéfica.

COMO SE PRODUZEM OS PARASITAS MENTAIS

IMITAÇÃO E INSTINTO GREGÁRIO

Na primeira parte deste livro, eu disse que as crianças desfrutam de alguns anos de visão direta e impressões imediatas, com as quais os momentos mais intensos de sua vida futura permanecem conectados. Essa entrada mágica na vida pode ser comparada ao encanto do amanhecer numa cidade grande: durante um breve período, é como se tudo tivesse acabado de nascer no frescor da aurora, mas os rumores e a agitação da rotina monótona logo estragam até mesmo um momento tão glorioso, e a banalidade se instala novamente.

As crianças pequenas percebem as coisas e as pessoas sem qualquer intermediário, e sua primeira impressão delas é tão forte que não precisam voltar à fonte original de impressão. Daí o erro que muitos pais cometem recusando-se a admitir que as crianças são observadoras. Até os dez anos, as coisas mudam: as crianças se conscientizam das pessoas mais velhas e as imitam. Em poucos meses, às vezes em algumas semanas, a transformação é evidente: já temos um homenzinho, uma mocinha, com gestos adultos, maneirismos na pronúncia ou

no fraseado, um interesse fingido por certas coisas e uma indiferença forçada em relação a outras; a expressão do rosto pode não ser afetada, mas deixa de ser espontânea. Os meninos costumam assumir um ar mais rude, de quem não se importa com nada — às vezes pior, se estiverem em um ambiente de grosseria; as meninas, ao contrário, lembram as noivas de treze anos de idade, cuja conversa madura e cartas artificiais pareciam naturais no século XVII. Em muitos casos, o observador não vê um esforço consciente por parte desses aspirantes a adultos, mas a diminuição acentuada da espontaneidade e da graça é evidente. As idéias expressas, a atitude diante da vida, às vezes até diante da dor, são indiferentes ou até desagradáveis. A resiliência da alma é inferior ao que costumava ser. Veremos garotos de doze ou treze anos fazendo de forma indolente sua primeira viagem ao oceano, às florestas canadenses, a Roma ou ao Egito. Esses jovens, que até pouco tempo atrás eram como nuvens recém-formadas no céu de verão, sentindo cada brisa, cada reflexo, agora são totalmente passivos. À medida que os anos passam, se nenhuma paixão nobre os ajudar a se elevar novamente, eles se parecerão cada vez mais com a multidão, imitando seus pensamentos, atitudes ou linguagem por mera preguiça.

O que fazer? Essa é toda a questão, pois o que pode salvar uma criança do conformismo também capacitaria qualquer um de nós a produzir pensamentos próprios. As crianças precisam ser educadas, mas também precisam educar a si mesmas. Nos Estados Unidos, em vão os pais, assim como as escolas, têm a tendência natural de dar total liberdade intelectual às crianças: só um gênio consegue escapar do conformismo fortemente estabelecido. Na França, e praticamente em todos os países velhos, recomenda-se a imitação, e inclusive uma dose de insinceridade. "Olhe para o seu pai. Faça como o seu pai. Pense nos outros e não em si mesmo. Deixe que eles falem. Eles o amarão se você fizer isso. Não diga sempre tudo o que pensa. Você ofenderá as pessoas, e elas não gostarão mais de você". Não há dúvida de que o modelo proposto para imitação não é Alceste, mas Filinto. E Filinto não é bobo: dentro dele esconde-se certa ironia, resultante de uma avaliação correta da humanidade, mas quem pode negar que Alceste vê realidades de uma ordem muito mais elevada?[8]

É desnecessário dizer que a maioria das crianças tem pouca sorte num mundo como o nosso. Quando são pobres e andam malvestidas, sentindo-se inferiores em termos de educação e personalidade, por mais elevados que sejam seus intelectos, elas provavelmente sucumbirão à conformidade. Se seus pais são ignorantes, suas

perguntas, se revelarem alguma originalidade, serão incompreendidas e ridicularizadas. Até a religião, que deveria ser a principal fonte para elevar-se acima de si mesmo, é usada pelos pais como um instrumento de conformismo. Se as crianças chegarem à conclusão de que Cristo e os santos não se conformaram com o que acontecia à sua volta, logo lhe dirão que Cristo e os santos estão em um mundo à parte, e que um bom menino deve ficar satisfeito em fazer o que lhe é pedido. Assim, a combinação dos instintos naturais do homem pela imitação e a aversão da multidão à distinção quase sempre abafa o pensamento, produzindo somente gramofones humanos.

O instinto gregário é um instinto muito semelhante à imitação, fortalecendo-a muitas vezes. Em nenhum lugar ele é tão visível quanto nos Estados Unidos. Talvez os primeiros exploradores tenham trazido consigo a aptidão para a cooperação, natural à raça anglo-saxônica, mas não tenham podido usá-la por muito tempo por causa da relativa solidão em que viviam, de modo que a desenvolveram completamente assim que tiveram uma oportunidade. De qualquer forma, seus descendentes são as pessoas mais sociais do planeta. Os franceses, tanto em grandes cidades quanto em pequenos povoados, reúnem-se aos domingos *à la sortie de la grand'messe* [ao sair da missa] — prova inegável de sociabilidade —, mas depois de dedicar dez minutos a perguntas complementares ao exame geral durante o sermão, eles se retiram para seu *quant à soi* [seu "cantinho"]. Os americanos nunca se cansam um do outro. O clube é insuficiente e deve ser complementado por almoços, reuniões ou encontros de todos os tipos, eleições de grêmios e iniciações; uma recepção aqui, uma cerimônia ali, festas de despedida de solteiro, sem falar de *shows* ou peças de teatro, que são somente um pretexto para se encontrar. Na falta de algo melhor, o americano social aproveitará ao máximo o saguão de um hotel ou a ala para "fumantes" de qualquer lugar, da qual não posso zombar, pois devo em parte a ela meu conhecimento das poucas falhas e inúmeras qualidades do americano. A palavra "joiner", que na Inglaterra significa apenas "carpinteiro", nos Estados Unidos denota algo puramente americano ["pessoa sociável"], como indica o seu som, ao mesmo tempo expressivo e sarcástico.

É sabido que as democracias produzem uniformidade. O mesmo acontece com as democracias sociais em miniatura: individualidade demais resulta em afastamento. Quando os indivíduos se unem para proteger seus interesses ou promover gostos em comum, é natural que desenvolvam e incentivem semelhanças. Criam-se entre eles determinadas atitudes, enfatizam-se certos pontos de vista e circulam alguns modelos que imprimem nesses homens diversos um aspecto uniforme. A dissidência num meio em que tanta coisa só progride pela união constitui algo mais que herético e praticamente impossível. O mesmo acontece com a resistência intelectual. As ondas que varrem as comunidades em tempos de grande agitação ou grandes calamidades cegam e confundem a todos, exceto os mais poderosos. Mas a influência contínua, embora invisível, da consciência coletiva produz os mesmos resultados. Muitas vezes, acho graça ao ver meus compatriotas nos Estados Unidos exibindo contra os negros o mesmo preconceito que paira sobre eles, mas que eles desconheciam antes de emigrar. Não há afetação nisso: é o instinto gregário, em todos os seus graus, que faz do pensamento individual, ou seja, do único pensamento real, uma dificuldade insuperável.

Poderíamos citar centenas de exemplos. Não há evidências mais impressionantes do poder do espírito gregário do que nossa fidelidade às divisões do tempo. O calendário e o relógio reinam supremos. Se fossem suprimidos, a civilização como a conhecemos entraria em colapso. Mas, embora sejamos capazes de pegar o trem e trocar cupons graças a eles, também somos suas vítimas. Não são somente os "pequenos segundos ativos" de Maupassant que roem nossas vidas, mas, todos os anos, mais um aniversário cai sobre nossa cabeça como uma pedra, enquanto a idéia de idade, em oposição à juventude, é um fantasma gigantesco. Oscar Wilde diz que a tragédia dos velhos é que eles se sentem jovens, ou seja, como os jovens se sentiriam se um feitiço os fizesse pensar que são velhos. Não existe feitiço maligno aqui, somente relógios, calendários e datas em todos os documentos humanos. Se eles pudessem ser removidos, as coisas mudariam na hora. Pense no sorriso maravilhoso da velha negra de Maryland, a quem você pergunta, de maneira estúpida, quantos anos tem. Ela não tem idade. Mas um homem branco precisa ser um gênio para não cair na falácia dos aniversários.

Todos os dias, a ignorância ou falta de conhecimento produz falácias que são instantaneamente divulgadas pela imprensa. Sua presença impossibilita o pensamento, até os fatos demonstrarem que a conclusão aparentemente satisfatória resultou de informações inadequadas. As pessoas dizem que as guerras

são inevitáveis até que uma Liga das Nações seja fundada; e então dizem que a paz não pode mais ser perturbada, até que o fracasso de uma conferência de desarmamento exija a adoção de outro modelo. Uma frase concisa é repetida com entusiasmo por pessoas ávidas de alguma classificação dos fatos que testemunham. Em alguns dias, essa frase pode ser transformada pela imprensa em um *slogan* com uma série de conseqüências práticas por trás — quem sabe quantos divórcios foram provocados pela "busca da felicidade" mencionada como um direito fundamental em todo livro de história nacional das escolas primárias?

EDUCAÇÃO

Não é um paradoxo quase de mau gosto falar da educação como um obstáculo e não uma ajuda ao pensamento? Não é fato que podemos distinguir um homem culto de outro, não só por sua maneira de agir e falar, ou mesmo seu conhecimento, mas principalmente por sua capacidade de resistir ao pensamento de outro homem e defender seus próprios pontos de vista? Não é verdade que não nos surpreenderemos se um jovem brilhante disser que foi educado numa das grandes escolas públicas britânicas, num liceu de Paris ou em algum famoso ginásio alemão ou polonês? Praticamente todos os filósofos, de Platão a Herbert Spencer, incluem uma arte de pensar e um tratado sobre educação em suas filosofias, implicando, assim, que as duas coisas andam juntas. Horace Mann e Channing produziram nos Estados Unidos uma vasta progênie de homens convencidos de que só podem elevar a democracia de seu país à consciência real por meio da educação. Quanto mais um homem pensa, melhor se adapta ao pensamento, e a única finalidade da educação é a criação metódica do hábito de pensar.

Pois bem. Em tese, a educação é um treinamento mental que visa maior elasticidade intelectual, mas a questão é se a educação, em vez de fortalecer, não sobrecarrega a mente. As pessoas geralmente estão satisfeitas com a educação que elas mesmas tiveram ou que seus filhos têm? Elas não reclamam disso o tempo todo? Por incrível que pareça, Rabelais, Montaigne, Locke, Fénelon, Rousseau, bem como a maioria dos educadores que apareceram durante o século XIX, são *contra* os professores. Talvez porque a maioria desses teóricos nunca tenha tido nenhuma experiência nessa área e imagine que os adultos são agora o que já eram aos doze ou quatorze anos de idade. Mas é principalmente porque sua superioridade intelectual atribui as deficiências de que estão conscientes aos

métodos precários dos quais foram vítimas na infância. Os professores que — com toda a razão — desprezam os reformadores defensores da idéia absurda de que uma classe não é outra coisa senão um jovem potro indisciplinado, concordam, no entanto, que os métodos atuais de ensino não são bons. Suas controvérsias, os testes e as estatísticas que eles usam para provar o que dizem enchem as bibliotecas. Sendo assim, é difícil refutar a conclusão de que a educação não é a arte de pensar que deveria ser.

No entanto, nosso argumento é que pode ser pior que isso. Numa época em que as impressões são tão profundas quanto insidiosas, uma educação que não educa pode produzir parasitas mentais que, com o tempo, se convertem em complexos de inferioridade ou, pior, distorcem toda a nossa visão da vida. Em todos os países a educação tem suas falhas — assunto vasto, no qual não nos aprofundaremos aqui. De qualquer maneira, logo vemos que a educação nos Estados Unidos é demasiado prática, deixando na mente do aluno o fantasma de que a cultura é um privilégio de alguns, enquanto a educação na França é precisamente o inverso, pondo a cultura a uma altura tão acima da ação que os meros prazeres do intelecto parecem imensuravelmente mais importantes do que os deveres práticos da vida. Nos dois casos, a capacidade de pensar corretamente é prejudicada e pode ser necessária uma vida inteira para corrigir o erro inicial.

A educação nos Estados Unidos continua sendo, em grande parte, uma educação para colonizadores ou filhos de colonizadores. Essa afirmação pode surpreender as pessoas que vivem nas gigantescas cidades americanas, mas, mesmo ali, ainda podem ser encontrados vestígios do modo de agir ou de pensar dos colonizadores. O método aleatório de indicar os nomes das ruas ou o número das casas, às vezes num pedaço de tábua resgatada de alguns destroços, é um resquício evidente dessa época. O mesmo acontece com as solitárias caixas de correio sobre paus de madeira nas partes mais civilizadas da ultracivilizada Long Island. E não tenho dúvida de que a idéia tão predominante nos Estados Unidos (e com tantas conseqüências) de que quase não há mulheres no país é também um resquício de tempos em que realmente havia poucas mulheres ali, e o imigrante que chegava com uma esposa parecia um jovem romano trazendo para casa uma menina sabina.

As escolas americanas encontram-se geralmente no campo, porque a vida americana primitiva era uma vida rural e porque os peregrinos estavam acostumados a ver as escolas em cidades pequenas ou arrabaldes desertos, como Westminster. E são escolas destinadas, sobretudo, a desenvolver a força física e sua

contrapartida espiritual, a força de vontade. No lugar em que os antepassados costumavam derrubar árvores, nas cercanias de regiões habitadas por perigosas tribos indígenas, sempre de olho na escopeta engatilhada, os meninos de Groton, Saint Mark ou Saint Paul cultivam agora a força corporal, a capacidade de se defender, a paixão pela vida no campo e um espírito independente, que o instinto de cooperação só fortalece, em vez de enfraquecer. Os esportes ainda são, muitas vezes declaradamente, a parte essencial da vida escolar. Nunca me esquecerei de que, na primeira vez que entrei num dos estabelecimentos acima, fui conduzido quase que imediatamente ao armário onde gloriosas bolas de beisebol repousavam sobre anéis de prata, tal qual fetiche, que saudei de modo canhestro. Notícias escolares nos Estados Unidos são notícias esportivas. Notre Dame é uma faculdade católica, sim, mas é, sobretudo, uma fortaleza do futebol.

A propósito, o atletismo não deixa de ser uma arte. As mulheres freqüentemente o aprimoram pela elegância e, quando o fazem, mesmo ignorantes como as princesas saxãs do século VII, produzem um resultado artístico. Mas atletismo não é cultura, e as queixas sobre educação ouvidas o tempo todo nos Estados Unidos surgem da impossibilidade de conciliar muito atletismo com a cultura. As pessoas costumam me perguntar: “Por que os rapazes de seu país parecem saber muito mais do que os nossos, utilizando seu conhecimento nas conversas com muito mais desenvoltura?”. Respondo, diante de semblantes atônitos: “Porque a vida escolar na França significa acordar às cinco da manhã e estudar até as oito da noite, com apenas duas horas de recreio; porque *travailler* em francês significa estudar, enquanto *to work* em inglês significa ‘trabalhar’ no campo de futebol ou no rio. Nossos meninos têm a fronte madura e o corpo franzino, enquanto os seus têm ombros largos, mas expressões infantis”. “Não há um meio-termo?”. “Sim, você o encontrará em Smith, Vassar ou Bryn Mawr, ou nessa perfeita Thelema, a escola de pós-graduação de Princeton”. “Ainda bem. Que bom que você me disse isso. Seus meninos têm o corpo mirrado, não?”. “Sim, até passarem um ou dois anos no serviço militar. Adoramos vê-los lá, não só por nossos instintos sanguinários e militarismo nacional, mas porque o exército lhes dá uma chance de alargar os ombros”.

O predomínio do esporte nas escolas, na vida nacional, na imprensa, além de não deixar espaço para o que é ou deveria ser mais importante, cria uma atmosfera na qual as coisas de importância são tratadas como supérfluas ou mesmo descritas de maneira extremamente desrespeitosa. O que parece importante é a vida agitada, a correria, a emoção de um jogo de futebol, a alegria de derrotar alguém,

de triunfar, de alcançar a meta. Tudo isso, dentro de seus limites, constitui uma excelente maneira de encarar a vida, mas não é cultura. Angellier certa vez perguntou a um aluno quais as suas tragédias preferidas, as de Racine ou as de Victor Hugo. "As de Victor Hugo", foi a resposta. "Há mais vida nelas". "Mais luta", pensou Angellier. O poder de reflexão, que resulta na forma mais elevada de vida, é compatível com a luta num sentido biológico profundo e sutil demais para ser discutido num livro prático como este. Fato é que o menino mais ativo e participativo na quadra nem sempre é aquele que faz as perguntas mais inteligentes. Na verdade, ele quase não faz perguntas, e sua atitude parece expressar aquele "diga logo", que tanto incomodava Madame de Maintenon nas meninas de Saint-Cyr e que, segundo alguns professores universitários americanos, significa hoje em dia: "Diga você, já que esse é o *seu* trabalho". Uma escola é um lugar pelo qual devemos passar antes de ingressar na vida, mas onde o ensino adequado não nos prepara para a vida. O que se chama cultura corre o risco de ser considerado, em tal ambiente, como uma especialidade e não como um requisito indispensável. A erudição parece cálculo infinitesimal. Isso explica o fato de que o público americano em geral, que não suporta a idéia de superioridade estrangeira em qualquer outro âmbito, não se importa se for derrotado no campo do pensamento ou das artes. E daí se o próximo sabe mais sobre a pesagem dos planetas? Prova dessa indiferença reside no fato de que os jornais americanos jamais dizem aos seus leitores se os discursos que reproduzem são bons discursos ou não. A oratória é uma especialidade. Só os fatos interessam às massas. No entanto, os americanos amam a eloqüência.

Muitas vezes me diverti imaginando Cícero desembarcando repentinamente nos Estados Unidos e sendo entrevistado no Hotel Biltmore por dois jornalistas, um francês ou britânico, cheio de reminiscências escolares e ansioso para ver *o orador*, e o outro, um americano, ensaiando perguntas sobre a Lei Seca ou espiritismo, e realmente se perguntando se já é possível atravessar o Aqueronte num barco a motor ou se os Campos Elísios estão devidamente preparados para uma partida de futebol.

Em suma: a noção de cultura é muitas vezes obscurecida na mente americana pelo fantasma da inutilidade, e o pensamento, diante de tal estorvo, é realmente difícil.

Sempre foi assim? Trata-se da idiossincrasia americana, que não pode ser modificada? Qualquer um que tenha vasculhado os arquivos dos primeiros jornais ou revistas americanas não hesitará em dar uma resposta negativa a esta

pergunta. É comum dizer que a América é uma nação jovem ou uma nação de jovens. Sempre desconfiei dessa fórmula, que me parecia demasiado genérica, mas, com o tempo, cheguei à conclusão de que é verdade. Mas é verdade somente na América atual. No início, a nação não tinha nada de jovem, sendo bastante madura. Nenhum dos homens que assinou a Declaração de Independência pareceria indevidamente jovem a um membro do Parlamento britânico contemporâneo, mas o contrário. Por outro lado, se algum desses homens aparecesse no *campus* dos sucessores modernos de suas escolas na Pensilvânia, na Virgínia ou em Maryland, encolheriam os ombros ao ver a seriedade com que jogam seus descendentes. A América rejuvenesceu durante a parte final de sua carreira, mas essa nação jovem é diferente da nação de outrora. A elite americana sabe disso e o lamenta. O esforço extraordinário em direção à difusão da educação vista em toda parte nos Estados Unidos é a reação vital de uma sociedade que se sente ameaçada em seus aspectos essenciais. Mas a resistência da massa amorfa, até agora, é grande demais.

As exigências dessa massa ainda moldam os métodos educacionais, em vez de a massa ser moldada por eles, e nenhuma quantidade de testes, tentativas ou teorizações foi capaz de mudar essa situação absurda. A massa quer métodos fáceis, e, portanto, os métodos são fáceis. Quer resultados práticos imediatos, e a praticidade é considerada primeiro.

Os métodos fáceis parecem ser um dogma para os americanizadores. Fácil é a palavra que se ouve o tempo todo em conexão com a arte de ensinar. Escrevi, há alguns anos, um livro acadêmico que foi publicado em Nova York com o título *French Grammar Made Clear*. O livro foi citado, dezenas de vezes, como *French Grammar Made Easy*.

A gramática francesa não tem como ser fácil, assim como a gramática latina. Ela pode, e deve, ser clara e interessante, mas nem as pinturas de Alma-Tadema podem amenizar o estudo das declinações, conjugações e modos. A melhor psicologia é convencer o aluno de que centenas e milhares de pessoas comuns conseguiram superar o começo árido só com perseverança. De fato, pequenos camponeses treinados para o sacerdócio por párocos do interior, sujeitos humildes que jamais sonharam em se apresentar como eruditos, dominam a morfologia latina em três ou quatro meses. Mais de uma vez vi o clérigo do povoado vizinho aparecer durante a aula e testar o *petit latiniste* como o *enchanteur* das Tulherias adestra seus pardais. E raramente o aprendiz, de rosto corado, erra algum dos casos ou tempos apresentados com astúcia. Nenhum complexo de inferioridade

com respeito a meras palavras foi plantado nele. Ele não pensa em suas declinações como algo difícil ou fácil, mas como algo que todo mundo tem que aprender e aprende.

Por outro lado, se lermos as instruções emitidas pelo Conselho de Educação de York com relação ao ensino do latim elementar, veremos que seu redator evidentemente estava convencido de que a morfologia latina era tão pouco convidativa quanto as escritas cuneiformes, devendo, portanto, ser administrada em doses homeopáticas. Para dominar as três primeiras declinações é necessário estudar vários meses. Então, um longo descanso é dado ao aluno, de modo a prepará-lo para a etapa seguinte, mais difícil. Por fim, as duas últimas declinações são abordadas ou, devo dizer, decifradas.

Que fundo psicológico será criado com um método desses? Evidentemente, a noção de que as declinações latinas são um pesadelo, mas *dies* e *cornu* são mais terríveis do que as outras três. Meu próprio professor, que não conhecia uma instrução específica, mas tinha uma tradição, disse-nos com a maior boa-fé: "Como *dies* e *cornu* são fáceis, vocês devem estudar essas duas declinações, em vez de uma, para a próxima aula". O resultado foi que nem os idiotas tinham medo das declinações latinas. Pergunte à maioria dos jovens americanos sobre seus estudos clássicos e você descobrirá que a morfologia latina é tão vaga em suas mentes quanto o grego mal ensinado na Europa. Os americanos se lembram de ter visto um ou dois livros de César, um ou dois livros de Virgílio, uma ou duas orações de Cícero, mas sua idéia do latim como língua é que se trata de uma especialidade universitária, como o sânscrito para a maioria das pessoas, ou seja, algo que não precisamos saber. Qual não foi minha surpresa ao ver um poeta americano, com grandes pretensões a erudição, intitular um de seus poemas *Pueribus*! Esses são os resultados de ensinar o latim "sem dificuldade".

O verdadeiro resultado é que quatro, cinco ou seis anos de um suposto estudo deixam apenas a impressão de que "ninguém sabe latim, não dá para saber latim". Outra impressão mais profunda e mais perigosa é que dedicar tempo a uma tarefa tão estéril é um absurdo. Daí a concluir que é imoral obrigar jovens americanos a seguir uma rotina totalmente inútil é um passo. Tente jogar o jogo do *enchanteur* das Tulherias com um desses meninos e você logo verá, em sua expressão entediada ou incrédula, um complexo de inferioridade causando seu dano usual ou o vazio que esse complexo deixou depois de ter sido expulso, junto com toda a sabedoria acumulada: um jovem bárbaro que se recusa a ser enganado.

O utilitarismo na educação é tão desastroso para a cultura quanto os chamados métodos fáceis para a erudição. A preferência por ramos científicos que possam ser imediatamente explicados é obviamente uma manifestação do espírito utilitarista. O mesmo ocorre com o ensino puramente prático das línguas modernas na maioria das escolas. Daí a ausência de qualquer ensino filosófico nas escolas secundárias.

O mais impressionante, porém, é a maneira pela qual esforços literários aparentemente desinteressados são transformados em mera utilidade. Fiquei bastante impressionado nas primeiras vezes em que recebi um jornal acadêmico, percebendo que uma equipe de alunos sob a orientação de um editor, também aluno, era responsável por um material excelente. Só aos poucos — apesar dos poemas, que os jovens anglo-saxões produzem com mais facilidade do que os franceses — foi que me dei conta de que essas edições não preparam para a literatura, mas para o jornalismo. O jornal da escola é um bom jornal, mas isso não chega a ser um elogio, pois um jornal bom não significa um jornal literário, e uma publicação acadêmica desse tipo deveria ser justamente isso. O editor deve ter em mente Addison, Cobbett ou Bernard Shaw ao escrever um artigo. Aliás, ele nem pensa nos imitadores de Mencken: o pequeno jornal de casa é seu único padrão de excelência. Se Addison fosse imitado, os resultados seriam ruins, mas literários. Na atual conjuntura, os resultados não são literários, mesmo que pareçam relativamente bons.

O mesmo pode ser dito dos contos, peças de um ato ou obras dramáticas que se produzem nas escolas de letras ou teatro de muitas faculdades americanas. O ensino é de primeira classe, os métodos são muito mais detalhados do que os usados nos cursos clássicos, o desejo de ter sucesso e o esforço para alcançar o sucesso são inquestionáveis. Quais são os resultados? Indubitavelmente superior, em termos técnicos, a, digamos, *O morro dos ventos uivantes*. A concisão, a rapidez, as viradas e o equilíbrio impressionam e quase intimidam. Com o tempo, descobrimos que essas qualidades são o acompanhamento, ou mesmo a criação, de um desejo ardente de produzir um produto “comercializável”. Nesse momento, entendemos por que, quanto mais lemos essas histórias tão habilmente fabricadas, mais convictos ficamos de que elas não podem ser chamadas de literatura. A literatura não tem tantos macetes. A literatura luta com a vida, sendo muitas vezes derrotada, mas a própria luta já é digna de reverência. Qualquer pessoa que tenha recebido uma educação literária sente isso. Mas se a educação passar para as mãos do inimigo e se voltar para os métodos comerciais, as mentes, mesmo da elite,

serão invadidas pelo parasita da utilidade, e, com isso, sairá perdendo a capacidade de pensar em termos de beleza.

O jovem americano sai da escola com uma idéia mais ou menos fixa de que o que chamamos de cultura é um luxo, ou seja, algo supérfluo. Ele não foi ensinado a ver o latim como um mosaico artístico ou a redação como um esforço para se elevar acima de si mesmo. Sua imaginação foi mais desencorajada do que cultivada. Ele é muito inferior, do ponto de vista cultural, aos americanos de oitenta anos atrás.

No outro extremo, as escolas francesas formam jovens convencidos de que nada, exceto as realizações do intelecto, merece muito respeito. Os franceses instruídos, sem contar aqueles que conhecem realidades espirituais mais profundas, têm dificuldade de adotar uma visão prática da vida, por causa de um fantasma criado durante seus anos de formação: a auto-suficiência do cérebro.

De cada dez escolas francesas, nove estão localizadas em cidades. As mais famosas estão em Paris. Muitas ainda se situam em edifícios monásticos antigos, totalmente diferentes das escolas americanas em formato de castelo, e esses monumentos medievais são, em muitos casos, os sucessores das escolas galo-romanas. Há, nos muros cinzentos do lugar, uma tradição de cultura transmitida ao longo de muitos séculos, mas a mera visão dos pátios apertados entre casas altas revela desrespeito, além de completa ignorância em relação às necessidades do corpo.

Muitos franceses ainda vivos não tiveram, em seus dias de escola, outro exercício além da caminhada tortuosa pelo pátio, como prisioneiros, e duas vezes por semana a melancólica caminhada de ida e volta até o centro. As primeiras lembranças de escritores como Taine, Daudet ou Bourget estão cheias de autopiedade. Mas eles admitem que, embora seus corpos estivessem inativos, suas mentes viviam ocupadas: a vitalidade desses pobres meninos era mantida pela emoção do conhecimento e pelo choque de idéias, que transformam a conversa em francês em uma espécie de aventura.

Hoje, o *lycéen*[9] freqüenta regularmente a "academia" e, aos domingos ou quintas-feiras, ele realmente tem a chance de jogar futebol ou tênis. Mas sua

rotina diária continua sendo duas horas de esporte e onze horas de estudo. O campeão francês de atletismo, se não tiver muito jeito para letras, será objeto de diversão mais do que de admiração.

A palavra "escola" na França não transmite a idéia de um conjunto de alunos, mas de professores e livros. Durante séculos, os livros ensinados foram os clássicos em latim e grego, para que os alunos falassem ou escrevessem grego e latim de modo tão natural quanto em sua própria língua. O resto parecia ter pouca importância, mas os personagens da história antiga se tornavam familiares, como velhas amizades de cujas vidas se inferiam as leis da política, mesmo quando elas não eram ensinadas.

Hoje, a literatura derrotou todos os seus rivais, inclusive a ciência, por mais idolatrada que ela seja, e assim é tanto nas escolas quanto na vida. Os clássicos gregos, latinos e franceses estão sobre a escrivaninha do estudante, ao lado de livros científicos e manuais de história. Mas seu livro favorito, aquele que sua mão instintivamente procura em momentos de lazer, é seu Lanson ou seu Desgranges, manuais da história literária. Talvez o aluno tenha vocação para matemática e saiba que deverá enfrentar anos de grande esforço até conseguir ingressar na École Polytechnique, mas a história literária não será menos atraente para ele.

O que ele ganha com esse panorama de desenvolvimento intelectual que em outros lugares é reservado quase que exclusivamente a especialistas adultos? Uma mistura de bem e mal. Ele certamente adquire uma inclinação filosófica ao observar a concatenação de idéias, sistemas ou reações sentimentais que compõem a história da literatura: sua mente se acostuma à lógica dos fatos e, ano após ano, fica mais apaixonada pela lucidez resultante da visão de causas e efeitos. Mas, muito antes de poder travar conhecimento direto com os grandes monumentos da literatura, ele já entra em contato com idéias gerais sobre eles, adquirindo o terrível desejo francês de resumir realidades complexas em uma fórmula e se acostumando com o jargão semifilosófico do historiador literário. Se ele for intelectualmente forte, seu vocabulário será útil; caso contrário, as palavras aprendidas e as sínteses aparentemente úteis lhe darão somente uma superioridade barata em relação àqueles que não tiveram a mesma formação, ou pior, o tornarão insincero, pois, no fundo, ele sabe que diz muita coisa sem ser capaz de citar sua fonte.

Ainda mais freqüente é o prazer do menino francês em ler sobre o desenvolvimento pessoal de um escritor. Os românticos, especialmente, de Rousseau a Loti, arrebatam sua alma. A possibilidade de viver uma vida cheia de

emoções e sublimada pela inspiração parece-lhe o único objetivo desejável. Leia o romance de Fromentin, *Dominique*, se você quiser observar o caos causado por um enorme obstáculo colocado desde o início no caminho do pensamento correto e sensato.

"Esse exagero nunca é corrigido pelos professores de francês?", você pergunta. É improvável que um professor de francês, em Paris, acabe com essa falácia, pois ele é vítima dela. Conte quantos professores de escola na Inglaterra, e, sobretudo, nos Estados Unidos, publicam livros. E como eles poderiam publicar, se quando não estão com os alunos, ensinando, estão com eles, praticando esportes? Um professor francês, em contrapartida, é um homem que já escreveu, está escrevendo ou quer escrever um livro, possivelmente um romance ou uma peça de teatro, e para quem a fama literária é a única glória pela qual vale a pena trabalhar. Seu exemplo, assim como o ponto de vista que ele não pode deixar de expressar, contribui para aprofundar ainda mais na imaginação de seus alunos o fantasma de que os verdadeiros heróis são os escritores. A palavra "gênio" é repetida tantas vezes nas escolas francesas que os alunos não conseguem escapar da dupla convicção de que a genialidade literária é a única coisa que vale a pena buscar na vida e que eles nunca a alcançarão.

O menino francês procura avidamente encarnações vivas de gênio à sua volta. Mais cedo ou mais tarde, ele "boswellizará" uma de suas próprias descobertas.[10] Enquanto isso, ele se entrega à influência de seu professor, às vezes, do melhor aluno da sala, instituição estritamente francesa e da qual nenhum Steerforth pode dar uma idéia.[11] Não creio que exista em qualquer outro idioma a distinção cruel que existe em francês entre o *tête* [cabeça] e o *queue* [rabo] de uma classe, predispondo o miserável "rabo" a uma humilde subserviência ao que, supostamente, é superior a ele e diminuindo seu amor-próprio. Em outros países, realizações esportivas, ousadia ou alguma promessa de senso comercial ou capacidade executiva darão aos chamados meninos inferiores uma sensação de força que os salva. Nas escolas francesas, contudo, a superioridade intelectual é inquestionável, e o correspondente complexo de inferioridade tem a liberdade de ocupar a alma invadida.

As conseqüências práticas na vida da própria nação são evidentes. A paixão dos franceses por idéias faz com que eles imaginem que, quando uma idéia for expressa, sua própria virtude será suficiente para concretizá-la. Analisada adequadamente, essa falácia pode ser reduzida à noção de que uma pessoa prática

realizará o trabalho que somos superiores demais para fazer. Daí a visão eterna e a brilhante exposição de reformas acompanhadas de uma denúncia cáustica de abusos tão marcantes na conversa francesa. Certa vez, levei um visitante estrangeiro para a casa de um amigo meu, onde a melhoria social era o assunto do salão. Este jovem, muito sério, ficou extremamente impressionado com o que ouviu. "Uma vida inteira", disse ele, "não seria suficiente para realizar todos os planos que essa conversa de duas horas me revelou como possível". No domingo seguinte, levei-o ao mesmo lugar. Nenhuma das possibilidades que pareciam tão urgentes uma semana antes foi mencionada. Um novo conjunto de idéias foi apresentado e discutido com a mesma eloqüência. O jovem ficou surpreso, e eu fiquei um pouco ansioso com sua próxima reação, pois a sinceridade não floresce nas proximidades do esplendor.

Os estrangeiros que residem na França tempo suficiente para serem afetados pessoalmente pelas inúmeras deficiências da vida oficial da nação ficam invariavelmente intrigados. "Como pessoas tão inteligentes podem suportar tais absurdos?", perguntam eles. Com o tempo, encontram uma resposta qualquer. Nunca me esqueci do que disse um famoso político americano em minha presença, quando visitei os Estados Unidos, em 1908: "Os franceses são *perspicazes*, mas não inteligentes". Consolou-me lembrar que a palavra *bright*, em inglês americano, é bastante vaga, mas senti o aguilhão da verdade. Os franceses toleram abusos, desde que possam rir ou fazer comentários cínicos a respeito deles. As campanhas de imprensa e as divulgações comerciais realizadas nos Estados Unidos são impossíveis na França.

A tolerância dos franceses em relação a seus políticos é da mesma ordem e surge do mesmo sentimento de que as idéias prevalecem sobre meras contingências. Os franceses desprezam seus políticos como amos indolentes desprezam criados indignos de confiança. A idéia escandinava de obrigá-los a ser administradores da comunidade, ou de esperar resultados tangíveis de sua presença nos conselhos da administração nacional, nunca ocorre ao francês comum. "A vida, afinal", pensa ele, "não é tão dura assim, mesmo que os governos não estejam preocupados em aperfeiçoá-la". O desprezo bem-humorado já é uma reforma.

A preferência por idéias, especialmente idéias generalizadas que possibilitem visões simplificadas, é uma característica francesa, mesmo quando conduzem a terríveis conseqüências. Os ingleses, quase sempre, e os americanos, na maior parte das vezes, conseguem ver quando um perigo ameaça seu país e, conseqüentemente, sua própria integridade, de modo que eles param

imediatamente de discutir idéias para tomar medidas práticas. “Dançar sobre um vulcão” é uma expressão decididamente francesa, que descreve uma atitude também francesa. Na França, as idéias contam mais do que os fatos, e enquanto a educação seguir o viés nacional de dar mais importância à arte de viver do que à luta pela vida, essa visão unilateral continuará.

Lembremo-nos agora de nosso menino de nove ou dez anos, tão receptivo que os grandes poetas o invejam, e tão cheio de curiosidade que a filosofia não consegue acompanhar suas perguntas. O que acontece com ele quando sai da escola? Nos Estados Unidos, ele se torna um jovem robusto, todo músculos, coração e desejos; na França, um jovem esbelto, todo cérebro, totalmente despreparado para a vida, propenso a confundir idéias com realidades e palavras com idéias. Ambos receberam sua educação, ambos tiveram sua chance. O americano sempre será mal preparado, cheio de lacunas intelectuais, incerto entre a confiança e a timidez, demonstrando essa incerteza; o francês, se não for salvo por sua religião, pelo patriotismo ou outra elevação do gênero, será, em grande parte, artificial. Ambos pensarão como pensam ao seu redor, sem originalidade, e a educação, que de nada serve se não for uma arte de pensar aplicada, será a culpada disso.

---

5 Não “idéias negras”, mas idéias “azul marinho” — NE.
6 Há não muito tempo atrás, os livros eram feitos com as bordas de suas páginas unidas. Para prosseguir na leitura era preciso separá-las com uma espátula — NE.
7 *Os deuses estão sedentos*, romance de Anatole France (1912) — NE.
8 Personagens da comédia *O misantropo* (1666), de Molière. Alceste é o protagonista misantropo, e Filinto seu amigo — NE.
9 O aluno do ensino médio — NE.
10 Referência à biografia de Samuel Johnson feita por James Boswell: prestar homenagem, louvar — NE.
11 Personagem do romance *David Copperfield* (1850), de Charles Dickens — NE.

Capítulo VI

Pensamento enfraquecido pela vida

A VIDA DO PENSADOR

DIZEM que a vida é o melhor professor. De fato, ninguém pode negar que a vida é uma sucessão de lições reforçadas por recompensas imediatas, ou, mais freqüentemente, castigos imediatos, que não têm como passar despercebidos. Nossos sucessos e fracassos criam em nós um instinto de segurança que adornamos com o nome de "experiência" ou "sabedoria". Também é fato que determinadas ações, que se valem de nossas forças mais elevadas, repercutem sobre nós como nossas experiências mais nobres, e olhamos para os anos ou meses de esforço com saudade. Para alguns, "frente de batalha" remete ao lugar, de nome subliminarmente vago, em que sua alma pôde manifestar todo o seu potencial. Nesse plano, além de ativar o pensamento, a ação o produz com uma continuidade próxima da criatividade.

Contudo, esses casos são raros e não se pode negar que a vida cotidiana, o esforço descomunal e repetido que milhões de pessoas realizam todos os dias, pouco ou nada acrescenta de pensamento ao capital comum. Ao contrário, desgasta a capacidade de pensar. Platão diz: "A experiência tira mais do que acrescenta, e os jovens estão mais próximos das idéias do que os velhos". Não faltam santos jovens, mas os velhos constituem uma grata exceção. Não podemos dissociar a solidão, a liberdade e o ócio de nosso conceito de uma vida dedicada ao pensamento: Spinoza, em seu pequeno quarto, onde a proposital monotonia de seu trabalho manual atuava sobre ele como a rotina monástica atua sobre um sábio beneditino; Descartes, que deixa Paris para ir morar num subúrbio tranqüilo da distante Haia; Bossuet, como um eremita, isolado em seu refúgio no fundo do jardim; Pasteur ou Edison, em seus laboratórios invioláveis; monges eruditos, em seus conventos; sábios, na reclusão sombria de um vilarejo de Massachusetts; artistas que vivem tentando formar colônias exclusivamente dedicadas a seu trabalho: todos ilustram o tipo de existência que imaginamos ser naturalmente favorável ao pensamento. A vida social, nesses casos, é reduzida ao mínimo, um murmurinho de fundo para o funcionamento da mente, tal qual o som da roda de fiar para os devaneios de Marguerite. Devemos sentir a vida acontecendo perto de nós. Às vezes, um mergulho ocasional na agitação das

atividades externas até revigora. Mas as relações sociais não devem nos exigir mais do que a que temos com o vigia que nos protege durante a noite.

VIDAS DESTITUÍDAS DE PENSAMENTO

Compare o sossego, a segurança e a concentração de uma vida como a de Spinoza com a existência da maioria das pessoas que conhecemos. Ricos e pobres falam de si mesmos como escravos explorados, dizendo que "nem sua própria alma lhes pertence".

Milhões de pessoas são oprimidas pelo trabalho braçal, às vezes por causa das longas jornadas, outras, pela monotonia resultante da padronização, outras ainda, porque a alternância de elogios e depreciação dos chamados líderes trabalhistas substitui o prazer natural da ocupação por incerteza e até ódio. Milhares de pessoas amam seu trabalho e sentem sua dignidade, mas não podem se entregar a esse amor devido à insegurança em que vivem. Quando vemos sinais de cansaço no rosto de um homem, olheiras e rugas de preocupação, nove em cada dez casos não se devem a excesso de trabalho, mas ao medo de ficar sem trabalho. Os escritores e artistas, com vocação, mas sem meios, são o exemplo clássico disso. Depois de se tornarem famosos, seus biógrafos tendem a repetir a visão impensada e cruel de que é bom que os escritores e artistas passem um pouco de fome. Embora a riqueza seja, de fato, prejudicial à arte, os artistas não podem viver sem algum sucesso. Ao que consta, o fracasso e a ansiedade jamais promoveram no homem o que ele tem de melhor, muito pelo contrário: geralmente, ele buscará refúgio na misantropia ou na devassidão, e se tentar o caminho usual para o sucesso, esforçar-se para tornar-se agradável ou popular e bajular pessoas ricas ou influentes, perderá sua dignidade, e a qualidade de seu pensamento se deteriorará simultaneamente.

Os ricos também se sentem explorados e escravizados. Pregadores e moralistas costumam dizer que as pessoas ricas são menos felizes, pois têm mais preocupações do que os pobres. Certa vez, ouvi um capuchinho dizer que as cruzes de ouro são mais pesadas do que as de madeira. Essas metáforas soam bem sob as abóbodas de uma catedral, mas não são verdadeiras. Não existem cruzes de ouro grandes o suficiente para uma crucificação. Se existissem, seriam vendidas por uma fortuna, e o dinheiro arrecadado, destinado a instituições de caridade. Verdade seja dita: os ricos têm menos preocupações do que os pobres. Mas também dependem dos outros, trabalham como condenados e são escravos dos

prazeres mundanos. Sua queixa mais freqüente é não ter tempo para nada, a ponto de ficarem contentes quando pegam uma gripe e podem, enfim, descansar um pouco. No entanto, eles temem a solidão e o único antônimo para diversão é tédio. Em viagens, eles aprendem algo sobre o mundo, pelo menos superficialmente, e a vida social dá aos mais capazes um acervo de fatos, embora seja surpreendente observar o pouco que eles sabem sobre a natureza humana. Tempo para pensar eles não têm; gosto para conversas sérias ou bons livros, eles raramente têm, ou, se têm, logo perdem. Eles vivem com base em seus instintos mais elementares, buscando a felicidade no prazer, nos negócios ou no poder.

O que quer que façam, tentam vender com mais freqüência do que comprar, sem perceber que, no mundo dos sentimentos, o egoísmo nos ilude e nos engana, tomando a aparência por substância. Logo, sua escala de valores se deturpa, pois a fruição imediata prevalece sobre alegrias mais profundas desconhecidas. Um indivíduo mundano é, sobretudo, alguém cujo julgamento não é correto, porque sua mente está cheia de imagens inferiores e fantasmas tirânicos. E o espírito gregário é o tirano mais poderoso nesse tipo de vida. Pessoas, cada vez mais pessoas! Muitas vezes, vêem-se homens e mulheres distintos nos círculos sociais. O que eles fazem ali? Servem somente para que os tolos possam se gabar, dizendo: "Eu o conheço". Mas quem os ouvirá? Quem ajudará a anfitriã em seu esforço para dar atenção a eles? Quem desejará aproveitar ao máximo um intelecto raro? Em duas ocasiões, vi a presença do Cardeal Mercier ser desperdiçada.[12] Lamentável! Os americanos não sabem quantas chances de desenvolvimento intelectual eles perdem com o hábito inveterado de sustentar seis conversas quando há doze pessoas na sala.

Em suma, a criança percebe os adultos e começa a pensar como eles. Vai à escola e, com muita freqüência, a educação lhe impõe os pensamentos de outras pessoas, em vez de ajudá-la a ouvir os seus. Ao terminar os estudos, passa a se sustentar, progride na vida e procura se divertir. Não há mais espaço para pensar, a menos que chamemos de pensamento o uso da mente para fins práticos. Enfim, a vida faz exatamente o contrário do que deveria fazer: desacostuma a pensar, e esse processo começa antes dos dez anos de idade.

O GRANDE DESPERDÍCIO

A leitura deve ajudar a pensar. Um homem que lê, na verdade, toma emprestados os pensamentos de outro homem, e isso indica um desejo de pensar. Quando

faltam livros, diz-se que começa o jejum intelectual. “A leitura”, diz Bacon, “cria homens íntegros”. E Dangeau, jantando com Luís XIV, respondeu certa vez a uma pergunta do rei com a frase: “A leitura é para meu espírito o que as perdizes de Vossa Majestade são para meu estômago”.

Mas há leitura e leitura. Esta palavra, como “inteligente” e “astúcia”, é usada há muito tempo, perdendo seu sentido original. No início, a leitura constituía um processo mágico ou hierático, fazendo parte de um ritual. Nossa maneira de ler, passando os olhos rapidamente por uma página impressa, surpreenderia os antigos. Na Antigüidade, poucos indivíduos sabiam ler e poucos possuíam os blocos, pedras ou rolos necessários para a leitura. Assim, como Heródoto nos Jogos Olímpicos, eles deveriam transmitir a seus irmãos menos afortunados algo do tesouro em suas mãos. Ler em voz alta parece ter sido a regra. Esse era o costume, mesmo na leitura particular, e o rústico que mexe os lábios enquanto lê mantém uma tradição. O eunuco etíope que ia lendo Isaías na estrada de Gaza não teria sido ouvido por Filipe se não estivesse lendo em voz alta.[13] Um biógrafo de Santo Ambrósio também nos diz que esse sábio arcebispo sofreu na velhice a severa atribulação de ter de renunciar à leitura “por problemas na garganta”. Assim, as pessoas só pegavam um livro com um propósito específico e com uma seriedade que hoje em dia só se emprega na leitura da Bíblia ou documentos de caráter quase sagrado. A alma toda, com toda a sua força, envolvia-se na elevada tarefa, sem se deixar levar por distrações ou fantasmas. Quem duvidará que a leitura, nessas condições, é eficaz? Legouvé, um indivíduo comum, venceu Cousin, filósofo e estudioso, na discussão sobre uma passagem espinhosa de La Fontaine. Cousin perguntou o motivo, e o outro homem respondeu: “Eu sempre leio La Fontaine em voz alta, enquanto você lê as *Fábulas* como a maioria das pessoas. Minha voz me diz quando há o risco de interpretar mal uma frase”. Portanto, a qualidade da leitura era excelente.

A qualidade do que se lia também era excelente. Havia poucos livros, e eles custavam caro, de modo que ninguém os acumulava indiscriminadamente. Nem o advento da impressão modificou a composição das bibliotecas: livros religiosos, de poesia e filosofia eram a base, e para leituras leves havia Homero e os livros de história. As bibliotecas dos reis e dos ricos mosteiros raramente contavam mais do que alguns milhares de volumes. Os acervos individuais eram naturalmente menores. Spinoza tinha menos de sessenta livros, dos quais temos um catálogo.

Cem anos depois, Kant possuía trezentos, mas metade eram livros de viagens, pois Kant tinha um lado frívolo.

As pessoas, tanto por necessidade quanto por escolha, limitavam-se ao que chamamos hoje de clássicos, mas que, naquela época, eram simplesmente bons livros. A maior parte deles era escrita em linguagem difícil, que devia ser dominada, ao contrário do que acontece hoje em dia. O aluno precisava saber latim, e até o grego ainda foi usado por Pétau ao defender sua tese aos vinte e quatro anos. No *esaurus Linguae Graecae*, de Stefanus, ouvem-se os ecos de conversas gregas que ocorreram na oficina do impressor. O estudo na época era empreendido com tanto fervor que não havia espaço para complexo de inferioridade. Como um só livro, o indivíduo conhecia as Sagradas Escrituras da religião cristã; quem lia os poucos volumes da obra de Tomás de Aquino já passava a entender de teologia; bastava ler as *Pandectas* para saber direito. Milhares de pessoas faziam o esforço, como um aprendiz de eletricista atual, que vai acumulando conhecimento sobre seu ofício a cada hora que passa, até dominá-lo por completo. Cada minuto contava.

Não é de surpreender, portanto, que muitos homens acreditassem ter praticamente todo o conhecimento de sua época — crença capaz de destruir todos os fantasmas. Também não é de surpreender que os homens que julgaríamos jovens e imaturos fossem vistos com respeito absoluto. Hoje, dizemos que homens de quarenta e oito anos são jovens. Esta é uma noção puramente moderna, criada pelo fato de que a sabedoria agora deve ser imposta sobre nós. Os homens da Revolução Francesa nunca foram ridicularizados por causa de sua juventude, como foram os homens da Comuna, oitenta anos depois. Guy-Patin, ao contar em 1660 a divertida história da disputa entre médicos e cirurgiões, diz que os primeiros foram defendidos por M. Lenglet, professor de retórica do Collège du Plessis e reitor da universidade. Ele acrescenta que esse notável orador era natural de Beauvais e tinha vinte e seis anos, mas não atribui mais importância a um em particular do que ao outro. Um indivíduo de vinte e seis anos era um homem, não um menino, como imaginamos e dizemos abertamente, difundindo, assim, um fantasma perigoso para a humanidade. Se começasse cedo, trabalhasse bastante e nas melhores condições possíveis, um homem do período pré-científico sentia-se completamente apto para tudo antes dos vinte e cinco.

Hoje, com o processo desenfreado de impressão, o mundo corre o risco de submergir num oceano de livros. Onze mil livros são publicados anualmente somente na França. Na época de Luís XIV publicavam-se setenta. E quem não

sentirá vertigem ao pensar nos bilhões de palavras que inundam as cidades americanas todo domingo de manhã? "Vocês decidem", nos dirão os editores culpados. "Se nos disserem o que querem, nós o prepararemos para vocês". Conselho sábio, de fato, pois resume toda a arte de pensar, mas somente o homem que sabe pensar pode segui-lo. Os outros milhões ficarão atemorizados ou deslumbrados com a enxurrada de material impresso despejada sobre eles. Em tal confusão, fantasmas e complexos de inferioridade germinam como micróbios em uma solução propícia. O pior deles é a impossibilidade de se ter uma opinião sobre todos os livros, aliada à suposta necessidade de aparentar que se tem, o que abre um vasto campo para os *slogans*, que nos escravizam. As pessoas fingem que leram o que não leram e repetem de qualquer maneira o julgamento de outros. Evidentemente, nada pode ser tão destrutivo ao pensamento e à capacidade de pensar, distanciando o homem de sua própria alma.

Quando as pessoas lêem, o que elas lêem? Certamente não Tomás de Aquino ou as *Pandectas*. Muitos fingem ler a Bíblia, mas quantos realmente leram? De cada mil pessoas, três ou quatro leram os poetas, e elas são vistas com a mesma surpresa e desconfiança direcionadas aos próprios poetas. O que é produzido em grande escala, alardeado pela publicidade e ampliado pela crítica, é ficção. Romances enchem as livrarias e abarrotam nossas estantes de livros. No campo, onde há pouco tempo para ler, as pessoas lêem romances. Na cidade, onde nunca há tempo para nada, o que as pessoas fingem ler são romances. E os romances não são aquelas grandes obras de ficção que, desde o século XVI, vêm aumentando nosso conhecimento da humanidade, ou mesmo seus sucessores atuais, tão famosos que não há como ignorá-los. Esses romances são, como os leitores sabem, puro lixo, títulos que serão esquecidos em uma semana. "O que você está lendo?", perguntei certa vez a uma amiga inglesa, mulher de admirável caráter e grandes realizações. "Um romance", respondeu ela. "De quem?". "Não sei". (*Risadinha sem graça*).

Os romances são lidos para matar o tempo — a frase mais sacrílega das línguas modernas. E a palavra "ler", como as pessoas das últimas três ou quatro gerações foram fatalmente enfraquecidas pela ficção, não apenas perdeu sua antiga majestade, mas mudou de significado. Agora é mencionada, junto com fumar e jogar cartas, como um relaxamento praticamente físico, sem a noção de um propósito definido em se entregar à leitura. O verdadeiro objetivo oculto sob o ato gregário de ler é NÃO PENSAR.

Isso é bem visível quando o indivíduo que quer matar o tempo utiliza periódicos. Não estou falando das revistas ou magazines. Aquele que, na falta de livros, descobriu num cesto esquecido exemplares de *Revue des Deux Mondes*, *e Atlantic Monthly* ou mesmo *e Saturday Evening Post* deve ter encontrado algo de substancioso nesses objetos aparentemente efêmeros. Além disso, na terceira parte deste livro, terei a oportunidade mostrar a capacidade que o jornal diário tem de se transformar num excelente instrumento de pensamento. Mas, para elevá-lo a esse nível, tem de haver uma necessidade especial, um dom especial ou uma formação especial. Na maioria dos casos, o jornal não é nem lido, apenas folheado. Muitas vezes, já no final da tarde, o jornal ainda está dobradinho em cima da mesa, esperando que os criados lhe dêem um destino. E a maneira como ele se encontra sobre uma poltrona revela o tipo de atenção que recebeu.

A verdadeira capacidade de enfraquecer o pensamento que o jornal tem pode ser medida quando observamos um leitor de jornal comum no trem. Lembro-me de um dia em que estive espiando um indivíduo que viajava num assento ao lado do meu, entre a Filadélfia e Nova York. Nós dois tínhamos sobre os joelhos exemplares do *Philadelphia Ledger*. Fiz algumas observações em vermelho no meu e, então, fixei minha atenção no cavalheiro. Ele estava lendo o relato de uma façanha realizada por uma moça na travessia do Rio Hudson. Esta era uma história longa, que continuava na página seis, terceira coluna. O cavalheiro, porém, não quis fazer o esforço de virar três folhas grandes. Ele queria ler, mas sem se cansar.

Então, deixando para trás a ninfa nadadora, ele passou para o interrogatório da mulher dos porcos, no caso de Nova Jersey e, atordoado pela confusão de perguntas irrelevantes que a própria mulher dos porcos descreveu como "conversa fiada", ele começou a se mexer e a bocejar, mas sem pular uma linha. Todo o jornal foi lido dessa maneira, entre o enfado e a sonolência, com oscilações ocasionais de energia acompanhadas por um enrijecimento do busto e um olhar de falcão para o nada através da janela. Com o tempo, a moça da natação reapareceu, e a mulher dos porcos voltou a preencher colunas serrilhadas, e havia uma mensagem presidencial ao Congresso, editoriais e notícias do mercado de milho, além de informações sobre esportes e navegação. Tudo isso foi lido no mesmo nível e com o mesmo desinteresse insondável até chegarmos ao túnel. Então o cavalheiro, esgotado, largou no chão as folhas amassadas, ficou de pé e começou a procurar pelos cigarros. Tinha acabado a leitura.

Imagine os efeitos, a longo prazo, de um suposto processo intelectual que consiste em apresentar à mente uma série de diferentes assuntos pelos quais não temos, de fato, nenhum interesse. Se lembrarmos que nossa tentativa mais séria de dominar o que lemos é prejudicada o tempo todo por imagens adventícias que chamamos de distração, deixando possivelmente dois terços de nossa consciência disponíveis para o que lemos, teremos poucas dúvidas de que essa leitura, conforme praticada pela maioria das pessoas, não passa de um método para não pensar. Tal método, repetido por muitos anos, acaba "atrofiando" o cérebro. Isso acontece durante toda a vida com a maioria dos homens e mulheres. Eles deixam a escola ou a faculdade aos dezoito ou vinte e dois. Nesse estágio, as necessidades acadêmicas os obrigaram a ler livros sérios e a lê-los seriamente. No que diz respeito à educação, eles estavam indo na direção certa. A primeira coisa que o mundo e sua chamada civilização fazem por eles é convencê-los de que as obras-primas são tediosas, os livros didáticos ou enciclopédias dão sono e que só a literatura leve significa liberdade. Doravante, o ato de ler será uma força destrutiva, disposta contra eles. O jornal, acima de tudo, irá confundi-los com sua frivolidade ou enfraquecê-los, levando-os a um lamentável ceticismo por suas contradições. Eles serão os fantoches de jornalistas e editores irresponsáveis.

Imaginemos, por um instante, o rosto melancólico do homem imerso nos negócios, pensando na cultura intelectual como um Paraíso Perdido, e capaz de dedicar, no máximo, meia hora por dia à leitura religiosa ou filosófica, talvez a algum poeta que se preze. Quão nobre e patético é esse rosto! Como nos curvamos aos resultados muitas vezes maravilhosos produzidos pelos trinta minutos reservados para reflexão! Mas quão raramente encontramos a pessoa quase heróica que se salvará da aniquilação, enquanto milhões mergulham felizes nela. A idéia de que a impressão contribui para esse resultado é quase inconcebível.

Outro desperdício — tão conhecido e infelizmente tão inevitável que é inútil espraiarmo-nos sobre o assunto — é a conversa. "A conversa prepara o homem", disse Bacon. Prepara para quê? Os antigos, como a maioria dos orientais de hoje, falavam somente quando tinham algo a dizer, e a medida para determinar o que valia e o que não valia a pena dizer devia ser a mesma de seus melhores escritores. Daí a concisão de seus discursos. Quando um escritor, mesmo que não dos melhores — Galsworthy, por exemplo — se depara com o mecanismo de reduzir seus diálogos a duas ou três pequenas frases com as quais pessoas apaixonadas encerram uma conversa, ele produz um efeito inesperadamente poderoso.

Agora, pensemos na tagarelice cotidiana, no bate-papo vazio dos rapazes nos clubes noturnos, nas fofocas maliciosas com uma pitada de humor nos salões franceses ou no prazer correspondente que os anglo-saxões encontram em histórias banais! Que vergonha dizer que esse discurso é o instrumento do pensamento quando, na verdade, ele constitui a mera satisfação de um desejo físico! Se Bacon reescrevesse, à luz dos fatos modernos, as famosas frases que citei acima, ele diria que a leitura despoja o homem de sua personalidade e conversa mostra que ele a perdeu.

A conclusão geral desta Segunda Parte só pode ser melancólica. O homem nasce sem fantasmas ou complexos de inferioridade e com capacidade de observar e reunir imagens que estimulam o pensamento. A vida, incluindo influências aparentemente úteis, como a educação e a literatura, destrói essa tendência, como uma geada de abril mata as flores e a imitação, conformismo ignóbil, substitui a originalidade. A humanidade, tal qual Herculano, está coberta por uma crosta dura sob a qual os restos da vida real jazem esquecidos. Os poetas e filósofos jamais perdem o caminho para algumas das câmaras subterrâneas em que a infância vivia feliz, sem saber. Mas a multidão só conhece a lava espessa do hábito e da repetição. Uma pequena parte da população lhes diz o que elas devem pensar e elas pensam.

---

12 Désiré-Joseph Mercier (1851–1926), arcebispo de Mechelen-Bruxelas, um dos maiores representantes do neotomismo do início do século XX — NE.
13 Cf. At 8, 26–39 — NE.

TERCEIRA PARTE

ESTÍMULOS PARA O PENSAMENTO

CAPÍTULO VII

SOLIDÃO EXTERIOR

Muitos a temem e a chamam de deprimente, egoísta ou imoral, poucos realmente a preferem, mas quase todos pensam nela com prazer. A palavra tem uma bela sonoridade, que nem o banal dito latino "o beata solitudo, o sola beatitudo!" conseguiu estragar, e a idéia é encantadora. Invejamos Madame de Sévigné deixando a corte e suas amizades para retirar-se em seu castelo bretão, Bossuet ou Meredith isolados em suas cabanas escondidas no fundo do jardim, Rousseau em sua floresta, Silvio Pellico em sua prisão, Alain Gerbault em seu barco no meio do oceano, Dickens entre seus amigos, conforme o relato nos livros de Forster. Por que nos interessa mais ainda quando ouvimos falar de suas intermináveis caminhadas noturnas? A imagem não mostra nada, exceto um homem em busca de sei lá o quê, no escuro da noite, mas ela nos fascina mais do que qualquer outra coisa disponível.

Fato é que mesmo os mais mundanos dos mundanos se cansam de suas vidas vazias e acabam sentindo tédio. Embora eles vivam a vida com uma bravura digna, às vezes sentem-se derrotados e se aliviam dizendo, em desabafo, que "nem sua própria alma lhes pertence". Eles anseiam por solidão, mesmo que sejam apenas alguns dias em Paris no verão ou em Newport na primavera, o que nem sempre podem bancar, de modo que o breve isolamento de um concerto, de uma cerimônia simples em uma igreja pouco freqüentada ou de algumas horas no automóvel alivia a pressão intolerável.

Existe em todo homem um sentimento de hostilidade em relação às coisas — coisas que acontecem ou que simplesmente existem. Odiamos o depósito entulhado e bagunçado, onde não dá para andar, queremos tirar o lixo da nossa vista, reduzir os objetos ao mínimo, como faz o cartuxo em sua cela branca com apenas uma cruz preta na parede. A noção de vazio nos apavora, mas se ao nosso redor e acima de nós há espaço para nos abrigarmos, respiramos livres e satisfeitos. Nós "nos encontramos", como se costuma dizer, encontramos nosso pobre ser negligenciado, nosso melhor amigo, mas arrastado por todos os cantos como um cão maltratado, esquecido, ignorado, indo para onde não quer, até que, por fim, a

antinaturalidade de tudo isso aparece e, por algumas horas, vivemos em vez de apenas sobreviver.

A arte de pensar é a arte de ser eu mesmo, e essa arte só pode ser aprendida se estivermos sozinhos. A sociedade só produz pensamentos sociais, vulgo *slogans*, ou seja, palavras, mas palavras dotadas do poder de um comando. A solidão produz a alegria da consciência, a consciência de nosso interior, seja lá o que for. E nunca deixa de produzir esse efeito. Tome um café forte pela manhã, para acordar; deite-se, não na cama, mas em um sofá, por duas ou três horas e tente simplificar seus problemas, ou seja, na maioria dos casos, seus aborrecimentos cotidianos, lembrando que você é cristão, e não, como costumava dizer Madame de Sévigné, *une jolie payenne*.[14] Você logo entenderá por que Descartes fez suas descobertas deitado na cama de manhã.

Como podemos encontrar solidão se nosso caminho é cercado por uma série de inoportunos? Não há resposta para essa pergunta se realmente não ansiarmos pela solidão. Mas se ansiarmos, a atrairemos, pois nenhum magnetismo é tão forte quanto o desejo de um homem de ficar sozinho. No dia em que você perceber com satisfação que está feliz por ficar esperando, porque isso lhe dá a chance de ficar sozinho, você saberá que realmente ama a solidão e não precisará mais procurá-la ou orar por ela. A solidão estará onde você está. Conheço, na movimentada Nova York, uma mulher, com um lar e uma família para cuidar, que consegue ficar cinco horas numa sala isolada escrevendo todas as manhãs. Conheço outra que alugou um quarto misterioso no térreo de seu próprio prédio e ainda não foi encontrada, nem pelas próprias criadas. Mas conheço outra, o exemplo perfeito da dama de sociedade, com um belo sorriso no rosto. Ela costuma ficar em casa, e sua porta está sempre aberta. Ainda assim, ela lê muitos livros, antigos e modernos, nas horas de lazer, que nunca lhe faltam. Na verdade, ela jamais reclama de não ter tempo suficiente. Como pode ser se o telefone dela deveria tocar o tempo todo? O desejo dessa mulher de ficar sozinha com seus livros intimida as pessoas, que simplesmente não se atrevem a ligar para esse número.

SOLIDÃO INTERIOR

Nós a chamamos de concentração. Assim como a solidão exterior é a redução máxima de pessoas e até de objetos ao nosso redor, a concentração consiste na eliminação, uma após a outra, ou por um esforço abrangente, de todas as imagens

alheias a uma determinada cadeia de pensamento. Essa cadeia de pensamentos, geralmente espontânea, é chamada de absorção. A linguagem comum utiliza corretamente o termo "pensar" para indicar todas as condições mentais desse tipo. Enquanto nosso cérebro estiver preenchido por turbilhões de imagens descontroladas, não podemos dizer que estamos pensando. No momento em que imagens da mesma natureza entram em nosso campo de observação, percebemos que pensamos e, simultaneamente, nos tornamos inconscientes da maioria das coisas alheias ao nosso pensamento.

Quem nunca viu um homem andando por uma multidão indiferente a todos, exceto à sua visão interior? George Tyrrell tinha de ser vigiado se alguém quisesse mantê-lo dentro do círculo visível em que ele estava sentado: um minuto de distração, e ele seria encontrado a quilômetros de distância dali. Amantes, poetas e artistas, portanto, conseguem se isolar mesmo acompanhados. Alphonse Daudet nunca fechou sua porta a nenhum visitante, mas seu interlocutor, independentemente de quem fosse, era obrigado a ouvir todos os detalhes do capítulo em que o romancista estava trabalhando. A mente de Daudet era aparentemente mais ativa quando ele podia expressar seus pensamentos, e a presença de outras pessoas estimulava sua criatividade em vez de prejudicá-la. Pessoas dominadas por uma grande paixão, apóstolos de todos os níveis, vivem em seu propósito e não precisam de solidão exterior para pensar. É difícil não se surpreender com o contraste entre a carreira itinerante de São Paulo e a condensação de seus escritos. Sabemos que ele ditou suas cartas em frases rítmicas. A presença do secretário ou intérprete não o perturbava. Ele estava acostumado a estar sempre acompanhado e, sem dúvida, ansiava por companhia. Durante a guerra, certo dia uma pessoa de aparência estranha se sentou ao meu lado em um banco no Terraço Saint--Germain. Era um trabalhador russo, um homem simples, que não sabia muitas palavras em francês. Apesar dessa deficiência, era eloqüente. Por mais de uma hora, ele se manifestou em defesa do pacifismo, e, embora o momento não fosse o mais adequado para falar daquilo, não pude deixar de admirá-lo. Visivelmente, minha presença era somente um pretexto ou um incentivo para esse adorador de uma idéia fixa.

Muitas pessoas devem à sua profissão o hábito de se concentrar. Napoleão era capaz de passar de um assunto para outro completamente diferente, de estratégia, por exemplo, aos estatutos da Comédie-Française como se fosse outro homem. Ele tinha na cabeça o que chamava de "gavetas", às vezes de "atlas", que lhe forneciam as informações de que precisava. Advogados ou diretores espirituais

geralmente nos surpreendem com a atenção total que podem dedicar a diversas pessoas, uma após a outra, mas porque se limitam à sua especialidade. Sua virtude não é tanto a concentração, mas o recolhimento. Mesmo assim, eles também conseguem viver em uma solidão interior que, por mais que batam à sua porta, não se abala. Sem dúvida, esses homens estão mais próximos do pensamento do que o indivíduo comum, como um bibliotecário está mais próximo dos livros do que o indivíduo que o vende nas ruas.

A reclamação que se ouve com mais freqüência é: "Não consigo me concentrar", além de: "Não tenho memória". Ao investigar um pouco mais, você descobrirá que os indivíduos que não conseguem se concentrar estão conscientes de um peso que anula todo esforço intelectual ou de uma frivolidade que impede qualquer contato mais profundo com o objeto de atenção. No momento em que tentam se concentrar, são invadidos por uma série de imagens irrelevantes, que parecem zombar deles e confundi-los. Se tentam combater essa confusão, instala-se o nervosismo, e sua vítima prefere frivolidade à dor. Isso explica por que as pessoas tentam fazer de tudo para não pensar. Já observei como alguns rapazes ficam bastante inquietos e visivelmente pouco à vontade quando um livro interessante é lido na turma. No tédio do dia-a-dia, ao contrário, eles parecem bastante tranqüilos. Odeiam qualquer livro que seja interessante demais, pois ele os impede de pensar em outra coisa, mas não se incomodam com a rotina e até gostam da monotonia, pois ela não lhes exige nada e lhes dá liberdade para pensar no que quiserem.

Podemos aprender a nos concentrar? A dúvida implícita nesta questão é em si um complexo de inferioridade responsável por muitos fracassos. De fato, nove em cada dez homens ou mulheres que possuem a capacidade de concentração a adquiriram pela prática paciente. Como foi mostrado na primeira parte deste livro, nossa mente tende naturalmente a sobrepor conjuntos de imagens. Para eliminar o maior número possível delas, é necessário um esforço que só a necessidade ou algum desejo forte pode proporcionar. A atenção é mais um hábito do que um dom, e saber disso pode incentivar aqueles que desejam viver em sintonia com sua alma.

O nervosismo é obviamente um enorme obstáculo à concentração. Os indivíduos que ficam nervosos na presença de outras pessoas, que acreditam que os outros são sempre mais inteligentes ou mais bonitos do que eles, que se sentem desconfortáveis com fingimentos ou afetações, não devem se culpar por se sentirem incapazes de se concentrar na presença de seus semelhantes. Goldsmith,

de fato, escrevia como um anjo: nada pode ser mais lógico, apesar de sua graça, do que *O vigário de Wakefield*. Quando Oliver falava como um papagaio, era porque estava extremamente nervoso e tinha de dizer qualquer coisa para desfazer a pressão. Mas ele não falou como um papagaio no dia em que interrompeu os elogios de outro escritor, admitindo que aquilo era uma tortura para ele. Goldsmith deveria ter evitado a companhia de outros escritores que estão sempre irritados. Se você tem consciência da mesma tendência, procure pessoas gentis e simples, em vez de pessoas brilhantes. Quando for abordado por alguém cuja conversa você já sabe, por experiência, que perturba sua concentração, sorria e demonstre paciência cristã, mas não diga nada, mantenha-se imóvel em silêncio, até que o sinistro magnetismo do outro homem enfraqueça. Chegará um momento em que perceberá já ser capaz de enfrentá-lo nas mesmas condições.

Qualquer tipo de interesse produz concentração de um modo natural. Os egoístas se concentram em seus próprios lucros imediatos, os idealistas, em suas idéias. Cinco minutos com uma pessoa já é tempo suficiente para perceber a natureza e o nível de seu interesse: ganho, vaidade ou prazer, ou, pelo contrário, alguma forma de desejo de melhorar o mundo. O desinteresse é sua própria recompensa, pois preenche a alma mais do que qualquer esforço consciente. A nobreza de um ponto de vista ou propósito, a indiferença frente a pequenas vantagens, a verdadeira caridade cristã, a contemplação incessante do místico: tudo nos parece ao mesmo tempo conferir superioridade intelectual e criar um paraíso para seu possuidor.

Se descermos ao nível meramente intelectual, descobriremos que aqui também o interesse real é essencial para a concentração e o cria em um instante. O mesmo menino que sonha acordado quando tem de escrever uma redação é capaz de se concentrar a metade do dia num problema de matemática ou num novo aparelho de rádio. As mesmas pessoas que se julgam capazes de ler somente romances leves podem gostar também de livros de memórias, sem dúvida, mais fáceis de ler do que romances. Elas não se atrevem a dizer que se concentram em romances, temendo soar ridículas, mas não hesitam em admitir que se concentram nas *crônicas* corteses, e, de fato, conseguem se concentrar como a maioria dos historiadores. "Saia da estrada principal", diz Doudan, "e caminhe cem passos em qualquer direção que você encontrará uma sombra aprazível e até um poço de água límpida". Conheci um padre francês que, por incrível que pareça, amava teatro, uma paixão a que ele dificilmente poderia se dedicar numa aldeia em que nada acontecia. Começando com as peças publicadas no *L'Illustration*, o frívolo

eclesiástico foi formando uma vasta coleção dramática. Em alguns anos, ele passou a ser considerado uma autoridade em teatro moderno, e quando a morte interrompeu essa ocupação, que se tornara uma especialidade sem deixar de ser um prazer, a venda dos livros adquiridos para satisfazê-la foi um evento literário. Colecionar é especializar-se, e especialização é sinônimo de concentração. Conclusão: concentramo-nos no momento em que temos interesse em algo ou encontramos prazer nisso. A arte de pensar é, em grande parte, a descoberta do que satisfaz nosso intelecto sem nenhum esforço ou inquietação.

No entanto, nem sempre podemos seguir nossa inclinação em termos de pensamento, como fazemos com nossos atos. Existem problemas chatos que precisamos resolver; temos deveres intelectuais tão difíceis de cumprir quanto as obrigações morais: podemos amar a poesia e não gostar de história, como Shelley, mas sentimos que não devemos imitar Shelley em sua indiferença pela história, pois só os gênios podem desconsiderar os cânones gerais da cultura. Como nos concentrar em assuntos que, por não serem atraentes, naturalmente produzem distração? Outro capítulo será dedicado aos exercícios mentais para criar em nós a capacidade de concentração, como os enigmas, os problemas e as palavras cruzadas dos jornais. Madame de Maintenon, de sua maneira honesta e direta, descreve a reflexão como "pensar com atenção várias vezes na mesma coisa". Essa definição fornece uma excelente orientação quando o objeto de nossa concentração é um, não muitos, e quando se encontra no campo de nosso microscópio mental. Mas as coisas costumam ser mais complicadas do que simples. Além disso, tentamos descobrir — não apenas examinar — pensamentos, e o problema da concentração nesses casos é muito diferente da atenção que um aluno precisa dedicar à lição.

Devemos entender, para começar, que a concentração é impossível se estivermos cansados ou desanimados. O excesso ou a falta de sono produz uma espécie de vazio em nosso cérebro, e o mesmo acontece com o excesso ou a falta de comida e o excesso ou a falta de atividade física. Não creia que exercícios físicos intensos, como o *squash*, resolverão o problema do embotamento mental. O espírito animal entra em movimento, mas as artérias pulsantes geralmente só deixam passar uma onda de imagens desordenadas ao cérebro. A leitura tampouco ajudará sua mente no que você acha que é o caminho certo. A imobilidade absoluta, um cigarro fumado em paz, dez minutos na janela aberta, um passeio sozinho no parque ou, às vezes, uma xícara de chá o aproximará mais da fonte legítima de seus pensamentos do que qualquer outra coisa.

Quando seu coração tiver se acalmado pela quietude incomum de sua mente e as mariposas da distração tiverem se dispersado, você estará pronto para a concentração, mas ainda pode se encontrar diante de um espaço em branco. Muitos trabalhadores intelectuais estão conscientes de que seu esforço para eliminar a superfluidade parece também eliminar o essencial. "Sobre o que eu quero pensar? O que me interessa? Alguma coisa me interessa?".

Pessoas de boa memória raramente experimentam essa esterilidade. Ao primeiro sinal, as gavetas ou atlas se abrem, colmando-os de dados. O problema é que esses dados, estereotipados, foram tomados de outra pessoa e nunca foram aprimorados. Ao contrário, os indivíduos conscientes de trabalhar com matéria viva, impressões, intuições ou sentimentos, muito satisfeitos com a mente um dia e, no dia seguinte, insatisfeitos, coabitam, por assim dizer, com a natureza, e sua existência intelectual é um drama. Sua falta de memória faz com que eles sintam a necessidade de continuidade. Eles procuram elevar a si mesmos para estar no fluxo natural de sua existência consciente ou subconsciente, desde a infância até agora. Sua memória não é um quadro indelével, mas a consciência de alguns picos de interesse em torno dos quais os dados secundários naturalmente se agrupam. Historiadores como Michelet ou Carlyle obviamente têm memórias organizadas dessa maneira, mas as linhas principais de livros como *Declínio e queda do Império Romano*, de Gibbon, ou *A cidade antiga*, de Fustel de Coulanges, mostram um interesse dominante puramente intelectual, é verdade, mas ainda produto da cristalização. Ao contrário, Mommsen — a quem devo demais para falar dele com desrespeito — tinha uma memória infalível, mas inorgânica. Nosso esforço deve ser retomado de onde paramos da última vez em que estávamos completamente ativos. Não devemos ler o jornal sem lembrar que nosso interesse em política, ou seja, na história contemporânea, não deve ser mera curiosidade. Queremos que o mundo seja mais sábio e menos cruel, e se existir um homem ou um país que nos dê esperança na melhora prevista pelos Isaías de todos os países, é o progresso desse homem ou daquele país que queremos seguir. Nossa continuidade nesse plano é a condição de nossa memória e também o canal de nossa concentração.

A concentração que, à primeira vista, conseguimos por eliminação, descartando imagens não harmoniosas com nossa tendência de pensamento, pode ser alcançada com melhores resultados se buscarmos o contexto propício para ela. E esse pano de fundo nada mais é do que a multiplicação de imagens harmoniosas. Se eu quiser me concentrar, para entendê-lo, no isolamento americano, por exemplo, devo, em primeiro lugar, esvaziar-me de toda irritação

causada pelas defesas limitadas desse isolamento e, então, rapidamente povoar minha imaginação com imagens como a imensidão da América — melhor compreendida pela extensão de seus lagos ou desertos, a ausência de vizinhos intrusos, sua capacidade de auto-suficiência, sua tendência ao conformismo e sua surpreendente compreensão da palavra "estrangeiro". Lembro-me de um motorista de táxi romeno que peguei em Nova York, falando-me de seu país, de onde ele saíra vinte anos antes, como se tivesse trocado o Purgatório pelo Paraíso. Esse homem me ajudou a entender os peregrinos, homens que sacudiram a poeira dos pés no velho continente — o oposto dos colonos; e os peregrinos, por sua vez, me ajudam a entender o rebelde, o tom de rebeldia da palavra "americano" nos jornais do período pré-revolucionário que em algumas ocasiões folheei. E chega. Se finalmente me lembro que, para o americano não-viajado, a Europa parece um monstro faminto de muitas bocas, minha concentração está completa. Não penso em nada além do isolamento da América e o entendo tão bem que, não fosse por outro conjunto de imagens que se aproxima, sou capaz de defendê-lo. Multiplique essas visões e a distração não saberá onde pegá-lo.

Esta é a maneira natural e vital de pensar. Todas as nossas idéias provêm de tais grupos de imagens e, quando desejamos restaurar a vida de uma idéia que já começa a se cristalizar em palavras, instintivamente recordamos as circunstâncias concretas de onde ela se originou. Da mesma forma, os oradores que não desejam decorar seus discursos criam um estado — intelectual e imaginativo — do qual a verdadeira eloqüência fluirá. As imagens de nosso cinema interior não estão, como as cadeias de pensamento mais abstratas, à mercê das distrações. Nem o barulho da mesa de jantar ou a paisagem sempre nova que se vê da janela da carruagem é capaz de interferir nesse filme.

Outro método infalível de concentração — ou, por assim dizer, de moderar a atenção —, é pegar uma caneta e preparar-se para anotar o que nossa mente ditará. Há no próprio gesto algo imperativo a que mesmo a mente mais errante raramente resiste. Certa vez, perguntei a uma escritora de sucesso sobre seus métodos de trabalho. "Pego uma folha em branco e um lápis", respondeu ela, "sento-me em uma mesa vazia, e logo aparece uma história". O mesmo fazia Anton Tchekhov, que escrevia para as revistas contos menos efêmeros que as histórias dessa moça. Mas, especialmente quando queremos ser claros e certeiros para tomar a melhor decisão sobre algum assunto, o processo de papel e lápis é bastante útil.

À exceção daquilo que nos interessa de maneira vital, os objetos nos quais nosso egoísmo se concentra sem nenhum incentivo externo, passamos a vida submersos em imprecisão. A maioria dos homens e mulheres morre sem uma idéia definida em relação à vida e à morte, à religião e à moral, à política e à arte. Mesmo em questões puramente práticas, não temos muita clareza. Acreditamos que os outros sabem com precisão em que sentido encaminhar a educação de seus filhos, como conduzir suas próprias carreiras ou o que fazer com seu dinheiro. Essa idéia nos faz acreditar que nós, em contrapartida, não temos uma visão clara dessas questões importantes, uma vez que estamos separados delas por uma leve cortina de incerteza. Mas não é verdade. Os outros, como nós, vivem em estado perpétuo de imprecisão. Como nós, eles acreditam que estão pensando em algum assunto importante quando, na verdade, estão apenas pensando em pensar no assunto. Quando essa falácia já ocupa nosso subconsciente há algum tempo, concluímos que a pergunta não admite resposta convincente e agimos de acordo com a pressão das circunstâncias, conselhos superficiais ou modismos. É impressionante observar quão poucos testamentos realmente representam a última vontade do indivíduo. Como ele nunca foi capaz de conhecer a própria mente, o advogado ou algum parente ditou o documento.

Se nos sentássemos diante de uma folha em branco e escrevêssemos em duas colunas os argumentos pró e contra uma idéia que nos ocorre, a verdade surgiria na nossa frente. Ficaríamos impressionados com a evidência de algumas considerações e a necessidade de procurar aconselhamento sobre esse ou aquele ponto. Conselho de quem? Nada de cair de novo na ilusão de pensar em pensar nas possíveis pessoas. Pegue outra folha e anote os prós e contras dos conselheiros. Instintivamente, você guardará essas folhas em um envelope. Este será um dossiê, semelhante aos que definem os destinos dos impérios.

Robinson Crusoé recorria a esse método quando não tinha como recorrer a mais nada. Santo Inácio de Loyola o descreve detalhadamente e fez dele a base da vida espiritual em sua Companhia. Poucas pessoas sabem que os cinqüenta e poucos infólios deixados pelo incomparável conselheiro, o príncipe Albert, constituem o rascunho escrito dos conselhos que ele deu à rainha Vitória. Se você experimentar esse método uma única vez, nunca o abandonará. Devo advertir, porém, que o hábito pode se tornar tirânico: você pegará seu bloco de anotações e seu lápis automaticamente, não apenas quando estiver pensando em vender sua casa, mas também quando precisar arrumar uma mala. Tudo tem seus inconvenientes, e mais adiante falaremos dos inconvenientes de fixar o

pensamento em palavras escritas. Mas tomar decisões é uma necessidade, e é melhor ser inseguro sem ninguém perceber do que ser inconstante à vista de todos.

No geral, a concentração é um estado natural que pode ser facilmente reproduzido com métodos simples. Tal estado parece excepcional somente porque as pessoas não o experimentam e, como em muitos outros casos, se deixam morrer de inanição diante de uma mesa farta. Aqueles que já o experimentaram nunca se decepcionaram com o processo. Acontece, às vezes, de o indivíduo se decepcionar consigo mesmo.

"Só tenho pensamentos comuns", reclamam. Sim, mas eles são seus, e é melhor ter pensamentos comuns do que nada. "Vislumbro verdades profundas e tenho consciência de lampejos brilhantes, mas eles desaparecem como fogo-fátuo". Você é abençoado, pois, não sendo brilhante, ao menos será fosforescente.

Há alguns anos, durante um jantar, sentei-me ao lado de uma americana que me encantou com a sutileza de seu julgamento, mas cujos vôos curtos desapontavam constantemente as expectativas de uma nova subida. Ainda assim, sempre que leio Joubert lembro-me dela, o que não deixa de ser um elogio para uma dama da sociedade. E Montaigne não admitiu, sem muita preocupação, que era capaz de "lidar com uma dificuldade só uma ou duas vezes, precisando desviar o olhar em seguida"? Os meninos que tentam ver a hora no relógio do campanário a mais de um quilômetro de distância sabem que de nada adianta a teimosia. O que devemos fazer é apenas aproveitar ao máximo nossas possibilidades.

CRIANDO TEMPO

Você realmente não tem tempo? Você está sendo sincero ou apenas repetindo o que todo mundo diz? Não ter tempo! A maior das pobrezas! Talvez sua idéia de ter tempo não seja ter tempo para si mesmo, mas ter todo o tempo do mundo, não ter nada para fazer: examine sua consciência e responda.

Axioma: *Pessoas muito ocupadas sempre encontram tempo para tudo*.

Por outro lado, pessoas que estão à toa não encontram tempo para nada.

Talvez você não saiba o que significa concentração. Nesse caso, venda todos os seus bens, despeça-se de sua família e de seus amigos e, depois de reler o capítulo anterior, dedique três dias, ou talvez três horas, a exercícios de concentração. Você logo descobrirá se sabe se concentrar ou não.

Enquanto isso, vale a pena fazer a si mesmo algumas perguntas.

Como poupar tempo

Não há nenhum tempo para reaver? Não do seu trabalho, da sua atividade física, da sua família ou amigos, mas daquele prazer que não lhe dá tanto prazer assim, das conversas vazias no clube, das peças medíocres, dos fins de semana não tão agradáveis ou das viagens que não valem tanto a pena?

Você sabe dizer não aos ociosos? Consegue resistir à tentação de agradar pessoas cuja preguiça não precisa de assistência? Sabe diferenciar gentileza de fraqueza, sem se recusar a fazer um favor, mas se recusando a se fazer de idiota? Você é escravo do telefone?

Você sabe reunir fragmentos de tempo para que não se percam? Sabe o valor dos minutos? Um dos Lamoignons tinha uma esposa que sempre o deixava esperando alguns minutos antes do jantar, que naquela época era realizado em plena luz do dia, às três horas da tarde. Depois de um tempo, ocorreu-lhe que oito ou dez linhas poderiam ser escritas durante esse intervalo, e então pediu que colocassem papel e tinta num local conveniente para esse fim. Com o tempo, pois os anos são curtos, mas os minutos são longos, desses breves momentos de meditação resultaram vários livros. A humanidade pode ser dividida entre a multidão que odeia esperar, porque se sente entediada, e os poucos indivíduos que gostam, porque isso lhes dá tempo para pensar. Estes últimos lideram o resto, é claro.

O que você faz quando está no trem, no carro ou num táxi? Se você não faz nada e se sente bem assim, ótimo, mas se fica inquieto, a culpa é sua. Trollope escreveu muitos capítulos de seus livros no trem. Você deveria lê-los, porque valem a pena, e Trollope está na moda. Sem dúvida, é impossível ler ou pensar sem se isolar momentaneamente dos que estão à nossa volta. Alguns lhe dirão que você é muito reservado, mas não há o que fazer. Se você quiser pensar, deve esperar ficar um pouco à parte e muito acima.

Você anda com um desses "pequenos grandes livros" consagrados na bolsa ou, melhor ainda, um livro que você mesmo descobriu? "Ninguém anda com livros na bolsa". Perdão, eu quis dizer um baralho de cartas, é claro. Desculpe a minha distração.

A que horas você se levanta? Não poderia ser quarenta e cinco minutos ou meia hora antes? Se você deixar de ler na cama, uma prática condenada por todos os

oftalmologistas e por muitos moralistas, você consegue. Ninguém jamais foi capaz de explicar por que uma educação latina confere essa curiosa superioridade às pessoas, mas é o que acontece. Existe o mesmo mistério sobre aproveitar a manhã. “Reserve as primeiras horas da manhã”, escreveu Fénelon a uma senhora, “ao trabalho intelectual”. De alguma forma, funciona. Uma hora da manhã vale por duas, e o vazio que inevitavelmente virá nas horas ociosas ao longo do dia não o tragará.

Sobre o tempo perdido

Você costuma dizer “esqueci” ou “não pensei nisso”? Essas exclamações significam que você está perdendo tempo: tem de fazer as mesmas coisas diversas vezes, e por sua culpa. O esquecimento deveria ser algo tão raro que chegasse a ser uma surpresa.

Você quase nunca esquecerá, não se atrapalhará, nem terá de recomeçar o que estava fazendo se tiver dois hábitos fáceis de adquirir: a *previsão* e a *ordem*. Prever significa ver com antecedência. Um quarto de hora pode ser facilmente poupado no trem se você visualizar antes o que precisará usar à noite e de manhã, e deixar esses objetos na parte de cima da mala, em vez de ficar tateando a roupa na esperança de encontrá-los. Preveja que talvez precise abrir sua bagagem na alfândega e já separe a chave. Se houver a possibilidade de ter de responder ao interrogatório de imigrantes, não confie apenas no seu passaporte, mas tenha preparada uma carta, solicitada com antecedência à sua anfitriã americana, onde haverá referências aos fins de semana em Long Island ou à ópera, mas sem referências a palestras, pois palestras certamente significam ateísmo ou bolchevismo. Se você se esquecer de pedir essa carta quatro semanas antes de zarpar, ela chegará depois de sua partida. Se você a esquecer em sua cabine e precisar ir buscá-la, em meio à desconfiança e impaciência dos outros estrangeiros, você descobrirá que sua bagagem acabou de ser retirada da cabine e está em algum lugar a caminho do guichê de letra D.

Estes são exercícios elementares de previsão imaginativa. É bom visualizar possibilidades mais importantes, como casamento, velhice, doença, morte ou loucura, fracasso nisso ou sucesso incompleto naquilo, erros de sua parte e traição ou estupidez por parte de outras pessoas. Preveja o futuro. Não seja como a ovelha que bale à toa ou o cordeiro bobo, e à medida que sua imaginação mostrar as coisas como elas provavelmente serão, talvez um pouco enfeitadas, anote-as e

guarde as anotações cuidadosamente. Com uma rapidez surpreendente, você se encontrará na posse de cadernos dizendo-lhe claramente e com detalhes tudo o que você deve fazer a fim de se preparar para uma mudança, uma venda e outras decisões importantes.

"Que chatice! Que escravidão!", você exclama. Nada disso! Que liberdade! Que independência e segurança! Meu caderno é um tesouro, assim como outro dossiê volumoso, no qual meus erros são registrados para uma leitura privada e profícua.

A ordem é prima-irmã da previsão, como você pode ver. Ao visualizar uma ligação de alguém, o natural é colocar no bolso do casaco ou ao lado do chapéu o livro emprestado há muito tempo por ele. Um banco no corredor cheio de coisas que precisamos levar ou lembretes no tapete embaixo da mesa não significam desordem, mas ordem. As coisas devem estar onde não serão esquecidas.

— Tem certeza de que sabe a diferença entre ordem e limpeza, querida? Seu quarto certamente parece maravilhosamente bem cuidado e arrumado, mas onde está aquela carta importante que chegou no sábado do advogado?

Onde está? Se olharmos dentro daquele requintado *bonheur du jour*, o que encontraremos? Um monte de cartas, algumas em seus envelopes, algumas fora, contas, convites, ingressos para concertos, programas antigos e tudo o que você imaginar! Quanto tempo levará para encontrar a carta do advogado! Quantas vezes os delicados dedos afundarão na pilha de papéis, com a firme convicção de que a carta está ali, apenas para sair com a impaciência de um beija-flor que não encontrou seu néctar!

Coloquemos um pouco de ordem nas coisas. Nesta cadeira, disponhamos as cartas abertas, naquela mesa, as outras, e em cima do dicionário, as contas. Todo o resto vai para o lixo.

— Espere! Dentro de um desses programas existem dois versos de Crashaw dos quais eu não me desfaria por nada no mundo.

— Aqui estão eles. Para onde eles vão?

— Para onde? Que tal na categoria "história da literatura de Cambridge, seção Crashaw"?

— Não, vá por mim. Pegue um envelope grande e resistente, abra-o na parte de cima, escreva "Crashaw" na frente, coloque o programa dentro e guarde-o em uma de suas prateleiras. Logo haverá mais cinqüenta envelopes enfiados ali, e seu marido dirá, com razão, que isto aqui parece um escritório. Agora, olhe as cartas abertas. Nem uma marcação com lápis vermelho em nenhuma delas... você me

surpreende. Bem, você terá que ler as cartas novamente. Não servem para nada? Por que guardá-las, então? Rasgue-as e lixo!

— Estas duas da Sra. Chambers eu quero guardar.

— Um envelope grande, "Chambers" escrito na frente, e coloque ao lado de "Crashaw". Simplifique.

— Estas duas... estas quatro... estas quinze têm que ser respondidas.

— Céus! Agora entendo por que os estrangeiros se queixam de que os americanos não respondem cartas. A maioria das nações sérias do mundo. Isso não pode continuar assim. Você é uma moça educada, precisa responder cartas. Pegue quinze envelopes, coloque as quinze cartas neles e, por mais trabalhoso que seja, escreva os quinze destinatários. De agora em diante, no momento em que uma carta chegar, você marcará em vermelho as passagens importantes, decidirá se essa carta deve ir para o lixo, para a estante Chambers-Crashaw ou para a pilha de "cartas a responder". Neste último caso, coloque a carta num envelope, escreva o destinatário, cole o selo — se a carta for para Paris, por favor, coloque um selo de cinco e não de dois, como você sempre faz. Quanto mais alta a pilha de cartas a responder, mais peso na consciência. O aborrecimento lhe ensinará a virtude.

Uau! O *bonheur du jour* ficou vazio, o lixo ficou cheio e vejo um sorriso de alegria e surpresa no seu rosto! Agora você sabe a diferença entre *limpeza*, que é hipocrisia, e *ordem*, que significa um lugar para tudo e tudo em seu lugar, seja uma prateleira, um envelope ou a lata de lixo.

Não diga que demorou meia hora para limpar a escrivaninha, e, conseqüentemente, você só perdeu trinta minutos por não ser metódica. Pois a mesma confusão que havia em sua mesa também havia em sua mente e até em sua vida, minha querida. Você perdia tempo, mas pensava pouco a respeito, além de ser ineficaz: uma jogadora de tênis fraquinha, que nunca realizou um *smash*. Seu ideal deve ser jamais desperdiçar um passo, uma palavra, um gesto. O desleixo é o contrário da elegância. Na verdade, desleixo é sinônimo de negligência.

❧

Além da falta de ordem, uma das maneiras mais garantidas de perder tempo e enfraquecer a vida é hesitar antes de agir. Um amigo meu voltou de seus quatro anos em um campo de prisioneiros na Alemanha com uma incapacidade nervosa

de decidir chamada *abulia*. Lembro que um dia o vi parado em frente ao mancebo, sem saber em qual braço pendurar seu chapéu. Deu pena. A hesitação só é irritante quando resulta não de problemas de saúde, mas de falta de energia, inteligência ou método. Algumas pessoas conseguem se vestir em quarenta minutos, porque aprenderam o automatismo que Bergson costumava recomendar tão persuasivamente. Outros levarão uma hora e meia, ou porque não adotaram a ordem invariável que, com o tempo, se torna automatismo, ou porque hesitam diante de decisões que deveriam ser meros gestos. Começam a olhar em volta, perguntando-se o que fazer em seguida, ou se debruçam na janela, acendem um cigarro para espairecer e, por fim, hesitam indefinidamente entre dois colarinhos ou duas gravatas diferentes.

Uma antiga palavra francesa preservada apenas em alguns distritos do norte descreve isso graficamente. É o verbo *tourniquer*, que descreve uma pessoa sem rumo, movendo-se em círculos, à espera da inspiração que definirá seus atos. É claro que, quanto mais se espera pela inspiração, mais ela demora a vir. Algumas pessoas passam a vida inteira decidindo começar alguma coisa, sem começar. Cinco minutos diante de uma folha de papel com a famosa pergunta de Foch, "de quoi s'agit-il?" [de que se trata?] e um lápis para respondê-la bastariam para quebrar o encanto, mas a hesitação crônica não admite solução. Sua resposta é: devemos primeiro refletir a respeito. Mas a reflexão não começa nunca. De fato, a palavra "começar" é aterrorizante. Nada mais verdadeiro e encorajador para aqueles que lutam entre o desejo de fazer e a preguiça do que a máxima grega: "Começar já é metade do caminho". Os escritores sabem bem disso, e os estudantes deveriam aprender essa verdade. Você tem que escrever na faculdade um ensaio sobre Ronsard. Vá direto ao professor que pode lhe dar uma lista de uma dúzia de passagens mostrando Ronsard em sua forma mais sublime, mais graciosa, menos greco-latina etc. Vá direto para casa e leia as passagens indicadas, fazendo anotações do que observa e de como você reage. Não perca tempo e classifique essas anotações. Revise-as até que as idéias tomem corpo e, sem perder tempo, escreva o que você tem a dizer e mais nada.

Seu testamento pode ser preparado e elaborado da mesma maneira, assim como sua resposta a uma proposta de parceria ou sua campanha maquiavélica de fazer com que fulano pense em você como parceiro. Aprenda a encarar as coisas de frente, mas de acordo com os métodos mais científicos. Seja o Charles Lindbergh de qualquer pequeno oceano que você tenha de atravessar. Nossa vida deve consistir em mil dramas breves, completos em si, velozes como um jogo de

pôquer. Alguns homens de negócios me proporcionaram um verdadeiro prazer artístico pela infalibilidade de sua maneira de ditar cartas. Cada uma abarcava uma rápida ponderação de prós e contras, uma decisão, e o que era feito logo em seguida. Outros homens de negócios...

Você já começou a aprender francês ou alemão? Sim? E você quer começar de novo? Vá por mim, não comece. Uma tentativa é suficiente. O demônio da hesitação se deleita em dizer às pessoas que elas devem aprender idiomas. Em vez disso, colecione caixas de fósforos como o príncipe russo em *O crime de Sylvestre Bonnard*.[15] Faltava-lhe somente um exemplar, e essa busca preencheu sua vida. Comece hoje mesmo, agora de manhã, algum tipo de serviço social que lhe dê a chance de jantar à noite sem se sentir mal.

Chegamos à conclusão, portanto, de que o tempo pode ser "criado". Se você possui listas de coisas a fazer em determinadas circunstâncias (antes de ir para o campo, antes de viajar, antes de estudar); se sua agenda for uma tabela dividida em seções claras, mostrando rapidamente o que deve ser feito, você será uma pessoa ocupada, mas terá um senso de poder sobre as coisas. E se você sabe como se concentrar, ou seja, como usar o lado aguçado da sua mente, tendo tempo e a ferramenta certa, precisará apenas de um bom material para pensar. É a esse material que os próximos capítulos serão dedicados.

---

14 "Um belo de um pagão" — NE.
15 Romance de Anatole France (1881) — NE.

CAPÍTULO VIII

IMAGENS FORMADORAS DE PENSAMENTOS

LEMBRE-SE de que a nossa mente opera numa sucessão constante de imagens, mais ou menos conectadas. Tais imagens, como dissemos, caracterizam nossa qualidade mental. Passe de uma sofisticada galeria de arte para o departamento de quadros de uma loja e terá consciência da mediocridade logo após a distinção. A imaginação de cada um de nós é uma galeria de quadros. Caso estivessem expostos, em vez de terem de ser inferidos pela fala ou pelo aspecto geral do indivíduo, poderíamos classificar nossos semelhantes como fazemos com jarros numa loja.

É inútil fazer mais que relembrar o que foi dito no capítulo 2 da Parte I sobre a inferioridade geral das imagens que povoam a mente da maioria dos seres humanos. Muitos deles dificilmente superam os de uma mentalidade animalesca, lembrando sempre que não raro os animais estão bem acima dos seres humanos em sensibilidade ou na capacidade de amar. A mente do bêbado contumaz ou do camponês rudimentar conhece pouco além de imagens ligadas a necessidades básicas. Maníacos sexuais, mais numerosos do que as pessoas imaginam, mesmo os do tipo comum, como o homem bem-vestido que persegue mulheres pelas ruas, são quase incapazes de produzir mais de uma categoria de imagens. Os avarentos, aqueles que constroem fortunas, conforme o dizer moderno, são também hipnotizados por um único conjunto tirânico de imagens. Assim também o mundano ambicioso, o alpinista social que vê em seus registros íntimos principalmente notícias publicadas sobre seu comparecimento a reuniões e banquetes públicos ou suas condecorações e títulos. O tipo mais comum, sem dúvida, é o homem ou a mulher aprisionada numa existência insignificante e infinitamente atenta a seus detalhes desgastados. Jane Austen quase chega a ser cruel em suas descrições dos melhores espécimes desse tipo inferior, aquele com quem, é claro, nos deparamos todos os dias.

É provável que todos tenhamos uma palavra em nosso vocabulário para descrever essa mediocridade tão generalizada. Quando era menino, na minha cidadezinha francesa, eu costumava freqüentar uma loja de um tal senhor Pailla, que era também uma espécie de fazendeiro e a quem não faltava aquele algo que

caracteriza um cavalheiro. Ele era um sujeito idoso, baixo e atarracado, de uma agilidade surpreendente. Enquanto eu circulava pela loja, procurando pelos bombons ou jujubas que desejava, ele ficava atento à conversa da mulher alta e das filhas esquálidas, no aposento ao lado. Fiquei desapontado quando não o ouvi expressar em alto e bom som sua apreciação desgostosa daquela tagarelice: "'Tits détails, 'tits détails!", que significava *petits détails*, "pequenos detalhes", e isso me serviu pela vida afora para distinguir intimamente nove décimos daquilo que ouço e nem um pouco daquilo que digo.

Podemos pensar como quisermos, ou não será o nosso pensamento tão predeterminado como nossa respiração?

É certo que não podemos deixar de pensar, assim como não podemos deixar de respirar, mas, do mesmo modo como é possível escolher respirar o ar puro de uma floresta de pinheiros numa montanha elevada, podemos colocar a mente onde as imagens a serem trabalhadas sejam de uma natureza mais elevada. O que me impede de substituir os mexericos da rua principal pelos da Europa? Ninguém se interessa realmente pelos acontecimentos do mundo sem conferir uma personalidade dinâmica a esses *dramatis personae* da história: as velhas nações da Europa, os estranhos povos ressurgentes da Ásia ou da América, que agora atinge a plena maioridade. Posso falar da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos como se falasse de dois vizinhos. Será preciso muita observação desses últimos para conferir um valor humano amplo ao que eu diga sobre eles, mas se eu disser sobre a Grã-Bretanha que um hábito antigo de poderio mundial preparou sua elite para arcar com responsabilidades, enquanto a América, ainda inconsciente de seu novo poder, está mais inclinada a ser generosa do que líder, estarei expressando um pensamento. Tal é a influência de um cenário amplo comparado a um restrito.

Da mesma forma, Mussolini foi tão pessoalmente interessante, ou até mais, vinte anos atrás do que agora, e, entretanto, o que aprendemos sobre ele a cada dia é história e não personalidade.

Além disso, é pequena a diferença entre os interesses, as ambições e as rivalidades das nações e as dos clãs ou das famílias, conforme os jovens alunos de história deveriam ser ensinados desde o início, ainda que as questões internacionais pareçam pertencer a apenas uns poucos observadores privilegiados.

Nada pode estar mais distante da verdade. Nem Madame de Sévigné nem Saint-Simon, nem a maioria dos memorialistas possuíam juízo político de longo alcance; mas, agora, eles parecem estar bem acima de seus companheiros, porque seu interesse era de uma ordem mais nobre. Qualquer um pode elevar-se a esse

nível e deve se culpar se não o conseguir. Durante a guerra, milhões de indivíduos simples chegaram lá sem a menor afetação, e ainda assim no tom apropriado, porque o assunto do dia era histórico. Hoje, eles recaíram para relatos corriqueiros e seu pensamento perdeu na mesma proporção. Mesmo assim, os mesmos motivos para o pensamento amplo e elevado lhes é apresentado diariamente. Jamais esqueci do domingo ensolarado, em 1914, quando as edições extras dos jornais anunciando notícias de Sarajevo circularam nas ruas. Entreouvi pouca gente falando de história, mas a maior parte desviou a atenção da trágica abertura do maior drama da história para o vencedor de Longchamps, pois era dia do Grand Prix. É difícil passar uma semana sequer, durante esses anos cheios de história que vivemos, sem que nos deparemos com a oportunidade para uma especulação elevada, ainda que natural. Ainda assim, a maioria insiste em falar sobre fulano ou beltrano.

É estranho que tantos críticos profissionais incorram no erro de buscar temas originais em personagens menores na história literária. Alguns menos destacados, é claro, são de interesse capital para o historiador porque, de forma desajeitada ou inconsciente, deram início a um movimento importante. Arthur Young contribui para a história do romantismo e Champfleury significa mais do que Flaubert no aparecimento do realismo, mas um único livro sobre Young ou Champfleury basta, enquanto há bibliotecas inteiras a serem escritas sobre Balzac, Flaubert ou Byron. Se um jovem estudante me pergunta sobre um assunto a respeito do qual muito pode ser dito e ainda não foi, respondo sem hesitar: Homero, Platão, Virgílio, Milton, Racine, ou Alexandre, César, Napoleão ou a era apostólica, ou a revolução, ou a morte, ou o amor. O teste seria: O que tende a interessar uma criança inteligente? Pois as crianças não se importam com detalhes triviais até serem estragadas pela imitação. Quanto à prova *a posteriori*, há em quantidade. Que livro sobre Napoleão *não* foi um sucesso? Teria uma jovem mulher como Madame de Staël deixado sua marca, como o fez, se seu elevado nível intelectual não tivesse sido atraído, desde o início, por assuntos vitais como as paixões humanas, os fundamentos da literatura, a revolução ou o romantismo germânico? Que partes de uma produção tão abrangente como a de Sainte-Beuve nós relemos e que outras ignoramos? Alguma vez preferimos uma coleção de caixa de fósforos a um original de Rafael? A maldição do jornalismo cotidiano é que a trivialidade de seus tópicos é um convite à superficialidade. Do momento em que a manchete nos remete a algo precioso e profundo, o repórter dá lugar ao poeta.

É impossível passar uma hora numa sala ao lado de um homem com grandeza de espírito sem se sentir contagiado pelo pensamento brilhante. Não é sempre que encontramos homens assim ou as chances que temos de encontrá-los são limitadas. Mas qualquer um com conhecimento mediano sobre história das nações, literatura, filantropia ou arte, para não falar da história de grandes religiosos ou santos, pode povoar sua imaginação com grupos de homens superiores em todas as searas. Mais adiante, terei oportunidade de mostrar como podemos convocar qualquer grande homem para nos fazer companhia ao nos sentirmos sozinhos, e nossas horas importantes não podem ser dedicadas a uma ocupação mais útil do que o estudo da vida ou das idéias dos grandes homens.

Vidas paralelas de Plutarco foi combustível de alta qualidade para as mentes da elite de todas as nações, até ser considerado um clássico em vez de um livro divertido. Madame de Maintenon, que não foi nem amante do rei, como muita gente curiosa na América acredita, nem uma pessoa entediante, como os franceses modernos e tolos imaginam, nos conta que sua mãe huguenote insistia para que ela e o irmão incorporassem os heróis de Plutarco às suas brincadeiras assim como em suas conversas, e acrescenta que a ordem era cumprida com prazer. O colegial francês não lê Plutarco além daquilo que seu programa de estudos o obriga a dominar para o exame de grego, mas ele o substitui pelo seu livro-texto sobre literatura francesa: as crianças adoram o excepcional e detestam a banalidade, na vida dos outros assim como na sua. O exemplo moral de Musset é um substituto medíocre para Demóstenes, mas como as fraquezas de Musset acabaram produzindo o poema *Nuit d'Octobre*, a inferência infantil é de que existe uma forma elegante de ser comum, e isso é que deveria ser copiado. A mente dele está permeada desse pensamento quando se descobre uma gravidade imprevista em seu cenho enquanto ele guarda os livros na pasta. Quem pode afirmar que o pensamento desse menino não está mais perto do pensamento real do que daqui a dez anos quando a atenção do jovem e inteligente advogado ou financista estiver voltada principalmente para o dinheiro, o sucesso e as mulheres?

Nenhum remédio para o pensamento banal produzido pela inferioridade de nossa luxúria se equipara à meditação sobre as grandes vidas. Abra o pequeno livro de Clemenceau sobre Demóstenes e verá, e praticamente tocará com sua própria mão, o efeito de uma preferência constante por notáveis patriotas e pensadores brilhantes numa existência que o jornalismo, a política o duelo e toda a efervescência vazia da tribuna livre teria, de outra forma, tornado superficial. Muitos níveis abaixo de Clemenceau, vi mais de uma vez socialistas vociferantes

atingirem uma dignidade inesperada, meramente defendendo o alinhamento de seus atos com os dos grandes revolucionários. A simples menção da grandeza age de modo mágico porque todos nos damos conta de sua influência infalível sobre nós.

Se, a qualquer momento, você não conseguir indicar um grande homem que seja ou tenha sido influente recentemente na sua conduta, obterá o veredito: MEDÍOCRE quanto à qualidade de seu pensamento e sua existência. Por outro lado, dê-me os pronunciamentos públicos deste ou daquele político ou suposto líder, e terei condições de dizer-lhe se ele é provocado por alguma lembrança irresistível de grandeza ou se é apenas movido pelos interesses que pairam no ar. A América não tem consciência do quanto deve ao fato de que Lincoln ainda é uma presença viva na subida do Capitólio, inevitável mesmo que não seja procurada.

Não convencido? Frio? A quilômetros de distância de Lincoln ou de Plutarco, meu caro jovem leitor? *Ah! Que la vie est quotidienne!* Ainda assim não precisa se desesperar e se suicidar mergulhando de cabeça em chocolates ou amigos. Com certeza, você aprecia a natureza. Encontrei-o certa vez, sozinho e feliz no caminho do penhasco em Newport. Você gosta de música, de quadros e adora rendas. A idéia de Roma significa algo para você quando atravessa a prancha de embarque do *Duilio*. É o bastante. Que pessoa ilustre você seria, que assoalho brilhante sua mente pareceria se você, em geral, excluísse aquilo que não lhe proporciona a maior diversão possível. Mas, um dos mistérios de nossa natureza é quando nossa mesa está repleta de delícias e vamos chorar diante do sopão comunitário.

ELEVAÇÃO MORAL: CONDIÇÃO DO PENSAMENTO ELEVADO

No dizer de Vauvenargues, "grandes pensamentos emanam do coração"; já Joubert afirma: "Não há luz nas almas em que não existe cordialidade".

A despeito do romantismo, os franceses modernos demonstram uma tendência progressiva a se juntar aos gregos em sua visão puramente intelectual da produção do pensamento. No entanto, não raro desvirtuam a visão deles com verbalizações como as acima citadas. Na verdade, é impossível viver sem perceber quão improdutivo se torna nosso intelecto ao supô-lo merecedor de oportunidades ilimitadas. Por outro lado, é certo que algum dia todos conheceremos homens de intelecto inferior ao nosso, mas cujo pensamento não podemos deixar de admirar. Leia sobre a vida do mendigo francês, Saint Labre, que vivia em andrajos e em meio à sujeira nos degraus das igrejas romanas. Leia sobre a vida do humilde cura

de Ars, João Batista Vianney, tão pouco dotado intelectualmente que chegou a ser recusado para ordenação num período em que o clero francês andava vazio demais para ser exigente. Esses dois homens nada conheciam, mas tudo viam, e sua visão de mundo — e como ficariam surpresos em ouvir assim chamarem sua filosofia e forma de expressão — era de uma qualidade suprema. Observem seus retratos. Verão nos olhos e no rosto deles algo luminoso que nada significa se não for um reflexo do pensamento.

O amor, seja ele a atração da Verdade, ou o amor puro, simples e mais elementar, sempre abre o intelecto e libera o talento. A maternidade também atua dessa maneira. Os animais, é claro, o demonstram de forma maravilhosa e — que isso seja dito sem tentar fazer um paradoxo barato — até as mulheres artificiais também o expressam. A transformação perdura enquanto o amor fluir, conservando seu poder.

E assim também acontece com qualquer impulso altruísta maior que preencha a totalidade da alma. A guerra proporcionou uma oportunidade singular para milhares de homens e mulheres com reservas de dedicação não utilizadas. Lembro-me de uma mulher americana muito conhecida que me visitou no Pavilhão Belgiojoso, no Colégio Stanislas, por volta de 1908. Ela desejava informações sobre o movimento *Le Sillon*,[16] à época com força total. Senti, porém, que ela teria acolhido informações sobre qualquer coisa que significasse uma oportunidade para a energia de sua alma. Recordo-me das perguntas ansiosas com sua voz rouca, porém distinta: cada palavra transparecia um desejo reprimido por algo que lhe liberasse a cabeça e o coração. A guerra oferecia a ela a oportunidade pela qual seus anseios clamavam. Ofereceu-se como voluntária e a recompensa veio de imediato. Reencontrei-a na Califórnia em 1919. Passara por uma transformação semelhante àquela que um casamento feliz costuma produzir. Aquele algo reprimido e apaixonado que, ao mesmo tempo, a distinguia e a tornava digna de pena havia desaparecido, mas em seu lugar havia uma completude soberba no funcionamento da mente e um domínio da linguagem persuasiva. A realização pessoal estava implícita em cada nuance.

Seu caso foi um dentre muitos milhares. Um autêntico missionário, um autêntico funcionário de hospital, as variedades inumeráveis de trabalhadores sociais, mulheres do tipo da Sra. Howe, ou de Florence Nightingale ou da Irmã Rosalie, aparentemente dedicadas apenas a um ideal de ação, são transformadas mentalmente por ele e, como Madame Guyon costumava dizer, poderiam escrever

ou falar infinitamente sobre ele. Os complexos de inferioridade intelectual derretem-se como neve fina nas proximidades do amor, e a liberação da alma é total.

Em nenhum outro lugar existe essa chance de libertação como nos Estados Unidos, onde o impulso primitivo para o melhoramento corporativo e cooperativo, longe de se ter esvaído, parece ter força absoluta. Quem quer que tenha se envolvido, mesmo que por uma vez na vida, na tarefa exemplar de arrecadar dinheiro para a caridade aprendeu que, contrariamente à crença geral, muitos americanos abastados podem se recusar a dar um dólar, mas também que em nenhum outro lugar uma idéia merecedora de apoio encontra tantos colaboradores como ali. A generosidade intelectual, da qual a caridade é apenas conseqüência natural, é instintiva no americano. Não é surpresa alguma, portanto, que ele encontre tantas oportunidades para desenvolver o amor puro, e que o pensamento corporativo dos Estados Unidos, que as pessoas chamam de seu ideal, seja de uma qualidade excepcional.

Suponhamos, no entanto, que essas oportunidades careçam de um desejo genuíno, suponhamos que todos os homens estivessem felizes e que cinqüenta e seis mil gatos abandonados não tivessem sido encontrados passando horrores nas ruas de Boston só em um ano, ainda assim não seria possível nos elevarmos à região do pensamento por meio de esforços morais? Pare o fluxo de sua consciência por um instante, olhe para dentro de sua alma, capture as imagens ali se formando e desaparecendo. O que verá? Amor-próprio mesquinho, claro, e ainda com mais freqüência, irritações mesquinhas. Nossa natureza não é nobre nem generosa. Lembramos mais facilmente das desfeitas do que das bondades. Podemos passar dias numa casa ou num país estrangeiro sem que vivamos nada além de cortesias. A partir do momento em que nos irritamos ou nos ofendemos, esquecemos a felicidade e acalentamos ressentimentos insignificantes. Ficamos melindrados e defensivos. O egoísmo se apodera de nós. Conforme envelhecemos, e deveríamos ficar mais relaxados, nos tornamos, ao contrário, mais alertas. Uma aparência intencional de franqueza que adquirimos com o passar dos anos encobre realidades que não gostaríamos de expor. Certa vez, Joseph de Maistre afirmou não saber como seria a alma de um vigarista, mas que conhecia bem a de um homem bom, e era horrenda. É o que todos nós confessamos baixinho. Portanto, não é de admirar se, em vez de ter a mente repleta de imagens nobres, ela estiver coalhada não só de *'tits détails*, como também de visões de péssima natureza. Um pensamento de qualidade nunca é

fruto de uma criação deplorável. Mas assim como podemos preferir uma companhia decente à comum ou pior, ou bons livros aos medíocres, somos capazes de banir um pensamento inferior e acolher outros melhores. Assim como aprendemos a sentar com a coluna reta, ou não permitimos, mesmo na intimidade, uma liberdade excessiva de atitudes, podemos retirar de nossa alma visitantes que não nos orgulham. Esse humilde início de santidade será recompensado por um juízo mais acertado e por aquela compaixão mais ampliada que é um aspecto da inteligência. Em geral, os homens bons pensam de forma correta. Quando não o fazem, parece algo artificial, e as partes inferiores de nossa alma, aqueles insurgentes, sempre ali prontos para se manifestar, triunfam de forma perversa.

Pensamentos elevados obtidos nos livros

Se consultar o terceiro artigo do capítulo 6, Parte II, sobre o perigo da leitura pobre, saberá o que esperar dela. Para a maioria das pessoas, a leitura significa uma forma vergonhosa de matar o tempo, disfarçada com um nome pomposo. Divertir-se com material impresso dessa maneira diminui rapidamente a resiliência do intelecto. Opõe-se de forma direta a uma arte de pensar.

Caso deseje usar os livros como auxiliar do pensamento, devem ser livros que não sejam mera diversão ou que adormeçam sua mente, mas que, pelo contrário, a mantenham bem desperta e alerta. Que livros são esses?

Quais são é *ocê* quem sabe melhor, e eu não tenho a menor idéia. Um livro, como uma paisagem, é um estado de consciência que varia segundo os leitores. Existe algum livro, um panfleto, um artigo numa enciclopédia ou possivelmente um velho recorte de jornal que em algum momento o fez pensar. Talvez existam muitos deles, e sem dúvida você pode ser um daqueles seres raros para quem umas poucas linhas impressas são alimento suficiente para o pensamento porque, conforme disse Lamartine, seus pensamentos pensam por si mesmos. O fator estimulante para você pode ser a poesia, a história, a filosofia, as ciências, ou as ciências morais, a saber, o progresso da humanidade. Há pessoas que adormecem lendo um livro e terão interesse por resenhas que acreditam ser mais condensadas e mais palatáveis para seu entendimento. Leia resenhas se elas o ajudarem a pensar, ou seja, se elas deixarem em sua mente imagens que permanecerão vivas quando você tiver esquecido de onde vieram. Leia uma antologia de Shakespeare, na velocidade de quatro linhas por dia, se as citações de Shakespeare exercerem

sobre você a influência mágica que têm sobre certas pessoas. Leia sobre álgebra, leia a vida dos grandes inventores e dos homens de negócios notáveis, leia *aquele* tipo de livro que você e mais ninguém sabe ser um formador de pensamento para você.

Alguns conseguem extrair mais poesia de dez linhas de um clássico de James Thomson do que da obra completa de Shelley por terem lido essas dez linhas, pela primeira vez, na infância ou sob uma condição mental especialmente receptiva. Da mesma forma, é possível haver uma fonte mais intensa de romantismo na corajosa melancolia de um minueto do século XVII do que numa ópera de Wagner. Ninguém é capaz de pensar por nós e ninguém pode nos dizer o que agirá como luz ou sombra em nosso pensamento. O livro que nos faz pensar é o livro que não conseguimos fechar depois de ler a primeira página por estarmos extasiados com o que ele nos transmite, ou aquele que repousamos no colo depois de ler uma página, porque o que ele diz nos leva, irresistivelmente, a questionar, contra-argumentar ou complementar. Ninguém pode sugerir-lhe títulos ou categorias de livros a não ser você mesmo, e o que direi daqui em diante não deve intimidá-lo a duvidar da sabedoria de sua resposta à pergunta inteiramente pessoal: que livros mais me ajudam a pensar?

Sir Walter Scott concebeu seus romances enquanto lia livros inteiramente estranhos ao seu tema, e há quem duvide de que Kant foi visitado por inspirações filosóficas enquanto produzia aquelas narrativas de viagens de que tanto gostava? Alguma vez já analisou o que se passava em sua mente ao apreciar uma palestra ou um concerto? Por vezes, você se deleitou em seguir o assunto ou a música com clareza maior do que a habitual. Muitas outras vezes, o discurso ou o tema deram margem a alguma atividade furtiva nas profundezas do seu ser e, durante uma hora, você desfrutou do melhor de você. A arte de pensar é apenas a arte de ser assim, da forma mais fácil e freqüente possível.

Jamais leia um livro pelo seu estilo. As biografias de Newman indicam que ele costumava ler *Mansfield Park* todo ano por causa do estilo. Newman, ele mesmo um mestre de inglês impecável, deve ter se conscientizado da qualidade refinada da linguagem de Jane Austen, mas ele estava muito acima das simples palavras ou da simples elegância para se preocupar com aquilo que chamam de estilo de um autor, ou melhor dizendo, dos gestos de sua expressão. Assim deveríamos ser se não desejamos cair ao nível do pedante lidando com meras palavras e cuja obra-prima só pode ser uma produção literária pautada em citações de outros autores. Uma atitude decidida quanto a esse aspecto nos colocará, de imediato, no grupo

das pessoas vigorosas para quem a substância das coisas é o que importa. O que um homem pretende, para onde pretende seguir, que utilidade terá para nós e para nossos semelhantes é o que queremos saber. Se o hábito cristão de ver tudo *sub specie aeternitatis* eleva essa atitude à finalidade e à caridade que não podem pertencer à ordem meramente intelectual, melhor para nós.

Que livros deveríamos ler, então? O princípio que nunca falhou em conferir superioridade à atividade pensante de um homem é o velho e conhecido preceito: NÃO LEIA BONS LIVROS — a vida é muito curta para isso —; LEIA APENAS OS MELHORES. Essa receita simples é tão infalível quanto o ar puro e a boa alimentação para a saúde física. Ainda assim, é fato que dezenove entre vinte pessoas da atualidade estremecem diante dela. "Obras-primas de novo", vociferam, "A *Eneida,* a *Divina Comédia*, *Paraíso perdido*, já ouvimos isso antes: melhor ser comum do que ficar entediado".

A noção de que obras-primas são livros escolares entediantes interpretados por professores maçantes, ou matéria de exame, é um produto extraordinário da educação. A ignorância é, com certeza, menos fatal, por não criar um complexo de inferioridade como o do aluno consciente de sua falta de familiaridade com a melhor literatura. Esse fantasma, porém, pode ser facilmente exorcizado se modificarmos o princípio acima para: LEIA APENAS O QUE LHE DER O MAIOR PRAZER.

No século passado, vivia em Londres um escriturário de perfil reservado, como convém ao homem de poucos recursos, porém com um gosto pelo brilho da civilização, em especial pelo teatro, por belas atrizes, pelo talento e pela elegância. Esse homem, evidentemente, era um freqüentador de teatros, mas em suas horas livres durante o dia, ele lia peças, de todos os tempos e todos os países, peças de qualquer gênero contanto que lhe trouxessem prazer. Nenhum outro leitor colocou o deleite pessoal de forma mais decidida antes de qualquer outra consideração. Conhecemos suas impressões, é difícil estarmos mais bem informados sobre o embasamento mental de alguém do que sobre esse perfeito diletante. Unicamente devido à sua dedicação incansável a se satisfazer e pelo seu deleite em analisar seu prazer, esse homem alcançou uma originalidade sem par. É evidente que, se ele tivesse se obrigado a ler sermões famosos, como muitos de seus contemporâneos ainda faziam, teria tornado sua vida não só menos agradável, mas inútil. O nome dele era Charles Lamb. Quando examinamos o tipo de literatura que costumava ler, descobrimos que era o mais alto nível da literatura dramática, e o preconceito contra a perfeição que professores e

ensinamentos falhos deixaram em nós é tão forte que nosso queixo cai imediatamente e nos damos conta de um sentimento familiar de desgosto.

Por tudo isso, Lamb passou um tempo maravilhoso de sua vida lendo seus dramaturgos do século XVI, um tempo de qualidade bem superior àquela que a leitura pobre, destituída de qualquer complexo de inferioridade, jamais pode nos propiciar.

Há alguns anos viajei de Montreal para Boston num trem que, estranhamente, nunca teve mais do que três passageiros até chegarmos ao destino. Diante de mim estava sentada uma jovem da Universidade McGill, uma caloura, pelo que inferi da conversa dela com duas amigas que tinham ido vê-la partir. Do outro lado do corredor estava um rapaz, um daqueles jovens americanos bem trajados e bem-apessoados, tão atraentes que você se sente inclinado a atribuir-lhes talento assim como uma porção de outras perfeições secundárias. Esse semideus estava lendo. Do outro lado, a moça da McGill ficou olhando para ele por algum tempo até que seus olhares se cruzaram. “Lendo?”, ela ensaiou a pergunta, após um intervalo de apresentação silenciosa, seguido de um sorriso simultâneo. “Sim”, respondeu a voz sem refinamento algum, “o que eu quero é uma história de amor com um garoto e suas muitas diabruras”. Ele estendeu o livro, cruzando o corredor e a jovem começou a ler. A voz tinha sido um anticlímax e, evidentemente, assim foi também o livro, embora ela continuasse a ler por alto e saltando trechos. Depois de algum tempo, minha consciência de professor me sacudiu e, inclinando-me por sobre a história de amor e do garoto, sussurrei: “Já teve oportunidade de ler *Vanity Fair*?”. A jovem olhou para cima, enrubesceu um pouco e respondeu: “Dickens?”. Ao que respondi: “Não, Thack...”. “Oh! Thackeray, claro! Não, ele não constava na nossa lista”.

O que eu não teria dado para ter um exemplar de *Vanity Fair* na maleta, abri-lo aleatoriamente e assistir a jovem deleitar-se com a apresentação de Becky Sharp à casa geminada de Sir Pitt e sua imortal criada!

“Você nunca leu *Vanity Fair*, que é um livro interessantíssimo”, comentei, “e desperdiça uma hora com uma história de amor e de um garoto que a faz morrer de tédio”.

A moça estava, com certeza, morta de tédio, mas não se convencera. Enquanto obras-primas constarem como livros “incluídos em nossa lista”, a leitura medíocre terá preferência garantida. Melhor entediada por ela do que estimulada por grandes livros.

Tarefas, monografias valendo nota e os comentários de gente pedante são de longe responsáveis por isso. Tanto que, do momento em que um grande livro não é tido como tal, ele, de pronto, recupera seu valor original como leitura absorvente. Certa vez, outro incidente ferroviário me proporcionou uma prova concreta desse fato. Eu estava no trem de Paris para Orleans. Em frente a mim, um homem com ar inteligente, mas rústico na aparência, examinava uns papéis. No canto, do meu lado do compartimento, sua filhinha, uma menina de doze anos vestida de preto, lia um pequeno livro, também encapado com tela preta por algum encadernador barato. Nunca vi ninguém ler daquela maneira. Parecia que aquela figurinha antiquada, porém bonita e delicada, estava tentando se perder naquele livro. Logo minha curiosidade sobre um livro lido com tanta intensidade tornou-se irresistível. Iniciei rapidamente uma conversa com o pai e, em seguida, virei-me para a garotinha e perguntei: “O que está lendo com tanto gosto?”. Ela ergueu o rostinho ansioso, convocado de regiões distantes.

— Monsieur, c’est l’*Histoire Romaine* (*uma breve pausa*), et je vais arriver à Jules César!

— Como sabe que vai chegar a Júlio César? — perguntei.

— Oh! Já li esse livro muitas vezes.

Jamais esqueci a ênfase daquele “et je vais arriver à Jules César!”. Nenhuma perspectiva de Natal, de formatura, de primeira viagem à Europa ou de apresentação à sociedade jamais produziria uma ênfase da mesma qualidade. Vislumbrei a cena de fundo num instante: uma fazenda numa planície ventosa de campos de trigo, por entre longos parreirais, a sala com o grande console da lareira. Em sua prateleira lateral, abaixo dos chifres de pólvora dos ancestrais, a minúscula biblioteca de três ou quatro breviários mofados, um livro de jardinagem, outro de culinária, um manual de sobrevivência, um “advogado da família”, um dicionário Larousse, alguns almanaques antigos e, no canto mais distante, a pequena *Histoire Romaine*, encadernada com tela preta. Numa biblioteca moderna de ficção ou de revistas, o pequeno livro seria tão ameaçador para uma criança quanto um velho monge sombrio. Graças a uma incrível oportunidade, a garotinha resumiu nela própria os sonhos, os anseios e as admirações das princesas. Não é de admirar que ela parecesse distinta.

Isso é o que os clássicos fazem quando não são destruídos pelos que os ensinam, ou, acima de tudo, quando não são colocados lado a lado com leitura de baixa

qualidade na certeza de torná-los parecidos com o pão rústico de Auvergne comparado a doces baratos. Nenhum material inferior oferecido aos nossos filhos, enquanto assistimos impotentes, jamais poderá lhes proporcionar o sentimento de júbilo, ou melhor, a diversão que os grandes livros naturalmente produzem.

Portanto, se você deseja ser revigorado com o poder de pensar verdadeiros pensamentos, e se não quer viver um instante sequer de tédio enquanto lê, faça o que os melhores exemplos da humanidade fizeram desde que os livros passaram a existir: seja resoluto em eliminar qualquer um que não seja o melhor. Se algo no seu interior se rebela contra isso, você não está no clima para ler este livro, não se importa com a arte de pensar, ou só quer paliativos mentais que não posso produzir, então, adeus. Mas não permita que assim seja até que tenha listado os grandes livros que realmente o atraem e até que a experiência de alguns meses tenha demonstrado quais dentre eles oferecem a você um prazer indizível. Esses vinte ou trinta livros serão a sua biblioteca, ou seja, sua fonte de pensamento, seu deleite, e quando vir as pessoas invejando o seu prazer, eles serão o seu orgulho.

Será que isso significa que devemos desistir da literatura contemporânea, e viver inteiramente nos monumentos do passado? Decerto que não, já que nada ajuda mais o pensamento do que perguntas no *hic et nunc*, e se você não pertencer ao seu próprio tempo, a que tempo pertencerá? Devemos ler poetas modernos e romancistas modernos e seguir a arte em suas manifestações mais avançadas. Deve ter havido cerca de 1.840 velhos londrinos desconfiados que se recusaram a ler *Pickwick Papers* porque o livro era muito diferente do *Spectator* do Sr. Addison. Esses velhos conservadores saíram perdendo. Seria igualmente tolo hoje ignorarmos o Sr. Sinclair Lewis ou o Sr. Arnold Bennett, mesmo se suspeitarmos que, daqui a oitenta anos, eles não constarão como os Dickens do início do século XX. Por outro lado, se você tentar acompanhar a produção literária industrializada de hoje, se sentirá sufocado e perdido. Não há uma forma de fazer uma seleção?

Há dezenas de formas, mas existe uma receita fácil. Ninguém pode ridicularizá-lo, acusando-o de indiferença pelos tempos atuais, se você eliminar livros que, em sua opinião, serão esquecidos em três meses, ou seja, doze breves semanas, depois de sua publicação. Não os leia. Ficará surpreso em ver os poucos que restarão para leitura. As pessoas não se dão conta de que a euforia febril verificada na publicação de muitos livros e à qual o público ingênuo mal consegue resistir, é inteiramente comercial e criada pelas editoras de forma artificial. Elas imaginam que é o livro que promove tudo aquilo. Mas o livro não o faz, e o editor não tem como mantê-lo por mais de uma ou duas semanas. Quando mais dez semanas

significarem um peso morto para o parco entusiasmo, ele já estará esquecido. Faça uma lista das obras dos escritores americanos, publicadas há vários anos, que ainda estejam nas prateleiras eventualmente à mão e ao alcance da vista. Esses são os que seria imperdoável abandonar, ainda que seja uma leitura feita por cima, mas você verá como são poucos. A notoriedade, por mais acima que esteja da mera publicidade, ainda está muitos degraus abaixo da fama. Se alguém o repreende por ignorar livros que não trouxeram fama ao seu autor, ele está falando com base em comentários de contracapa e deveria ser ouvido da forma correspondente.

Tudo o que foi dito acima aplica-se à literatura, e a literatura, especialmente o tipo de poesia superior que deveria ser a matéria-prima de todo leitor culto, com certeza oferece a um indivíduo o pensamento mais acessível de que necessita. Entretanto, a literatura não é nosso único campo. A filosofia, as ciências, a história contemporânea e o que chamam de ciências morais, todas elas nos apresentam explicações do mundo e do homem eminentemente formadoras de pensamento. Na verdade, elas conduzem de modo direto a generalizações que são reduzidas em termos de pensamento à sua forma mais palatável. Agora, é verdade que a filosofia, a história e as ciências têm seus clássicos, assim como a literatura, que não devem ser ignorados. Platão ou Darwin não podem estar ausentes de nossa biblioteca. Ademais, é particularmente nessa seara que não só é admissível, mas também imperioso procurar pelas informações mais atualizadas, adquiridas pelos métodos mais modernos. A história do passado nos interessa apenas enquanto lança uma luz sobre a história do presente. A política e a economia de hoje, o caráter e as idéias dos líderes contemporâneos, as tendências dos partidos modernos são aquilo a que devemos nos referir indefinidamente. Temos de ser capazes de pegar um mapa-múndi e ler as fronteiras e seus problemas como um livro.

O mesmo pode ser dito sobre a filosofia. A posição *atual* dos problemas eternos significa mais para nós do que suas soluções, mesmo no passado longínquo. As questões religiosas devem ser estudadas à luz de seus expoentes mais recentes. Assim também, é claro, deveria ser com os planos para reformas sociais. E assim deveria ser, acima de tudo, com a filosofia das ciências.

Grandes livros, grandes homens, grandes problemas e grandes doutrinas, grandes fatos e suas lições, tudo o que se opuser aos *'tits détails* só pode resultar em pensamento elevado. Quanto mais ocupados formos, mais exigente nossa seleção deve ser. Muitos homens absorvidos nos negócios demonstram uma rara qualidade de cultura que nos surpreende. A razão invariável para isso é, em parte, porque o trabalho árduo e até mesmo a fadiga dele resultante contêm um quê de nobreza, mas também porque não há espaço na vida deles para conteúdos mentais inferiores.

Pais ansiosos por proporcionar aos filhos o que há de melhor devem, resolutos, retirar do alcance deles leituras medíocres de todo tipo, como se fossem veneno. É surpreendente que gente inteligente, ansiosa pelo melhor, não tenha consciência de que não deveria deixar nenhum livro inferior a *Robson Crusoé*, às *Mil e uma noites* ou aos *Contos de fadas* de Perrault no quarto das crianças. Você não quer que seus filhos sejam sagazes demais? Não deseja que sejam como as mocinhas maduras de doze anos do século XVIII? Abra a janela, e ouça por um momento a conversa do pessoal jovem lá fora no gramado, neste final de semana, e se tranqüilizará. Você se dará por muito satisfeito se puder ensinar-lhes a preferir a distinção à vulgaridade quando a virem. Joseph de Maistre nos conta que sua mãe costumava recitar os versos de Racine para ele quando era bem pequeno e "assim, seus ouvidos logo cedo sorveram daquele néctar, e para sempre rejeitaram porcarias". Um resultado raro!

Como ler para pensar

O título deste capítulo teria soado incompreensível para alguém que tivesse vivido na Antigüidade ou mesmo para um homem da época clássica. Para eles, ler significava pensar. Portanto, mais uma vez devo insistir que a noção — e o hábito — de ler enquanto ouvimos distraidamente um riacho relaxante pertence a um período de decadência mental. A conseqüência é que ambos precisam ser eliminados da formação de qualquer pessoa que deseje pensar. Por várias vezes me senti tentado a anexar a máxima de Schopenhauer em seu *Paralipomena*: "Não leia, pense!" ou a transformá-la em: NUNCA LEIA, SEMPRE ESTUDE. Um ditado ríspido? Não se nos dermos conta de que não devemos estudar nada que não seja de nosso interesse, e que estudar só se aplica à forma mais prazerosa de extrair disso o que mais nos interessar. Da mesmíssima forma, um artista estuda um rosto bonito em vez de simplesmente olhá-lo. Nunca será demais repetir que nada

intelectual pode ser alcançado contra a vontade de Minerva, ou seja, num campo que não nos atraia. Trabalhar segundo nosso ritmo, sem um sentimento de esforço e, pelo contrário, com uma sensação de facilidade e liberdade é a condição fundamental para um funcionamento mental saudável. Não se dedique à álgebra quando se sente atraído pelas comédias, e se as farsas o atraírem mais do que as comédias, deixe aquelas de lado e estude as farsas. Apenas as ESTUDE. Você não o terá feito muito antes de descobrir que o prazer é maior e mais profundo no estudo do *Misantropo* do que na encenação de *Scapino*.

Isso estabelecido como princípio, como você deve ler? Como melhor lhe aprouver. Se aprecia ler com rapidez, leia com rapidez. Se lê devagar e não tem vontade de ler mais depressa, leia lentamente. Pascal afirma que temos condições de ler bem depressa ou bem devagar, mas ele condena apenas o excesso. (O frívolo fará mal em ler rápido demais, mas o indivíduo sério ganhará com a velocidade). Montaigne se queixa do jeito formal de ler. "Meus pensamentos adormecem quando estão sentados", diz ele, "portanto eles e eu caminhamos". O empenho honesto simplesmente corre ao lado, a curiosidade voa sobre as asas de Mercúrio. A leitura apaixonada não só voa, como salta, mas só o faz porque pode escolher, o que é uma realização intelectual elevada. Como você lê um quadro de horários? Você salta até chegar aonde está, então fica alheio ao resto do mundo, focado no seu trem, no horário de partida, de chegada e nas conexões. O mesmo acontece com um mapa que um motorista empresta ao ciclista aflito numa encruzilhada. A totalidade da alma do segundo está na leitura do mapa. O mesmo ainda se dá com a dica financeira contida numa carta que um amigo espera que você responda. O mesmo também com qualquer fórmula para produzir a pedra filosofal. Qualquer leitura que fizermos alimentada por uma intensa curiosidade nos fornece o modelo de como devemos ler sempre. Dedicar-se ao extremo página por página com igual atenção a cada palavra resulta na atenção a meras palavras. A atenção a palavras nunca produz pensamento, mas muito rapidamente acaba em distrações, e, portanto, é um esforço considerável para nada, por força de sua própria consciência desavisada.

Um amigo meu, célebre escritor francês dedicado a vários assuntos sérios, sempre me pareceu o típico leitor ativo. Ele escreve seus livros para si e os prepara para seu deleite pessoal. Se ele percebe o mínimo perigo de tédio, ele estuda os assuntos duvidosos detidamente, como o capitão do navio observa um *iceberg*, e faz um registro dele rápido e desgostoso. Se, ao contrário, um assunto ou certo aspecto de um assunto o encanta, aborda-o suavemente e trava com ele um tipo de

diálogo refinado. Não com você. Eu e você não contamos muito. Somos admitidos na biblioteca em que o autor movimenta-se de sua mesa até as prateleiras ou volta de lá, entreouvimos suas observações engraçadas, impacientes ou de admiração que ele emite ao manusear cada volume a serviço da idéia favorita do momento, mas tudo o que conseguimos, afora o reflexo desse prazer, é uma ou outra piscadela quando nossa presença desnecessária calha de ser lembrada. Um escritor cativante, sim, porém um leitor perfeito. Ele nunca lê devagar, nunca lê de modo maçante, nunca lê sonolento. Como Montaigne, todo o tempo de pé, pronto para fugir de um livro, como fugimos de uma pessoa maçante, quando ele deixa de ser fascinante. Há um hiato entre esse modo de ler e o que nos foi oferecido para entender qual é o método sério, a saber, o que Du Bellay chamava de "manter a cadeira aquecida", mas Henri Bremond está certo.

Será que isso se aplica a todo tipo de livro? Deveria um poeta ser lido como o *Who's Who*? Às vezes. Certa vez, Tischendorf leu o Novo Testamento assim enquanto dois prelados romanos tentavam mantê-lo longe das Escrituras com uma alegre conversação em italiano. Entretanto é evidente que isso não pode acontecer com freqüência. A poesia, como uma rainha, define o ritmo e procedemos conforme ela dita. Assim acontece com o estilo moralizador da sensatez em qualquer idioma. Obviamente temos de fazer uma distinção entre o que lemos para nossa informação e o que lemos para nossa formação. Entre o que queremos para nosso uso e o que necessitamos para o nosso desenvolvimento. A história, seja ela história da política, da literatura, da arte, da filosofia, das religiões ou das ciências, os fatos e as conclusões dos fatos, o que quer que seja melhor resumido em enciclopédias ou facilmente reduzido a livros-texto, jamais pode esperar ser lido melhor do que como um esnobe lê *Who's Who* em relação a uma duquesa ou uma atriz. Nenhuma atenção ao livro, nenhum pensamento quanto ao autor, mas toda a mente concentrada no assunto, e lutando para incorporá-lo para sempre em alguns momentos. Livros informativos, mesmo o de Gibbon ou de Macaulay ou as histórias de Mommsen, merecem nosso respeito, mas eles são ferramentas e como tal devem ser usados. Se só precisamos ler vinte páginas, não nos consideremos conscientes, mas, ao contrário, meramente passivos, se lermos trinta. Se apenas lermos para refrescar a memória em relação a um assunto, apenas dando uma olhada num capítulo que já dominamos antes, não nos permitamos perder tempo, relendo cada palavra dele ou, se possível, substituamos o capítulo por nossas anotações. Os meninos são instruídos a cuidar de seu livro. Eles também deveriam ser instruídos a pensar e não a ler, ou a ler com um olho

fechado e o outro semi-aberto, de forma que lerão com a memória enquanto o livro funciona como um simples estímulo. Por que ler uma página inteira se duas linhas lhe dão uma idéia suficiente dela?

Podemos ler muitos livros até pelo seu sumário. O título, é claro, dá uma idéia geral sobre o assunto. Pergunte-se como você o abordaria, qual seria sua principal linha de argumentação. Consulte o sumário. Se for um daqueles casos ridículos em que se lê: "Capítulo X: Emerson, Capítulo XI: Nietzsche", e dos quais os editores assim como os autores deveriam se sentir profundamente envergonhados, uma leitura atenta, rápida e interessante das sete ou oito páginas lhe dirá logo o que pode esperar do recém-chegado, onde deveria procurar as informações que tem para oferecer e onde você tem certeza de que divergirá dele. Ler dessa maneira não faz você dormir, não deixa em sua mente sombras de idéias das quais você ficaria feliz em se livrar. Ler assim o mantém bem desperto, como se o livro fosse um autor vivo, o que, tanto quanto possível, ele deveria ser.

Os livros não são bem-feitos. Se seus autores estivessem ansiosos para ser úteis, usariam alguma imaginação tentando servir ao leitor em vez de se exibirem para ele. Muitas vezes eles entendem com bastante clareza que a estatística ou o diagrama que estão usando pareceriam muito mais diretos para o leitor do que páginas e páginas explicativas sobre eles. Eles, porém, não são independentes o suficiente ou solícitos o suficiente para se apresentarem a nós com total transparência. Péguy era considerado excêntrico porque usava artifícios tipográficos para tornar mais claro o que queria dizer, e até recentemente um ponto e vírgula no final de um parágrafo era considerado uma heresia, mesmo que cheio de significado. Os editores desestimulam sumários muito extensos como sendo ofensivos para o livro e úteis demais para o leitor. O conceito geral de um livro teria de ser modificado.

Em muitos casos, você obterá mais da análise de um livro feita por uma secretária ou um amigo do que lendo diretamente. Você fará perguntas, que é a ação intelectual ativa, e o outro estará alerta. Pessoas ocupadas que recorrem a essa fórmula rápida costumam surpreender-nos pelo acúmulo de conhecimento. O rei Eduardo VII, que nunca lia nada, estava sempre em dia com dois ou três tipos de literatura: o referente ao barbear-se, trajar-se e fumar. Ele fazia perguntas a pessoas inteligentes ou obtinha trechos significativos lidos para ele em voz alta, uma verdadeira estrada real rumo ao conhecimento. La Bruyère faz alusão a isso ao afirmar: "Os filhos dos reis sabem tudo sem terem aprendido nada". O ensino oral é o mais humano e mais proveitoso de todos. O esforço feito na América para

criar o "ensino comunitário", ou o hábito crescente de colocar os alunos em contato informal com pensadores está na direção certa. Às vezes, as pessoas se surpreendem com os resultados obtidos pelo que chamam de "meros resumos". Tais resultados devem-se à superioridade de métodos que tornam a mente dos alunos mais ativa do que nunca. Dois alunos "se sabatinando" na semana anterior a um exame podem, pela primeira vez em sua vida, saber o que significa prontidão mental. Se os métodos dos preparadores fossem usados nas escolas comuns onde a sonolência é muitas vezes canonizada como ampla cultura geral, não haveria necessidade de escolas preparatórias.

Aos vinte anos, o homem que é ensinado segundo esses métodos deveria saber o essencial, mesmo do conhecimento enciclopédico de hoje. Deveria ter se proporcionado ou adquirido de algum especialista a melhor memória possível. Ele também deveria ter adquirido o hábito de fazer anotações sem as quais Sainte-Beuve diz que as pessoas lêem como se comessem cerejas. Se essa maneira de abordar os livros se popularizasse, como deve inevitavelmente acontecer com o passar do tempo, a humanidade deixaria de ser uma imensa maioria de menores.

Essa forma decisiva e bem agressiva de perguntar a um volume: "O que tem a declarar" conduz às informações de modo ativo e vigoroso. A formação ou a cultura, porém, não pode ser alcançada pelos mesmos métodos arbitrários, elas requerem mais tempo, mais amor e uma combinação de crítica e humildade que é mais facilmente descoberta pela experiência do que definida por palavras.

Os escritores que lidam com a alma, em sua atividade mais sutil e reservada, como poetas, dramaturgos, moralistas, psicólogos (mesmo usando uma ficção como *Adolfo*),[17] religiosos ou autores espirituais, todos criam em torno de si uma aura de respeito da qual logo nos damos conta. O tom e o ritmo de sua primeiríssima frase nos advertem de imediato que ali o método violento do Sturm und Drang não pode ser usado.[18] A compreensão deve assumir o lugar da simples inteligência, o que significa compaixão, reverência e nenhuma afobação. Um medievalista pode conhecer tudo o que se pode saber sobre os cistercienses, Vézelay e o cantochão e ainda assim erguer as sobrancelhas ao ouvir uma pessoa menos erudita dizer que algumas antífonas celestiais à Santíssima Virgem ou a luz misteriosa sob um arco ligando duas abóbadas irregulares o faz compreender a vida espiritual dos monges do século XII. São necessárias experiências multiformes de deleite musical ou arquitetural, acrescidas de uma noção de beleza espiritual, para compreender uma frase dessa qualidade.

Por outro lado, as palavras com que ela é expressa podem penetrar num intelecto e lá ficar, dando-lhe forma e expandindo-o até que sejam compreendidas. Um ritmo, uma imagem, um pensamento, contidos em poucas palavras, são suficientes para uma meditação que os incidentes da vida podem sustar, mas não interromper. Jamais me esqueci — e certamente nunca disse tudo o que poderia dizer a respeito — de um verso de uma balada que ouvi certa vez crianças pobres cantando repetidas vezes, debaixo da minha janela.

Un jour l'amour nous blesse.

As vozes daquelas crianças eram despreparadas e gozadoras como a vida em si, embora houvesse um toque de compaixão em sua insistência ao prolongarem os iâmbicos, que, uma vez penetrando pelo ouvido, não saíam da alma. É evidente que existe um abismo entre a linguagem humana que transmite meras informações e a poesia desse tipo. Para compreendê-la em sua totalidade, a poesia tem de ser repensada e sentida repetidamente, e isso nenhuma mente pode fazer sem que algo pessoal seja acrescentado ao que estamos refletindo. Quando os técnicos falam de "crítica criativa" referem-se a essa reconstrução de um grande pensamento. A crítica criativa se equipara ao mais elevado tipo de literatura e ao mais elevado tipo de pensamento que estudaremos na Parte IV.

Compreensão e leitura crítica

Qualquer leitura que fazemos, precisamos, primeiro, compreendê-la e, quando a tivermos compreendido, criticá-la.

A compreensão é o primeiro e fundamental passo na leitura, mas uma imensa maioria não se importa com ela. Entendem ou acham que entendem o que é óbvio: o resto consideram como um erro ou um capricho do escritor. Certa vez, testei uma quantidade de leitores com a passagem de *Aurora Leigh* em que a Sra. Browning define filosofia como "empatia com Deus" (II, 293). Apenas um deles pareceu achar que havia algo de instigante naquela expressão. Outros foram visivelmente levados pelo ritmo ou fascinados pela abstração superficial da passagem. Quando convidados a concentrar a atenção naquela "empatia com Deus", a maioria afirmou que era improvável, porém perfeitamente inteligível. No entanto, quando perguntados sobre o que aquelas palavras perfeitamente inteligíveis significavam, tiveram de admitir que não sabiam dizer, e só dois ou três queriam escutar. Nenhum arriscou uma conjectura ou tentou chegar a

alguma. Sua atitude foi aquela inculta que considera que, se as pessoas usarem qualquer outra linguagem que não a do dia-a-dia, não deveriam esperar ser entendidas.

Existe um abismo entre aqueles que desejam que um poema seja tão acessível quanto o jornal matutino e aqueles possuidores, ou que estão à procura, de cultura. Os estudiosos muitas vezes levam anos sobre um fragmento recuperado de um escritor perdido e nele examinam ou dele inferem as informações mais interessantes. Vi Angellier, depois de uma hora de esforço, recusar-se a desistir de uma passagem complexa de Herbert e conseguir fazê-la parecer plena de sentido, embora fosse clara para mentes acostumadas à linguagem rica da poesia e da filosofia. Certamente, o hábito dos professores do liceu francês de dedicar duas horas a vinte linhas de Sêneca é um treinamento intelectual de primeira categoria. Os visitantes estrangeiros que, a princípio, se espantam com esse método, acabam por apreciá-lo, e os meninos e meninas obrigados a usá-lo nunca demoram a reconhecer seus méritos. Se, por acaso, você souber dois idiomas, experimente fazer uma tradução artística e inteligente, ainda que apenas quatro linhas por dia. O hábito da compreensão total será uma recompensa magnífica.

Muito lento, você diria, e muito difícil. Mas não estamos nos esforçando para pensar?

Criticar é apenas outro aspecto do esforço para compreender. Etimologicamente, a palavra significa "julgar" e, na verdade, pensamos num crítico como um juiz competente, não aquele que busca falhas. A capacidade de resistir a afirmações orais ou impressas, de ter opinião própria sobre uma idéia, um poema, uma doutrina ou uma obra de arte, e de enxergar com clareza suficiente para atribuir-lhe uma expressão vigorosa é uma exceção. A maior parte das pessoas abstém-se de julgar até que alguma outra tenha manifestado sua opinião, e então a repete. A linguagem comum insinua essa fraqueza na expressão que se ouve com freqüência: "As pessoas não pensam". Essas quatro palavras descrevem a covardia ou a preguiça que transforma a maioria das pessoas em ovelhas. Tal passividade não pode ser combatida muito cedo. Se for feita metódica e inteligentemente, ela jamais produzirá confiança em excesso, e a mente jovem adquirirá força durante o período formativo, o que é primordial.

Os professores devem atribuir o maior valor ao exercício escolar chamado análise literária. O aluno é colocado diante de uma peça literária de valor e examina sua construção, o que significa lê-la e relê-la diversas vezes, captando a idéia principal que lhe deu origem, e observando como essa idéia se sustenta ao

longo de seu desenvolvimento. A primeira vez que um menino ou uma menina faz esse exercício sem nenhuma preocupação escolar e percebe que só um pouco de atenção é suficiente para realizá-lo, ele ou ela se torna, de imediato, um adulto. Muitos jamais se esquecem da maravilhosa sensação do crescimento inesperado. A história, a avaliação de um período notável ou de um homem famoso, o progresso ou o retrocesso das nações, pode até oferecer a um professor uma oportunidade melhor do que a literatura, mais distante das primeiras experiências de vida do aluno. Testar um provérbio ou uma opinião tida em geral como correta é igualmente útil.

O aluno precisa adquirir o hábito, que tanto Descartes quanto Schopenhauer consideram como a atitude filosófica fundamental, de não acatar tudo como verdadeiro ou belo, mas de considerar tudo como um *problema*. Chesterton também nos aconselha a olhar para objetos familiares até que pareçam estranhos, ou seja, até que os enxerguemos de verdade, em vez de sermos sugestionados sobre como percebê-los. Provavelmente ele se recorda de uma experiência que poucas pessoas não viveram. Estamos num trem ou viajando de carro. A paisagem, especialmente à luz do luar, é desconhecida e percebemos suas características com o interesse pela novidade. De repente, alguns objetos nos fazem perceber que estávamos errados, que o trecho à nossa vista era perfeitamente conhecido: apenas fomos iludidos pela idéia de que estávamos em outra parte. Logo as elevações, as árvores e as choupanas diminuem de tamanho e olhamos para elas com o desprezo do hábito. Nossa visão completa da vida e do pensamento é viciada dessa forma até que dediquemos tempo e energia suficiente a um reexame das coisas como de fato são.

Deveríamos adquirir o hábito da atenção crítica de forma que nosso primeiro contato com qualquer coisa que valesse a pena nos proporcionasse a impressão mais aguçada possível. Não se recorda de ter ouvido o nome de algum escritor estrangeiro, Gorki, por exemplo, mencionado por amigos muito antes que tivesse a oportunidade de ler algum escrito dele? Como conseqüência, seu desejo tornou-se mais intenso. Um dia, você encontra por acaso, numa revista, um fragmento do diário do escritor. São vinte páginas sobre o retorno da primavera, com uma bela narrativa sobre a morte de uma criança e a visita de um velho bispo. Cada frase, cada palavra o impressionou, dada a intensidade de seu desejo de tirar o melhor daquelas vinte páginas. Havia no capítulo como um todo um encanto misterioso como o da música ou talvez dos perfumes. Por um longo tempo, você se recusou a ler qualquer outra coisa de Gorki, temendo quebrar aquele fascínio e acalentando

o capítulo como um talismã. Você tomou consciência de que aqueles que tinham lido toda a obra de Gorki não o *possuíam* como você.

A crítica, quando lemos, pensamos ou sentimos dessa forma, certamente é aquilo que sempre teve de ser, a saber, o equilíbrio entre aquilo que devemos reverenciar e o que devemos considerar duvidoso. Nós não insultamos escritores ou pensadores brilhantes submetendo-os a esse teste, pelo contrário. Já viu alguma vez um pintor, um verdadeiro artista, observar numa galeria as obras-primas de seu ofício? Quanta diferença entre ele e a multidão efusiva que o acotovela. Seus olhos, enquanto absorve detalhe por detalhe, têm a exigência costumeira do olhar de um pintor, nada lhe escapa. Mas, de repente, o artista fecha os olhos e você sabe que ele está lutando para se projetar, por assim dizer, no quadro perfeito. Não tema deixar que um aluno acostumado com Shakespeare resista em chamar Racine (que a princípio escreveu suas peças em prosa) de poeta, se um exame posterior o tornar consciente da perfeição do dramaturgo francês como um pintor das paixões.

A compreensão é a crítica, e a crítica ou o julgamento é um mero sinônimo de pensamento.

Como ler o jornal

Há pessoas que tratam o jornal com um respeito absoluto, lendo-o todo como se cada sílaba importasse. Outros falam dele com desprezo: "Nunca há nada nos jornais: lê-los é perda de tempo". Outros ainda, embora em número menor, armados de um lápis vermelho e uma tesoura grande sentam-se ao lado de uma pilha de jornais que tratam sem grande cuidado. Metade das folhas é atirada fora, enquanto o resto é repassado, o lápis vermelho ziguezagueando, aqui e ali, por uma coluna. Em menos de uma hora, os sete ou oito jornais estão vistos e apenas as páginas marcadas em vermelho se espalham pela mesa, pelo sofá e o piano. Em seguida, a grande tesoura entra em ação. Em poucos minutos, os recortes são empilhados ao lado, em um pequeno maço, enquanto o lixo de folhas amassadas é chutado para longe até que a criada o recolha. Então, o leitor será visto revendo lentamente seus recortes, pensando. Nada parece mais diferente da expressão de um leitor comum de jornal do que esse cenho pensativo. Alguns momentos mais tarde, os recortes terão desaparecido, cuidadosamente arquivados em várias pastas.

Mais tarde, ao longo do dia, você verá esse mesmo homem, pensativo e absorto, com a mente repassando aquilo que leu pela manhã. Talvez o encontre novamente à noite, com um círculo de ouvintes interessados, porém silenciosos, ao seu redor. Ele é um orador impassível, lúcido e enfático. Vez ou outra alguém lhe dirige uma pergunta, uma daquelas perguntas que faz todos os demais desejarem poder responder. Ele o faz, de forma clara, referindo-se a fatos que você lembra de ter visto rapidamente no jornal da manhã, que julgou insignificantes, mas que citados por ele dão a você a verdadeira chave para desdobramentos de enorme importância. "Esse homem pensa", você diz para si mesmo.

O que o ajuda a pensar? Simplesmente tomar o jornal matutino pelo que ele realmente é: uma página da história. Procure pela história naquelas folhas mal escritas; você pensará os pensamentos da história. Procure pelas notícias da sociedade, dos negócios ou dos esportes, e falará a linguagem do salão de chá, do mercado de ações ou das quadras esportivas, mas não pensará.

— Entendo. Seu conselho é que tratemos o jornal como um livro escolar.

Exatamente. Poucos livros escolares conseguem sintetizar tantos acontecimentos de importância mundial como os que, dia após dia, inundam os jornais desde 1914. Nunca houve dramas políticos do tipo que agora acompanhamos. Depois de a Europa recuperar lentamente seu equilíbrio, a Ásia está nos ensinando uma lição espetacular. Enquanto isso, a América, forçada por necessidades de todo tipo, vem sendo aos poucos trazida para o primeiro plano, de onde vem se esquivando por muito tempo. Outras épocas levaram gerações para produzir as mutações que vemos em um ano. Sem dúvida, o jornal é mais rico do que quaisquer livros-texto, e, na verdade, são cegos os que diariamente passam os olhos por ele sem se dar conta de que, se a qualidade de nosso pensamento depende das imagens que absorvemos, esta é uma oportunidade incomparável. Entretanto, cega é a maioria das pessoas, pois o suposto sábio e o tolo concordam em falar desdenhosamente daquilo que todos eles lêem sem inteligência.

Os dois capítulos anteriores foram um esforço para descrever:

1. A preparação da nossa vida e mente para tipos de imagens mais elevados.
2. O armazenamento dessas imagens.

Agora chegamos à:

3. Elaboração mental dessas aquisições.

---

16 Movimento fundado em 1894 por Marc Sangnier, cujo objetivo era aproximar a religião católica e os ideais republicanos a fim de dar aos trabalhadores uma alternativa à esquerda materialista — NE.

17 Romance de Benjamin Constant (1816) — NE.

18 "Tempestade e ímpeto", movimento literário romântico que visava uma poesia espontânea e quase "selvagem" — NE.

Capítulo IX

REPASSANDO O NOSSO CONHECIMENTO

O filho do famoso pintor francês Cazin, também um artista reconhecido, disse-me certa vez que seu pai costumava levá-lo para excursões pelo campo. De vez em quando, os dois paravam por alguns instantes, às vezes só por um minuto. Em seguida, virando as costas para a paisagem, testavam a memória um do outro, relembrando os matizes registrados durante aquele breve intervalo. A capacidade do mais velho de absorver e recordar era extraordinária. Por vezes, ele conseguia, depois de meses, provar que aqueles meios-tons indistinguíveis pela visão comum ainda estavam claros em sua memória. Cazin aprendera aquela prática com Lecoq de Boisbaudran, que a ensinou a muitos outros artistas, dentre os quais Rodin.

O que os artistas fazem com os matizes das cores todos nós podemos fazer com informações comuns. O teste, ou pensar no teste, potencializa nossa energia mental. Maroncelli, em seus adendos ao *Mie Prigioni* de Silvio Pellico, relata como Pellico e ele próprio, desprovidos de livros, pena e tinta durante os primeiros meses de seu cativeiro, conseguiram facilmente alimentar a mente. Às vezes em separado, noutras vezes juntos, eles repassavam o que recordavam, um dia sobre história, noutro dia sobre literatura, noutro ainda sobre filosofia. Ao se complementarem, era surpreendente constatar que conseguiam lembrar muito mais, e como nunca haviam imaginado. Aos poucos, seus conhecimentos, de um estado caótico inútil, tornaram-se organizados e úteis. E suas mentes foram ficando simultaneamente mais livres. Sem contar com pena e tinta, conseguiram compor longos poemas, alguns dos quais sobreviveram apenas na mente de seus criadores até que estes alcançaram enfim a liberdade. É fácil inferir das palavras de Maroncelli que os dois homens recorreram a métodos primitivos, sem dúvida amparados por aquela exaltação dos sentimentos primitivos que os prisioneiros dos cárceres bolcheviques igualmente registraram, e estavam mais próximos de sua alma e com um total poder sobre suas forças como nunca verificado.

Todos podemos adotar o mesmo processo, e nenhuma outra prática ocupa horas ou meias horas ociosas de melhor forma. A combinação curiosa entre nostalgia e antipatia com que a maioria de nós pensa sobre o que aprendeu na escola advém quase que invariavelmente de uma só causa. Quando saímos da

escola, sentíamo-nos próximos do conhecimento, o que era uma alegria, mas, desde então, raramente nos sentimos sequer perto dele, e a consciência disso cria um fantasma com a costumeira impressão de inferioridade. Caso haja qualquer oportunidade de completar o que nunca foi inteiramente alcançado, o complexo de inferioridade é exorcizado na hora e ficamos eufóricos. Muitos pais, ao ajudar um filho com a leitura de César, ficaram felizes ao constatar, e facilmente apreciar, a elegância vista apenas de relance muitos anos antes. Se César tivesse sido relido na faculdade, o resultado teria sido o mesmo, mas não foi: havíamos nos despedido dele na escola, e ele ficara como um embrião de prazer até que uma oportunidade inesperada surgisse. Pode-se dizer o mesmo de praticamente tudo o que aprendemos ou vimos de relance na escola.

Reveja mentalmente o que você se recorda, complementando-o, se necessário, com alguns minutos de leitura em casa e saberá, de imediato, o que significa educação. Não houve nenhum livro que o impressionasse mais intensamente num período da vida, em que as impressões eram mais profundas por serem tão poucas? Não existe um poema que você se lembre de ter ouvido ou aprendido e que, desde aquela época, ficou retido na memória como a personificação da poesia? Não houve nenhum outro desde então? Certa vez, vi um homem retirar de seu caderno de anotações um recorte bem dobrado: era um poema tirado de uma revista, que o cavalheiro levava consigo como um talismã. É preciso haver poemas que você jamais esqueça. Quando dispuser de alguns minutos, feche os olhos e aprecie um deles, e apreciará como o faria com qualquer lembrança querida. Muitas horas monótonas num trem, num hotel sem atrativos ou a bordo de um navio foram iluminadas por esse hábito assim como um buquê de flores ilumina uma sala.

Da mesma forma, todos nos lembramos de momentos, crises benfazejas que significaram picos em nossa vida mental, introduzindo força onde a fraqueza costumava prevalecer ou tranqüilidade onde não havia sossego. Podemos recuperar o sentimento desses momentos. Quando ele adentra a nossa alma, cada fibra nossa vibra novamente como borbulhas de champanhe ao toque de uma migalha. Imaginávamos estar apenas repassando uma cronologia de nossas próprias ações e, de repente, nos vemos na parte produtiva de nossa personalidade.

Podemos também nos ocupar produtivamente recordando viagens passadas que valeram a pena. Hoje, as pessoas viajam muito e muito cedo. Novos saberes acabam superando antigos, e ouvimos filósofos de treze anos afirmá-lo com total

indiferença. Aparentemente, pessoas com menos sorte são mais afortunadas. Charlotte Brontë, nascida a mais de oitenta quilômetros da costa, viu o mar pela primeira vez aos vinte e quatro anos, mas a visão a arrebatou e, um ano mais tarde, ela se referiu à experiência como alguém referindo-se ao primeiro amor. Há algo de refinado em relembrar nossa primeira noção de estar no estrangeiro, de ouvir uma língua misteriosa, de se sentir distante, um pouco menos confiante e ligeiramente perdido. Jamais deverá ser esquecida a primeira impressão transmitida por uma cidade da Úmbria, uma enseada com pinheiros enfileirados no Mediterrâneo ou o deserto do Arizona, visto pela primeira vez na solenidade da aurora.

A beleza artística também deve ser acalentada. Por que calcular os impactos dos trilhos ou calcular a velocidade do trem quando poderíamos ter uma meia hora perfeita, recordando uma ou duas salas do Louvre? Com um pouco de prática, é possível evocar a *Vênus de Milo* ou *O casamento místico de Santa Catarina* com clareza suficiente para sentir mais uma vez algo da impressão que essas obras de arte deixaram em você. Permita-se algum tempo, e a serenidade da Grécia ou a graça luminosa da Itália serão sentidas cada uma por sua vez. Sem nenhum esforço, você não só fará um exercício mental como também alcançará a condição na qual um Ruskin escreve sobre arte.

Vidas ou feitos notáveis podem povoar qualquer solidão. A vida dos santos, sobretudo a vida de Cristo, preencheu a existência de milhares de pensadores. Os escritores espirituais franceses, ao descreverem essa meditação, usam uma expressão marcante: "s'entretenir de la vie des Saints", que significa tanto estabelecer um diálogo consigo sobre essas almas nobres como manter-se vivo por meio dele. Nenhuma palavra poderia ser de uma psicologia mais rica ou mais precisa.

Os antigos perceberam a virtude dessa prática. Lembre-se de que Plutarco, que fez mais do que qualquer um, antes dos escritores cristãos, para torná-la popular, foi um sacerdote e um moralista, e suas histórias foram o exemplo de sua doutrina. A paixão pela história que caracterizou as eras clássicas, e que só diminuiu quando os artistas ganharam precedência sobre grandes realizadores de feitos, foi mais alimentada pela admiração de indivíduos excepcionais do que pelo interesse superficial por política. Em suas memórias encantadoras Madame Campan afirma que Madame Louise, a filha caçula de Luís XV, manteve-a ocupada por vários meses lendo em voz alta para ela, Louise, a história da França, porque desejava ouvi-la integralmente antes de juntar-se às irmãs carmelitas.

Quando ela acrescenta: “Apenas uma ação heróica foi possível para essa princesa e ela a realizou”, compreendemos que os exemplos de nobreza colhidos daquela leitura reagiram sobre a resolução dessa filha especial do rei. Qualquer um interessado nos homens e mulheres sem os quais não haveria história, mas apenas uma uniformidade insípida, sabe que, ainda que mortos, há mais vida neles do que nos autômatos que vemos andando à nossa volta. Pensar sobre eles seria o impulso natural da maioria de nós se a palavra “erudito” ou seus sinônimos não fossem aterrorizantes para um mundo de ovelhas conformadas. Cada um dos exercícios mentais que tentei descrever não foi um esforço, mas o relaxamento mais revigorante para quem quer que os tenha experimentado.

Reflexão

É o que as pessoas costumam chamar de pensamento. Quando alguém não está falando, escrevendo, executando alguma tarefa ou ouvindo alguém falar, e se também não estiver dormindo, supõe-se que esteja pensando.

Refletir é algo mais ativo. Eu afirmei acima que Madame de Maintenon define reflexão como “pensar atentamente sobre a mesma coisa por várias vezes”. Essa simplicidade de linguagem é encantadora, e expressa aquilo que quer transmitir tão plenamente quanto o jargão científico em uso no século XIX.

Certamente a definição de Madame de Maintenon pode ser questionada, pois ela parece indicar uma mera menção, enquanto vários aspectos de uma proposição certamente aparecerão para reflexão, mas é precisa ao indicar a presença de um objeto predominante na mente.

Todos conhecemos a reflexão, a princípio espontânea, aos poucos mais deliberada e consciente. No momento em que uma criança tem noção do medo ou da atração, ela busca em sua cabecinha um meio de escapar do que é temido ou de garantir o que é desejado. Em geral, isso se dá pelo pressentimento de imagens ou conjunto de imagens que mostram à mente quadros do que está para acontecer. Por fim uma seqüência, um cenário inteiro parece mais provável que os demais, e o intelecto interrompe sua busca por possibilidades. Tal interrupção é o que chamamos de decisão, uma vez que o quadro finalmente retido coloca em ação nossos poderes volitivos. No geral, o objeto da reflexão é invariavelmente a descoberta de algo satisfatório para a mente que não estava ali no início da busca. Não existe diferença fundamental entre essa descoberta e a invenção científica.

“Como você descobriu a lei da gravidade?”, alguém certa vez perguntou a Newton. “Pensando nela o tempo todo”, foi a resposta.

As pessoas nem sempre são claras quanto a isso, porque seu melhor pensamento se produz quando não supõem que estão pensando, e, por conseqüência, as fases sucessivas do pensamento raramente podem ser resgatadas do subconsciente. Entretanto, toda vez que conseguimos vislumbrar o subconsciente vemos, de fato, a cadeia de imagens. Não raro despertamos pela manhã com clareza a respeito de determinada questão que parecia duvidosa quando fomos para a cama. Se relembrarmos o último conjunto de imagens da noite anterior, comparado àquele que agora nos satisfaz, não temos dificuldade em descobrir a concatenação das imagens intermediárias.

Assim, a reflexão é uma condição natural, porém apenas pelo entusiasmo produzido pelo medo ou pelo desejo. Quando esse impulso é meramente superficial, produz reações imaginativas também superficiais demais para serem percebidas, que é o nosso estado mental habitual. Caso tenhamos adquirido gosto pela reflexão, ou, como dizemos, pela meditação, ou se algum estímulo externo nos deixa ansioso por obtê-lo, temos de lutar contra nossa inércia para podermos pensar. A meditação da manhã das pessoas piedosas é um fardo para elas enquanto depender de um livro de apoio e não se tornar pessoal, ou seja, em português claro, egoísta. De outra forma, esperamos pelo livro, ou por algum orientador, que realize o pensamento necessário por nós.

Na escola, as crianças deveriam ser submetidas a exercícios regulares de pensamento. No Método Montessori há intervalos para que as crianças ponham as mãos sobre seus rostinhos e pensem. Madame de Maintenon também recomendava momentos silenciosos, e a instrução a que me referi acima se refere a fazer deles o melhor possível. Essa mulher experiente observou que as meninas de Saint-Cyr insistiam para que lhes dissessem a solução de todos os seus problemas, mesmo aqueles então em jogo, e que o “diga logo” era mais freqüente do que o “deixe-me pensar”.

Pergunte a uma classe de trinta alunos qual sua explicação para qualquer pequena percepção, interessante o suficiente para captar sua atenção. A maioria das mãos se erguerá. Balance a cabeça e insista para que a pergunta seja respondida no caderno, sem qualquer algazarra e exaltação produzida por ela. Em poucos minutos, nos rostos mais inteligentes você verá um sorriso significando: “Eu ia falar como um imbecil e o senhor sabia”, enquanto nas demais não verá coisa alguma. Terá sorte se um único aluno do grupo tiver algum pensamento.

Já vi turmas torturadas para valer por uma prática na qual, contudo, tinham de insistir, e cujo hábito é rapidamente adquirido. Dê aos alunos um texto em latim, difícil o suficiente para que não leiam com um passar de olhos — um belo trecho de Ovídio, por exemplo — e estabeleça os seguintes termos:

1. Nenhuma palavra deve ser escrita por quarenta e cinco minutos;
2. Durante o mesmo período, o dicionário não deve ser consultado, mas o texto será estudado e as sentenças confusas ou não compreendidas devem ser examinadas de modo a fazerem sentido pelo contexto;
3. Ao final dos quarenta e cinco minutos, será permitida a consulta ao dicionário por oito minutos;
4. Só então a tradução será escrita.

Nunca vi esse método falhar: ele simplesmente obriga à reflexão. As mentes imaturas, porém, são tão avessas a ele que a tentativa inicial é um suplício: os jovens dedos ansiosíssimos por pegar o lápis ou o dicionário, devido ao hábito de querer se livrar da tarefa o mais rápido possível.

O aluno comum detesta escrever um texto porque suas experiências passadas não foram nada agradáveis. Ele sabe que depois de escrever algumas linhas cria-se um vácuo ante a necessidade de ter de escrever a qualquer custo. Ele jamais viveria essa condição degradante se, antes da primeira experiência, fosse ensinado a não escrever uma única palavra do texto até tê-lo completo na mente e pudesse *verbalizá-lo em linguagem simples, mas clara*. Deixe-o descobrir, pensando em voz alta o assunto em questão, que nada é mais fascinante do que decidir-se sobre algo que valha a pena, e que escrever o resultado dessa investigação não tem importância especial, mas certamente será fácil, e o fantasma do texto como uma luta inútil contra o vácuo desaparecerá para sempre. É possível, com facilidade semelhante, dissipar o fantasma da superioridade dos livros e dos produtores de livros, mostrando que um volume nada mais é do que uma seqüência de capítulos isolados e organizados, e que, como diz La Bruyère, você pode aprender a fazer um livro como aprende a fazer um relógio.

Escrever ajuda a pensar

O hábito de usar pena e tinta para decidir-se, que acabei de descrever e que já fora mencionado no capítulo sobre concentração, deveria ser preservado por toda a

vida. É útil não apenas como apoio à reflexão, mas como um elemento importante de um inventário de suma importância.

Há várias questões que consideramos vitais, mas quanto às quais nos sentimos incertos. Deus, imortalidade, o fundamento da moralidade, a natureza e a base da felicidade, amor, casamento, o sentido da vida, da educação, de princípios literários ou artísticos — o que sabemos sobre todas elas? Tão pouco ou quase nada. Ouvimos essas questões serem mencionadas com tanta freqüência, nós as mencionamos para nós mesmos em tantas circunstâncias que gradualmente firmamos a idéia de que são conhecidas. Mas isso é pura falácia, a mesma a que estamos sujeitos quando, depois de adiar o exame de uma questão prática, que seja intrigante ou séria o suficiente para nos assombrar, chegamos, afinal, a uma decisão. Imaginamos, então, que, de alguma forma, estivemos pesando os prós e contras mais do que imaginávamos, e chamamos de procrastinação o tempo que levamos para pensar. Entretanto, na verdade, não estávamos pensando de forma alguma; estávamos apenas querendo pensar. Se pudéssemos somar os minutos que devotamos a um exame crítico do que achamos, por exemplo de uma vida futura, ficaríamos chocados com o total ridículo. Os milhares de alusões que nós ou outros fazem à imortalidade não formam um pensamento, apenas significam que a imortalidade é um problema importante que as pessoas não podem deixar de lado. Conheço um alto dignitário eclesiástico que sempre desejou, mas sempre adiou, estudar sua catedral, uma das mais famosas da Europa. Toda vez que o ouço dizer "minha catedral", penso: "Não, o senhor não possui aquela catedral; a catedral o possui". E assim é com aquelas grandes perguntas das quais afirmamos convictos que estamos possuídos por elas, sem ousar sugerir que as possuímos.

Existem na imprensa cotidiana alguns escritores e escritoras que fazem questão de ter uma opinião sobre tudo. Dia após dia, aparecem quatrocentas ou quinhentas palavras suas, expressando as visões pessoais sobre uma imensa variedade de assuntos, interessantes em sua maioria. Um especialista corre pouco risco de errar ao estimar o tempo que esses seus colegas de profissão dedicaram a cada questão isoladamente. Pode ser contado em minutos, em vez de horas. Os autores raramente recorreram a alguma literatura, mesmo a uma enciclopédia, satisfazendo-se com o somatório de seu saber pessoal frágil acerca das informações e sua impressão sobre elas, mais frágil ainda. Ainda assim, isso é tão melhor do que nada que lemos o artigo até o final.

Seria um excelente começo se nós também fizéssemos isso, limitando-nos a registrar o que sabemos, aquilo de que não temos tanta certeza e o que

gostaríamos de saber. Poderia ser o suficiente para nos colocar na grande estrada rumo ao conhecimento, ou, de alguma forma, ao entendimento. No século XVII, as pessoas costumavam anotar essas meditações num caderno ao qual, de tempos em tempos, elas acrescentavam informações novas. Hoje, pegamos algum tipo de capa e recobrimos o registro o que, como o cristal numa solução, talvez imprima solidez e ordem aos nossos pensamentos sobre o assunto. Os resultados são surpreendentes.

No século XVII, as pessoas também usavam a pena com efeito semelhante para descrever mentalmente homens e mulheres da época. Esses retratos tendiam a ser elaborados demais, mas tornaram a observação e a crítica uma necessidade, e alguns deles, escritos por pessoas quase desconhecidas, foram valiosos para o historiador. Experimente o método com seus amigos mais próximos, ou como autodefesa, ou por mera curiosidade, e logo fará algumas descobertas sobre seus vizinhos que anos de passividade jamais haviam fornecido a você.

Conclui-se daí que os escritores profissionais aproveitam a melhor oportunidade para pensar da melhor forma? Não necessariamente. Na Parte II, afirmei que o escritor profissional corre o perigo de ser uma presa para muitos fantasmas. O controle da sensibilidade pertence apenas aos melhores dos melhores. O talento comum é constantemente dificultado pela sensibilidade exagerada. A noção de que está escrevendo para o público, para a crítica e muitas vezes para as interpretações equivocadas, produz efeitos nocivos dos quais aquele que escreve apenas para auxiliar seu poder de concentração está livre. No entanto, essa desvantagem inevitável é compensada pela influência revitalizante da composição textual. Até mesmo um mero jornalista, se valer o que escreve, muitas vezes começará um artigo apenas porque tem de escrevê-lo, mas, em poucos minutos, apreciará seu trabalho porque ele libera suas faculdades dando-lhes uma inesperada composição. A mente é um local encantado onde é certa a visita de aparições fascinantes assim como o pescador noturno dos brejos tem certeza de que verá fogos-fátuos.

Isto não é tudo. Não existe escrita boa ou mesmo aceitável sem algum tipo de roteiro para guiar a pena. Enquanto produz esses rascunhos, totalmente similares ao trabalho preparatório de um artista, o escritor não pensa mais em seus leitores, mas nele próprio, e com certeza produzirá o seu melhor.

Há uma época na vida em que o escritor independe do seu leitor, quando não duvida de sua aprovação, assim como independe de seus predecessores a quem olha apenas como precursores, e quando pode espantar os fantasmas mais

perigosos com um simples movimento de sua pena. Afortunados são os escritores que, como Byron, Shelley, Barrès e alguns filósofos, começaram a publicar seus pensamentos ainda na adolescência ou recém-saídos dela. Esses não são atormentados pelo fantasma do "tudo já foi dito". Todos os grandes lugares-comuns que prosseguem fascinando o mundo, assim como fascinam as crianças, são como novidades que ninguém ainda olhou de frente como eles. *Pereant qui ante nos nostra dixerunt!* O que quer que pensem lhes parece merecedor de expressão e até de publicação. E eles estão cobertos de razão, uma vez que dois músicos nunca tocam a mesma peça de forma idêntica. Ao prosseguirem pela vida, seus jovens pensamentos, solidificados pela impressão, circundam-nos como um escudo protetor contra a dúvida ou a timidez. Um homem como Barrès, que só se livrava da timidez pelo seu excesso de confiança, teria consumido seus poderes na ironia caso não tivesse começado, com dezenove anos, a considerar todos os seus pensamentos como poesia.

PRESERVAR OS PRÓPRIOS PENSAMENTOS

Não fazer um registro do que aprendemos ou pensamos é tão insensato quanto arar e semear a terra com grande sacrifício e, quando chega a hora da colheita, virarmos as costas para ela e não pensarmos mais no assunto.

Algumas pessoas têm uma memória extraordinária, com imensa capacidade de retenção e podem abrir mão de um mínimo de notas, mas as exceções prodigiosas não contam. A maioria das pessoas que fizeram nome na literatura, na política ou nos negócios verificaram que era preciso ter uma memória por escrito. E aqueles que pensaram ser possível dispensar o esforço de manter tal registro, algum dia inevitavelmente arrependeram-se disso. Humoristas que definem memória como a faculdade que nos capacita para esquecer apenas reforçam uma verdade lastimável. As impressões vívidas ou impactantes que, na nossa imaginação, nunca se apagarão de nossa consciência, não sobrevivem ali mais do que umas poucas semanas, às vezes alguns dias, a menos que se faça algo para garantir sua permanência. Uma vida ocupada ensina até a ociosidade contumaz a fazê-lo. Qualquer um cujo destino obrigue ao uso ativo do cérebro logo compreende que não pode se dar ao luxo de perder quaisquer dos seus recursos, e elabora um plano para sustar desperdícios. Se for bastante rico, contrata a assistência de uma secretária gabaritada. Se não for, ele lê livros de métodos de erudição ou de negócios (são quase iguais) ou cria artifícios próprios. Ficamos maravilhados com

o imenso conhecimento que alguns escritores possuem do que costumavam chamar de política externa, mas que deveria, no presente, chamar-se política de todos nós. Com razão, exemplares de papel encorpado onde os recortes de jornal são colados seguindo uma combinação feliz de vertical e horizontal é tudo o que precisamos. Anotações feitas em vermelho indicarão arquivos mais elaborados. O segredo é recortar o que parecer importante *na hora*. Os jornais são documentos históricos preparados por homens e mulheres que, em geral, ignoram ou são indiferentes à história. É possível que um acontecimento de conseqüências de longo alcance seja mencionado numa coluna menos destacada e sem tipos chamativos, por supostos especialistas que não estão conscientes de sua importância e jamais se referirão a ele. Se a passagem não for imediatamente arquivada, sua falta poderá significar a perda de um elo fundamental na cadeia de eventos.

Os fatos são apenas matéria para o pensamento. Os pensamentos em si, quer dizer, a iluminação produzida na mente pela presença de fatos valiosos, devem ser preservados com um cuidado maior ainda. Com certeza é difícil, e às vezes pode ser perigoso, por cessar o funcionamento da mente, interromper uma reação intelectual sob o pretexto de anotá-la. No entanto, quando o resultado final dessa mediação estiver diante de nós, podemos resgatá-lo da sina de todos os sonhos. O registro há de ser sucinto o suficiente para impedir o perigo daquilo que os Vedas falam de “colocar palavras entre a verdade e nós mesmos”, mas claro o bastante para uma releitura futura, ou seja, quase estranha. Se estamos conscientes de um impulso para dar forma final a uma idéia onipresente em nossa mente, é uma idiotice resistir a isso ou adiá-lo. As melhores páginas de um livro são aquelas escritas de uma só vez, sob um impulso desses. Vários escritores, forçados pela vida a fazer seu trabalho a despeito de circunstâncias adversas, sentiram-se gratos por não terem se rendido à preguiça quando houve uma oportunidade para captar um relance ou um vislumbre. Eles desconhecem o fantasma assustador e torturante da visão de um objeto que, um dia, foi muito mais clara e melhor do que é agora.

Escrever livros é seara de especialistas, viver é tarefa de todos nós. A vida moral, a vida sentimental, a vida religiosa, o que quer que esteja acima da materialidade do mero existir, também consiste em lampejos que, ao partirem, não mais retornam. Um diário, algumas velhas cartas ou folhas contendo pensamentos ou meditações podem manter a conexão entre nós no presente e o nosso melhor no passado. Quando jovem, impressionou-me profundamente o conselho de um escritor espiritual para ler as próprias anotações espirituais, de preferência até a

obras famosas. Todos os santos parecem tê-lo feito. Do momento em que nos damos conta de que qualquer pensamento, seja nosso ou de outrem, é fértil o suficiente para não ser desperdiçado, temos de registrá-lo no papel. Nossos manuscritos devem espelhar nossa leitura, nossas meditações, nossos ideais e como os abordamos na vida. Qualquer um que tenha adquirido o hábito de registrar seus pensamentos dessa forma sabe que perder seus papéis significaria também uma perda para suas possibilidades de pensar.

O TIPO DE MENTE PRODUZIDO POR ESSA DISCIPLINA INTELECTUAL

Conheci pessoalmente grande quantidade de homens brilhantes cujo desenvolvimento mental ajudou-me, de forma concreta, a escrever este livro. Dois deles me impressionaram mais do que os demais, por motivos que o leitor saberá a seguir.

Um desses homens é colaborador de uma revista famosa, um escritor universalmente conhecido por seu conhecimento da política mundial e seus pareceres sobre o assunto. Seus artigos, enriquecedores e claros, são esperados ansiosamente por aqueles interessados nas questões orientais, impossibilitados de ter as mesmas oportunidades de explorá-los pessoalmente. Eles são debatidos com respeito por todos os especialistas e, em mais de uma ocasião, vi suas opiniões influenciarem, de forma bem acentuada, as atitudes de líderes políticos.

O outro homem é um historiador das religiões. É uma conquista rara e difícil dedicar-se à história das religiões com reverência e independência, e ao mesmo tempo, garantir que essas questões sejam ouvidas pelos críticos progressistas sem abrir mão do respeito dos conservadores. Esse teólogo conseguiu: as poucas dezenas de especialistas interessados no mesmo campo demonstram, pelo tom empregado na discussão dos pontos de vista dele, que os consideram o resultado de um desejo sincero de preferir a verdade à opinião.

Conheci esses dois homens notáveis nos tempos de nossa juventude, e para dizer a verdade alarmante, porém esclarecedora, naqueles dias distantes, ambos não costumavam me impactar como destacados, senão como o inverso. Em linguagem simples, eles eram comuns. Para ser exato, eles exibiam as qualidades do persistente, aquilo que os obituários chamam de energia insuperável, e ninguém jamais sonhou em negar-lhes mais do que sua parcela de bom senso. Tinham também o tipo peculiar de ambição que não é facilmente discernível de um gosto pela distinção, que, no final das contas, deverá erguer um homem acima

de sua trivialidade original. No entanto, suas características inatas eram comuns. Ainda hoje, ao encontrá-los, minha primeira impressão ainda é um sentimento desconfortável de que podem arruinar o tecido do meu respeito por eles, dizendo algo incompatível com a elevada opinião que todos temos sobre o que escrevem. Eles nunca o fazem, embora eu nunca fique plenamente convencido de que nunca o farão. Por vezes, percebo um sorriso, noutras um tom de voz, noutras ainda um fraseado diferente que me faz sentir à beira do abismo. Mas nada acontece, e jamais conheci alguém não familiarizado com esses homens desde a infância que estivesse minimamente inclinado a sentir da mesma forma que eu. Ninguém se refere a eles como gênios, mas praticamente todos os consideram como motivo de orgulho para a literatura séria. Sei que seu ângulo original foi estreito; mesmo assim, expressam um interesse constante pelas questões mais elevadas, e quando de fato surpreendem um pouco é por uma aversão explícita demais a trivialidades. Sua erudição é ilimitada. Aparentemente, nasceram com memória prodigiosa e estocaram-na com inúmeras informações, desde opiniões filosóficas até simples detalhes humanos ou pitorescos. Admito que nunca há nada de inesperadamente pungente no que dizem, mas têm convicção de suas idéias quanto a uma ampla gama de questões. Estiveram em contato com tantas teorias e leram tantas discussões a respeito que as argumentações não os surpreendem nem os abalam. Seu arsenal está repleto de fatos que as argumentações têm de levar em consideração, ou de teorias contrárias para qualificá-las. Se tudo isso não fosse expresso numa língua desprovida de todo o frescor, soaria como a efervescência natural das mentes poderosas. Isto porque há uma luz que se irradia de todos os fatos contundentes com que lidam e a iluminação é suficiente para calar as reservas que temos internamente em relação a eles.

Esses homens são a demonstração viva de que os apoios ao pensamento, conforme exposto nos capítulos anteriores, produzem algo tão parecido com o pensamento a ponto de não se distinguirem dele, e de qualquer forma dão condições a um homem de pensar o que há de melhor e não o que é mais fácil. Eram ambiciosos e trabalhadores, substituíram aquilo que o povo chama de prazer pelos prazeres do intelecto, preferiram as questões mais nobres às menos nobres, e decidiram estudar métodos. Eles são recompensados não só pela estima de seus pares, ou pela sutil influência que exercem sobre os acontecimentos, como também pela consciência de possuir uma rara saúde intelectual e de usarem seus poderes com um mínimo de desperdício. Tal resultado vale imensamente o esforço inicial de preferir algo a nada e de renunciar ao vazio universal.

Por mais de uma vez, tive oportunidade de comparar esses homens com outros, de talento bem superior ao deles, que eu costumava considerar como predestinados a carreiras brilhantes. As carreiras, porém, foram estragadas no início e as capacidades extraordinárias descambaram para a superficialidade. A sociedade, claro, é cheia dessas falhas que ela parece preparar naturalmente, mas você as encontrará até em carreiras que aparentemente são sua negação. Muitos professores, médicos e advogados jovens e promissores frustraram expectativas e finalmente causaram desgosto simplesmente porque acumularam obstáculos em vez de apoios no caminho do pensamento.

O que tem faltado? O gosto por bons livros. Esses homens preferiram a conversa leve, as cartas ou a ociosidade no clube de campo àquilo que aparentemente tinham nascido para amar, e sua deterioração foi o resultado. Saint-Simon nos mostra uma galeria dessas falhas, descritas com um brilho implacável, mas só precisamos olhar à nossa volta para ver réplicas vivas delas.

Você dirá: conhecimento, informações não são o mesmo que pensamento, e a arte de se educar não pode ser a arte de pensar. Certamente não, no caso da genialidade. Entretanto, prover a mente com o melhor alimento e a maior pureza é, sem dúvida, a única forma de as faculdades medianas não se anularem. Retire as informações, e a escuridão tomará o lugar dos pontos brilhantes. Não afirmamos que Deus *sabe* tudo, em vez de dizer que Ele tudo compreende? Imagine a diferença em intelectos como o de Malebranche ou de Rousseau se tivessem ficado menos satisfeitos com a própria fosforescência e mais ansiosos por um trabalho legítimo. E quem duvida que a diferença entre uma era como o século XVII, de serenidade pura, e a nossa, de nervosismo puro, surge principalmente como fruto dos recursos mentais do período anterior? O que fez de Bossuet, um gênio, inferior a Richard Simon, um mero estudante, nas discussões, senão a disparidade do conhecimento nas questões bíblicas? Nenhum teor de genialidade tomará o lugar dos fatos quando fatos e não genialidade são necessários. Por outro lado, a total maestria das informações sobre determinada questão, além da profundidade do conhecimento, conferirão a um homem aquela rapidez de argumentação que não podemos deixar de chamar de pensamento brilhante, embora, na verdade, sejam apenas informações.

MAIOR APROXIMAÇÃO AO PENSAMENTO ORIGINAL

Para ilustrar o valor dos métodos sugeridos nesta Terceira Parte, escolhi propositalmente dois exemplares que superaram suas possibilidades aparentes por meio do treinamento que se impuseram. No entanto, o mesmo treinamento aplicado a verdadeiros talentos produz resultados que satisfazem os historiadores de literatura. Nenhuma outra escolha seria melhor do que Ernest Renan para representá-los.

Renan, como todos sabemos, não foi um talento extraordinário. Nem como filósofo, nem como acadêmico ou como escritor ele seria comparável a homens verdadeiramente superiores. Ainda assim, que inteligência! Que poder de percepção interna e de percepção externa! Que introdução a uma leitura inteligente de história é o livro *Marco Aurélio*! A transformação do significado da palavra "inteligente" e o halo simultaneamente associado a ele datam de Renan. Quando Lanson escreve sobre Victor Hugo dizendo que é uma pena nos darmos conta de que um talento como aquele não era inteligente, sabemos de imediato onde o crítico encontrou a sutil diferença que enfatiza de forma tão ousada. Renan, mais do que os grandes poderosos, permanece o modelo da capacidade de compreender. Um elenco de discípulos, dentre eles Anatole France e Jules Lemaître são os mais conhecidos, demonstrou a facilidade com que o método pode ser aprendido e a garantia de seus resultados.

1. Qualquer um que tenha lido os melhores livros, não apenas os clássicos, mas os críticos e os cientistas das duas últimas gerações, adquiriu, além de informações, um método para pensar. A inteligência é tão contagiosa quanto a graça e a perspicácia costumavam ser no século XVIII. Isso não é tudo. Tane tinha o hábito de dizer que o pensamento é um processo coletivo e não individual. Quando falamos da "mente em construção", queremos dizer o mesmo: as doutrinas são testadas e desenvolvidas, os métodos são aperfeiçoados, as visões são complementadas, o trabalho do mundo inteiro se torna propriedade de cada investigador que se preocupa em anexar seus resultados. Em uma palavra, o volume do pensamento é crescente.

2. Homens instruídos que, assim, absorvem os resultados dos esforços coletivos são constantemente levados a perceber relações entre as idéias e os fatos, e eles adquirem o hábito de procurar essas relações por si mesmos. Um homem moderno não pode pensar em Mussolini sem pensar também em Napoleão; a França pós 1871 o ajuda a compreender certos aspectos da Alemanha pós 1919; os métodos de colonização da Grã-Bretanha lançam luz sobre os de Roma e vice-versa. Renan faz isso em cada página. Sua mente ágil viaja permanentemente

sobre listas de informações que ele justapõe ou, ao contrário, contrapõe, e esse tratamento produtivo dos dados ilumina cada passo. O hábito de Ferrero de visualizar o presente no passado e de sugerir constantemente o processo pela sua escolha de palavras indica o mesmo hábito. É, sem dúvida, o método de todos os historiadores modernos, e não se pode negar que os resultados são infinitamente superiores ao puro método narrativo dos escritores anteriores.

3. Esse hábito de nunca ver alguma coisa sem visualizar outra ao lado ou por trás tem em si algo vital que o torna assemelhado aos métodos do dramaturgo. A receptividade e a imaginação são constantemente convocadas à cena. Muitos homens e mulheres cultos passam horas deliciosas resgatando o passado, reconstruindo um fato histórico notável, ouvindo uma eminente figura histórica falar, testando uma filosofia segundo seus prováveis resultados práticos ou imaginando o futuro. O tempo todo, a imaginação criativa em ação.

O que é isso, senão o PENSAMENTO, e ainda assim, está dentro das possibilidades de inúmeras pessoas. Que elas fiquem longe das trivialidades, e, em vez delas, abasteçam a mente com conhecimentos de valor. Deixe que vagueiem livres por essa massa de informações e o pensamento se produzirá ativamente.

— Que vergonha! Esses capítulos têm tanto do que eu aprecio: solidão, Spinoza, música, euforia e elevação, métodos para não esquecer mais, um tipo de forma fácil de tornar a vida, oh, sim, de tornar a vida mais útil além de bela. Mesmo assim, estou decepcionado. Posso lhe dizer a verdade? Honestamente, achei que essa terceira parte fosse me oferecer uma verdadeira receita para pensar. Quero dizer, um jeito rápido de tornar meu intelecto ativo e fascinante, um método de auto-sugestão como o de Émile Cloué para fazer tudo em fração de segundos...

— Ou tablóides. Sim, é uma vergonha que não existam pílulas para o pensamento. Eu também compraria. Bem, e você não pode tomar um chá forte e se deitar, conforme diz a primeira seção do capítulo 1, e ver se seus problemas se simplificam por si? Ou, não pode zarpar para a Itália e ficar de boca fechada até avistar Nápoles? Nada pode ser mais fácil e dá resultado, diz o livro.

— Oh, sim, só que não dá. O que funciona são bons livros, ler apenas obras-primas, e nunca ler, mas estudar sempre, em suma, um tratamento mental hercúleo regular a que eu sei que não posso me submeter. Ainda assim, sei que se tivesse de repassar esses capítulos novamente, eu deveria fazer dezenas de coisas

que, conforme vou lendo, vinha querendo fazer. Gosto da garotinha com seu Júlio César, e detesto '*tits détails*, sempre detestei, penso eu, porque se eu fosse realmente frívolo não deveria estar lendo essas bobagens irresistíveis. Apenas, como eu gostaria que tudo parecesse tão fácil quanto às vezes parece!

— Você odeia '*tits détails*, ou seja, as banalidades e as obviedades, e aprecia a solidão, Spinoza, os monges cartuxos com seus hábitos brancos, bons livros que ninguém leria, história romana e garotinhas raras, música, filosofia e o entusiasmo contido. Tudo isso indica que você é um leitor perfeito para este tipo de livro, um candidato excepcional ao pensamento verdadeiro. O que você rejeita é a saúde mental, o acúmulo de calorias intelectuais e assim por diante, não é?

— Exatamente. Você descreve como se sentisse da mesma forma que eu. Sim, essa saúde é detestável. Dê-me dez cirurgiões em vez de um nutricionista. Estou pronto para negociar, com clorofórmio e tudo.

— Não, você não detesta a saúde. Vejo você cavalgando aquela égua cinzenta toda terça-feira. O que você teme é apenas o acúmulo, a avalanche de conselhos restritivos. Na verdade, o que você parece apreciar neste livro são os conselhos. Você acolhe cada conselho conforme ele lhe chega, mas quando tenta lembrar-se das outras centenas, eles o atingem como um deslizamento de terra. Bem, suponha que você considere um de cada vez e, por algum tempo, esqueça o resto. Suponha que você comece a ler o jornal como uma página da história e...

— Oh, sim, vou fazer isso. Tenho certeza de que consigo fazê-lo. Não me diga mais nada, e não diga nada a mais ninguém. Quero ver como isso vai funcionar comigo.

— Trabalhe! Certamente você sabe que a sensatez funciona. Portanto, dê uma oportunidade ao jornal e, por favor, daqui por diante, leia apenas um capítulo deste livro de cada vez. A idéia do tablóide fica ali, de lado.

QUARTA PARTE

PENSAMENTO CRIATIVO

Nota preliminar

Será que "pensamento criativo" significa genialidade? Sim, mas lembre-se de que qualquer criação, do tipo que for, seja ela obra do mais humilde artesão ou de um super-homem, é produto de um estado mental que deveria ser chamado de genialidade.

Será que significa criação literária? Não mais do que qualquer outra, e o leitor não deve inferir de um ou dois parágrafos do capítulo 5 desta Parte IV que as páginas seguintes são direcionadas principalmente a escritores. Nenhum erro levaria mais fatalmente a um falso entendimento do objetivo deste livro. Seu verdadeiro alvo é tornar o pensamento acessível a todos nós, mesmo nas formas mais elevadas, e em qualquer esfera.

CAPÍTULO X

A criação

ESSA é uma palavra fascinante. A idéia de produzir algo a partir do nada, ou de substituir a imobilidade pelo movimento, encanta até as crianças. Antes da *Vênus de Milo* houve várias estátuas seminuas de Vênus, mas nenhuma que produzisse um efeito espiritual tão poderoso apenas com pedra: podemos vê-la e, no mesmo instante, compreendemos que uma entidade superior esteve em ação. Milhares de pessoas já avistaram melancolicamente uma cotovia desaparecendo no céu, mas apenas Shelley escreveu uma ode imortal para ela. Por outro lado, a música de valor é uma criação maravilhosa. Nossa alma vazia se preenche com imagens e emoções produzidas pelo mais imaterial dos meios. Quando tentamos pensar sobre a Divindade, logo descartamos a infinitude e a eternidade, por oprimirem nossa imaginação, mas podemos considerar a criatividade sem nenhum esforço.

A reverência, nossa experiência freqüente de admiração na presença de um gênio, surge da semelhança entre seu dom e o atributo da Divindade. Somos constantemente tentados a exagerar a nossa inferioridade. Olhamos bustos de grandes músicos ou de grandes filósofos e percebemos as frontes poderosas, os olhos indagativos. Ao nos mirarmos no espelho, a consciência de pertencer a outra raça nos diminui. Lemos sobre a vida ou as cartas desses homens excepcionais e não nos surpreendemos ao vê-los dizer algo sobre si que seria ridículo até se pensássemos o mesmo sobre nós.

É bom ler o que foi escrito sobre os gênios e a genialidade: a vida deles, repleta de esforços magníficos, embora frustrantes, age sobre nós como a vida dos santos sobre nossas faculdades espirituais. Sentimos uma espécie de orgulho que atesta nossa origem comum e acrescenta uma vitalidade renovada aos nossos desejos mais nobres. A presença de homens superiores é também um tônico ímpar. Entretanto, é inútil esperar por uma explicação do seu dom. Eles são superiores porque são superiores, eis tudo. Se perguntar a eles como são assim, a resposta se limitará a uma gargalhada de Rabelais, e você se sentirá menor do que nunca.

Também é perigoso colocar esses homens num pedestal e idolatrar um fantasma deprimente naquela forma. Literatos, poetas, dramaturgos e artistas de todos os tipos têm sido superestimados desde que um deles, Diderot, direcionou toda a capacidade produtiva de uma mente poderosa para a exaltação daquele

dom. Não foi bom para um homem como Victor Hugo, ou acima de tudo, para alguém como Alexandre Dumas ser eleito o profeta de sua geração. Criou-se um fantasma, mais forte ainda do que eles, que os forçou a reagir de forma veemente.

Muitas vezes nos esquecemos de que a genialidade depende também das informações disponíveis, e que até mesmo Arquimedes seria incapaz de conceber as invenções de Edison. Esquecemos ainda que a genialidade não é assim o tempo todo, embora seja superior na maior parte do tempo. Foram longos os intervalos entre as principais descobertas de Pasteur. Os poetas conhecem a inspiração, mas também conhecem períodos áridos, quando passam a viver de esperança ou fé, e da memória. Por outro lado, nós, os fracos, temos nossas instituições, assim como os momentos em que nos sentimos na crista da onda, para pensarmos e fazermos o melhor de nós. Imaginemos, bobamente, que sendo tão favorecidos, nosso dom, afinal, não seja de primeira qualidade, e o encanto se quebrará no mesmo instante.

A parcialidade — à qual acabei de me referir — do século XVIII pela superioridade puramente intelectual surtiu efeitos perniciosos na França, em particular. Voltaire e Diderot não respeitavam a genialidade quando encarnada em fundadores de religiões, e ainda existe muita gente que prefere brilhantismo a bondade. Reformadores políticos ou sociais, propagadores do conhecimento, grandes organizadores em qualquer esfera; apóstolos e missionários, capitães de indústria, construtores de imensas fortunas, grandes generais ou grandes marinheiros, são tratados com bastante descaso por críticos e pedantes, embora seu talento mental, assim como a intensidade marcante de sua fisionomia, seja muitas vezes tão raro quanto os talentos das inteligências dominantes de seus adversários. Suas criações estão diante de nós, e muitas delas serão mencionadas na história. No entanto, existe, no mundo inteiro, uma única comunidade em que não exista a prova concreta de que o desejo entusiasmado de garantir um resultado nobre, mantido durante uma vida inteira de perseverança, deve inevitavelmente atingir seu objetivo? Por que esses esforços deveriam ser considerados inferiores aos intelectuais, especialmente quando, conforme acontece em muitos casos, o egoísmo é patente nestes? Quem ousaria dizer que Florence Nightingale não tem o mesmo direito de ser considerada uma criadora como George Eliot?

Podemos ir mais adiante. Toda vida humana de qualquer espécie, ainda que não exista monumento perene para prolongá-la, é uma criação, às vezes de natureza artística, noutras de natureza moral. Existem homens ponderados e bondosos, cujo nome jamais terá alcance mundial, mas cuja vida é tida como uma

obra de arte pelos que os conheceram bem. Tais homens nasceram com as faculdades e as oportunidades que todos temos, mas vislumbraram o que poderiam fazer por si mesmos e conseguiram. O diário de um Joubert ou as cartas de um Cowper poderiam nunca ser publicados, mas os que amavam Joubert ou Cowper para além de seus escritos seriam assombrados até o dia de sua morte pelo encanto que essas existências reservadas emanavam. Madame Recamier faleceu há mais de cem anos e, mesmo assim, mais pessoas param diante de seu quadro, extasiadas, do que diante do de Madame de Staël. Ela jamais escreveu para publicar, jamais discursou ou profetizou, mas a vida que levou naqueles três aposentos da Abbaye-aux-Bois ainda é um modelo para inúmeras mulheres que ouviram falar dela. Podemos afirmar que essa aura fascinante não é uma criação sua? E os santos, não são tão cativantes quanto os gênios?

Compare essas pessoas realizadoras, ou que *foram* a realização, com aquelas outras que nunca fizeram nada e nada teriam sido, a não ser por sua modesta capacidade para registrar o que outros estavam fazendo. Quem é o verdadeiro criador, a pessoa que cria inspiração ou aquela que apenas a recebe?

CAPÍTULO XI

A raiz da criação: as idéias

A raiz da criação, seja ela especulativa, artística ou prática é, certamente, uma idéia. Essa idéia cresce aos poucos, incorporando ou usando coisas próximas, e se torna um propósito dominante e irresistível. Por fim, resulta numa criação. Taine se apaixona por um gato, fica fascinado por gatos, acolhe e acalenta inúmeras lembranças do poder sedutor dos gatos. Quando ele parece mais um esquálido velhinho estudioso do que nunca, produz os famosos sonetos sobre gatos. Outro homem observou um gato abandonado nas ruas: às vezes via o pobre animalzinho implorando com os olhos a um passante incompreensivo, às vezes fingindo para si mesmo que nada estava acontecendo de verdade e trotando em frente como se estivesse certo de encontrar sua casa logo ao dobrar a esquina. A idéia prossegue pelos anos afora. Outro homem a traduziria para um linguajar inábil, outro ainda fala sobre ela com palavras mais suaves que tocam o coração. Com o tempo, o resultado foi um lar para animais abandonados.

Nada pode ser mais simples. A simplicidade é a característica de todas as idéias criativas. Os dois franceses que exerceram a maior influência sobre seus compatriotas durante a última parte do século XIX e início do século XX foram, sem dúvida, Anatole France e Maurice Barrès. O que agiu na mente deles antes que as filosofias que desenvolveram reagissem, por sua vez, em outros milhões de mentes? Anatole France, olhando para o céu estrelado, foi impactado pela insignificância do homem com suas paixões e ambições, da Terra minúscula, com seus impérios microscópicos. Barrès, ao pé da sepultura de seu pai no adro da igreja de Charmes, enquanto o sino anunciava as vésperas e uma solenidade acontecia no vilarejo, compreendeu a continuidade entre seus antepassados e ele, assim como o que ele chamou de clamor do solo. Ambas as visões preencheram a vida dos dois homens e ainda constituem a alma de quarenta volumes, e têm influenciado o pensamento de milhões.

É óbvio que o problema é como ter essas idéias que preenchem a alma e dão contorno à vida.

Nossa alma é um oceano. Suas possibilidades, sua receptividade e elasticidade são misteriosas, raramente dentro do nosso alcance, mas não há como duvidar delas. O que ela acumula durante nossa vida é também misterioso e vasto, sem dúvida. Lembre-se de que a velha mulher alsaciana tinha oitenta anos quando,

durante sua última doença, começou a falar hebraico. Fazia sessenta e cinco anos desde que, como uma criadinha na casa do rabino do vilarejo, entreouvira o patrão lendo o Gênesis em voz alta. Ela estava na cozinha, não era judia, não ligava a mínima para o assunto, e mesmo assim a série inteira de sons estranhos tinha sido preservada num dos milhares de registros de sua memória. Quem não se divertiu ou ficou intrigado ao reviver uma frase totalmente diferente, ouvida anos antes, graças a umas poucas sílabas que a relembravam vagamente? As palavras esquecidas voltam aos nossos ouvidos, estranhas, porém inequívocas. O trecho de uma melodia, o aroma de costeletas revive inesperadamente em nós estados de espírito dos quais, na infância ou na adolescência, queríamos nos livrar porque sua vaga gestação as tornava tão difíceis de manter quanto sua pungência as tornava intensas. A inspiração, a condição tensa à qual a emoção, a eloqüência, a música ou o mero café forte pode nos levar, nos revela regiões inteiras de nossa alma que nada têm em comum com a aridez do cotidiano de nossa existência. Muitas vezes também, na vida, embora com maior freqüência em certos períodos do que em outros, estamos conscientes de que nossa visão intelectual é mais aguçada do que as pessoas, ou até nós mesmos, supunham.

Ouvimos uma conversa e, no entrecruzar das palavras, registramos as motivações das pessoas como se as estivéssemos lendo. Vamos a uma palestra e a apreciamos ou criticamos, conforme ela se desenvolve, como raramente fizemos antes. Estamos conscientes de todos esses lampejos em nossa mente. Nesse meio-tempo, sabemos que outros brilhos, menos perceptíveis, podem concentrar luz se os observarmos sem fingir que o estamos fazendo, e uma rara iluminação pode ter lugar.

O que vemos, então, o que às vezes registramos em pedacinhos de papel que guardamos como avarentos, são os germes que originam a criação, ou o desenvolvimento de uma vida mais plena. Podem ser fugazes e ter vida curta, ou empurrados para fora pelo atropelo de outros, mas sua natureza não difere do que, em última análise se torna, em intelectos altamente talentosos, a obra de um gênio. Acima de tudo, como eles podem ser multiplicados e fortalecidos, como podem ser resgatados do nosso subconsciente é que é o problema.

CAPÍTULO XII

Como chegar a nossas próprias idéias

TODO filósofo digno desse nome nutre a ambição de explicar o mundo. A maioria deles percebe como suas incursões são meras tentativas. Ao contrário, a maior parte é enfática em sua recomendação de algum processo mental pelo qual podemos alcançar a Verdade. De tanto ser usada, essa palavra está ficando desgastada, e o ceticismo está de prontidão contra ela. No entanto, ninguém faz objeção se ela for utilizada para denotar a iluminação que acompanha o contato de nossa mente com aquilo que chamamos de realidades. Quando estamos conscientes dessa iluminação, nossa busca intelectual se encerra e a tranqüilidade assume o seu lugar.

Intelectualistas como Aristóteles, os escolásticos, Descartes ou a maioria dos cientistas modernos procuram essa iluminação na lógica formal. Eles desejam uma declaração clara e completa das informações, e estabelecem regras precisas para sua elaboração e para a verificação das conclusões delas extraídas. A idéia deles parece uma coleção científica, bem conservada num salão espaçoso e organizada numa seqüência lógica tal que em momento algum o visitante tende a parar, inseguro, diante dos espécimes expostos para sua verificação.

Existe outro método, bastante contrário a esse, que sempre encantou aqueles de veia religiosa ou poética, a saber, pelo contato direto com realidades espirituais. Um poeta lírico não consulta enciclopédias ao pressentir uma inspiração. Nós, fiéis comuns, apreciamos o apoio de um bom sermão ou de um livro útil para nossa meditação arrastada, mas os grandes místicos não precisam desses auxiliares: a mente deles logo é arrebatada eles não sabem para onde, e ficam ali, extasiados em contemplação. A mente desses homens não é vítima de uma fascinação, por mais nobre que seja; pelo contrário, ela segue regras segundo uma lógica, e isso está evidente pelo fato de que, pelo que aparece em seus escritos, a contemplação revela substancialmente os mesmos conteúdos a todos eles. A virtude desse processo mental é igualmente visível em seus escritos. A característica da literatura mística é a sublimidade, claro, mas também é uma aptidão maravilhosa. Madame Guyon costumava dizer que poderia escrever sobre realidades espirituais sem cessar, e nisso ela não difere de guias mais seguros do que ela. Não se detecta um traço de esforço no *Castelo interior* de Santa Teresa d'Ávila ou no livro IV da *Imitação de Cristo*. Diversas passagens nas cartas de São

Paulo são mais líricas do que qualquer outra coisa. Compare a tensão febril perceptível naqueles *Pensamentos* de Pascal que são mera obra de seu intelecto com o estado mental facilmente dedutível das poucas linhas rabiscadas em seu famoso amuleto, fruto de uma revelação. De Plotino a Swedenborg, todos os iluministas foram pródigos em discorrer sobre as enxurradas de luz produzidas pelo processo contemplativo em que se deleitavam. Mas existe um único homem ou única mulher que não tenha vivenciado algo assim?

Os intuitivos modernos, como Newman ou Bergson, estão intimamente relacionados com os místicos. Homens de tanta cultura e de vasta leitura sabem, decerto, o valor das informações precisas, mas acreditam haver uma lógica superior em sua utilização. Pasteur era constantemente visitado por intuições que o levaram, mais tarde, a muitas dificuldades para verificá-las segundo os cânones comuns da ciência. Essas intuições não são revelações, são apenas o resultado de comparações instantâneas ou contraposições de conjuntos de imagens armazenados na mente, e são incrivelmente mais elásticas do que as fórmulas no nosso intelecto, que Newman chama de "nocional" em oposição a "real". Leia a *Grammar of Assent* ou *Creative Evolution*, e compreenderá que ali estão os contornos claros de uma arte de pensar, decerto dependendo mais da experiência e menos de meras exposições do que do conselho dado por Descartes, Locke ou Herbert Spencer, mas visando exatamente o mesmo objetivo. O processo de debruçar-se, de todo o coração, sobre a própria consciência é preferível a um processo externo, mas a posse de noções relevantes preciosas é a finalidade em vista, da mesma forma. Analogamente, é difícil ler o que os poetas dizem sobre suas inspirações ou o que os artistas dizem sobre sua arte sem ter consciência de que esses homens, sempre dedicados a fazer o melhor possível dos seus poderes, estão na realidade estabelecendo para si os princípios de uma arte de pensar. Os escritos de dois homens modernos típicos, Nietzsche e Barrès, sempre descrevem ou exemplificam um método para produzir o pensamento.

Podemos sintetizar aquilo que todos esses mestres de introspecção afirmam de uma imensa variedade de formas? Sim. Leia-os, ouça-os, analise seus métodos, examine suas posturas, e verá que estão vivendo e pensando tanto quanto possível segundo dois preceitos fundamentais:

1. Seja você mesmo.
2. Encontre-se a si mesmo.

CAPÍTULO XIII

"Seja você mesmo"

"SEJA você mesmo se deseja criar algo original" é um truísmo. Como é que se faz alguma coisa que será realmente sua se você não está consciente da própria personalidade, se você for outra pessoa qualquer, ou até todos os demais, ou se tem noção de que não é exatamente o homem que sabe que poderia ser?

São dois os principais obstáculos no caminho daquele que deseja ser ele mesmo: a dissimulação e o retraimento. Poucos não são obstruídos ou não foram obstruídos por um dos dois em alguma fase da vida.

A dissimulação ou fingimento não é confiança. A confiança, quando associada a qualidades notáveis, já não é mais confiança: chamamos isso de genialidade. Balzac se impunha nas conversas de uma forma que ofendia as pessoas de gosto exageradamente refinado, mas que agradava aos psicólogos. O mesmo defeito é comum em artistas cuja satisfação em relação a suas concepções, e aos poucos a eles mesmos, é irreprimível. Todos aqueles favorecidos com vitalidade ou imaginação poderosa, a maioria das pessoas apaixonadas por independência e que a vida não desalentou com grande severidade, não têm medo de partir para a linha de frente. A simplicidade anglo-saxônica, acrescida da crença anglo-saxã dos direitos individuais produz resultados semelhantes. Pessoas que acham os anglo-saxões taciturnos ou reprimidos conheceram-nos sob alguma situação restritiva ou não conviveram com eles.

Tampouco o cinismo, em si, é sempre fingimento. Em seus espécimes mais elevados, é apenas uma sinceridade exagerada, contaminada pela vaidade ou pela certeza de Rousseau de que ninguém é muito melhor do que si mesmo. Sempre me agradou a observação de uma inteligente judia parisiense ao admitir que "não seria natural se não fosse afetada". A maioria das pessoas morre sem dizer algo tão sucinto. Marie Bashkirtseff, agora que dispomos de algumas partes de seu diário na íntegra e não cuidadosamente editadas por André Theuriet, pode ser uma rainha dos flertes ou uma rainha dos esnobes. Com certeza, ela é a autora de um dos documentos humanos mais sinceros que possuímos. Existe um livro mais irritante na literatura inglesa do que *Evelina*? Mesmo assim, a autocomplacência de Frances d'Arblay é tão transparente que, após um século e meio, o livro não foi trucidado pelos seus defeitos.

O fingimento é a insinceridade num grau que torna impossível ao fingidor não estar consciente de sua própria simulação. Significa agir parecendo o que não se é. Como poderia restar alguma vitalidade para o pensamento individual quando é consumido por essa comédia? Como um homem pode esperar ser um criador, mesmo no nível mais humilde, se insiste em ser um ator? Pessoas que fingem acompanhar um debate complicado sem dificuldade, que escolhem fórmulas graças às quais podem avaliar superficialmente a literatura e a arte, que se dizem especialistas em política exterior porque viajaram e estiveram em Genebra durante a última sessão da Liga, que assumem o ar de conhecer pessoas que nunca viram e dizer "meu amigo Fulano de Tal" de um homem destacado que viram uma única vez. As incontáveis pessoas que se considerariam em desgraça se tivessem de dizer: "Não, nunca li as cartas de Walter Page, mas leio bobagens na cama, todas as noites". Gente que aplaude um orador estrangeiro cuja língua jamais aprendeu. Todos esses são atores, alguns tão engenhosos quanto aqueles dos palcos, mas que jamais dirão uma palavra que outros achem válido lembrar, e nunca terão um pensamento que lhes dará esperanças de serem melhores do que meros gramofones.

Escritores profissionais, às centenas, se predispõem à insinceridade e a perder, assim, todas as oportunidades de uma melhoria honesta. Muitos deles são quase que forçados a fazê-lo. Foram sinceros, a princípio, em seu gosto pela literatura, mas tinham pouco a dizer, e quando esse pouco era dito, não estavam em condições de parar: escritores eles eram, e escrever era o que tinham a fazer. E assim escrevem, de fato, sem qualquer impulso verdadeiro, sobre uma infinidade de assuntos. Infelizmente, abarrotam os jornais! Sua verborragia estéril, esquivando-se de tudo o que possa comprometê-los, seu humor artificial não convencem, nem por um segundo, mesmo o leitor amador desejoso de informações e que percebe que não as está obtendo, mas, mesmo assim, essa maneira de escrever é a notável cantiga de ninar que faz a mente moderna adormecer. Observe que mesmo supostos homens cultos ou especialistas podem se rebaixar por meio dessas artimanhas. Li obras de especialistas em medicina ou arqueologia, entendidos acima de tudo em dizer "sim" e "não" na mesma frase.

Modismos literários prejudicam a personalidade do escritor. Quão ardentes costumavam se tornar os românticos franceses para se elevar à altura de Victor Hugo! Quanto da graça francesa não terá sucumbido na escuridão do realismo! Quantos escritores, entre 1890 e 1920, copiaram o ritmo complacente de Anatole France sem serem capazes de competir com o alcance de sua erudição, sua

sensibilidade ou mesmo a qualidade de sua irreverência! Quem é capaz de dizer quanto de observação legítima da vida ou do coração humano pode ser destruído pela mera simulação de um ritmo? Qualquer um que tenha se aventurado a escrever uma paródia precisa saber como, de modo estranho, essa diversão ajuda a inspiração especial necessária e que facilidade inesperada ela desenvolve na pessoa, mas não é isso o que acontece com uma imitação farsesca numa sala de visitas? A imitação de qualidades externas prejudica a verdadeira criatividade e, como afirma Herbart, chega a ser ofensiva ao caráter. A insinceridade escrita, falada ou encenada é *per se* destrutiva para a personalidade e acarreta resultados negativos. Quanto mais tentamos ser o que não somos, menor é a nossa chance de alcançar aquilo que realmente podemos vir a ser.

O retraimento é o outro defeito que nos impede de sermos nós mesmos. Ele merece muito mais atenção e mais compaixão do que sua contrapartida.

O retraimento precisa ser cuidadosamente diferenciado da indolência que também muitas vezes se mascara de modéstia. Muitas pessoas nunca podem ser elas mesmas porque nunca se estabelecem tempo suficiente para se conscientizarem da própria personalidade. Elas são as pessoas que estão escutando, ou o livro que estão lendo: não são elas mesmas. Na infância, há remédios ou exercícios físicos que podem remediar essa fraqueza, já que qualquer tipo de esforço é suficiente para criar um começo de personalidade. A imitação ou o interesse pessoal adequadamente aprimorado também auxilia a educação em seu trabalho de desenvolver as possibilidades individuais. Mais tarde na vida, ainda haveria esperança se o desejo pela individualidade, ou uma visão da felicidade existente nos banquetes do intelecto, pudessem ser evocados. Mas raramente podem. Nem uma catástrofe é capaz de desfazer a inércia.

O retraimento, em si, pode ser uma forma de arrogância: é melhor retrair-se do que parecer o que é, ou seja, inferior ao que gostaria de ser. É freqüente também a consciência de que somos mal preparados por inclinação ou talentos naturais, pela educação ou pelas circunstâncias vigentes a fazer o que estamos fazendo. Ou é a vaga censura de nossa consciência quando nosso preparo não tiver sido o que deveria. Um charlatão não se importa, mas o homem honrado, mais ainda quando

é aquele que vive, de alguma forma, na esperança de algum dia produzir beleza, teme estragar mais uma oportunidade depois de tantas outras.

Fantasmas de todo tipo vêem as naturezas sensíveis como presas fáceis. Os artistas são bem conhecidos por serem chamados de desequilibrados pelos que não são artistas. Podem estar bem satisfeitos com o que alcançaram no passado: um poema, o capítulo de um romance escrito por eles vários anos antes e que começam a ser esquecidos o suficiente para parecer de outra autoria, proporcionarão a eles um prazer imenso. No entanto, enquanto o poema ou o capítulo estava sendo escrito, foi maior o aborrecimento do que a satisfação. O artista tem sempre em mente a idéia de uma perfeição impossível. Enquanto trabalha, ou logo antes de começar a trabalhar, sua mente está repleta de imagens fugidias, porém das mais fascinantes, que ele anseia por capturar em palavras. Do momento em que se esforça para fazê-lo, ou mesmo tenta enxergar as imagens mais de perto, elas se evaporam, deixando apenas os fragmentos de expressão com que começara a orná-las. Esses retalhos são suficientes para enriquecer obras-primas, mas comparados às misteriosas aparições que os antecederam são meros dejetos. Leia o *Diário* de Katherine Mansfield, e irá compreender o que uma escritora em que cada toque parece ser final seguiu até o fim, achando que tudo o que fazia, longe de ser definitivo, era hesitante e inadequado. As noções "isso poderia ser expressado melhor" ou "com certeza alguém o expressará melhor" são fantasmas paralisantes e retraimento é uma palavra suave para descrever o efeito causado.

Muitas vezes, também, o artista pensa em algum rival, que aprecia ou não, mas que admira, e imagina que essa pessoa faria o mesmo trabalho com uma facilidade maravilhosa e um estilo muito melhor. Terá dúvidas, com freqüência, quanto ao seu tema, considerando-o inferior a vários outros que num rápido pensamento logo lhe ocorreriam. É possível que tenha apreensões morais também, ao imaginar os efeitos práticos do que está produzindo em mentes cuja fraqueza ou sensibilidade ele superestima. Charlotte Brontë quase chega a afirmar que sua consciência não teria permitido que escrevesse *O morro dos ventos uivantes*, mesmo se tivesse contado com a inspiração de sua irmã. Todas essas idéias, irrelevantes para aquela que deveria monopolizar a atenção, são fantasmas que obscurecem o intelecto e enfraquecem a força de vontade necessária à realização artística. Suponha um número suficiente deles, ou limite apenas a um o tempo suficiente para criar um hábito, e o homem não será mais ele mesmo, ou será ele mesmo, diminuído.

O que pode ser feito? Dominique, no romance clássico de Fromentin, apenas desiste, preferindo ser ele mesmo como nobre fazendeiro do que sentir-se debilitado como poeta. Uma solução desesperada. Balzac, depois de seu sétimo ou oitavo fracasso, talvez a tivesse adotado também e se contentado em ser apenas um impressor, como, de fato, era na época. Ainda assim, ele estava a um ano ou dois da inspiração que depois jamais o abandonou. Talvez o esforço que ele fez como homem de negócios tenha mantido sua força de vontade de ser artista. Qualquer um se beneficiará envolvendo-se em alguma iniciativa, caritativa ou de outro tipo, em que exista uma responsabilidade de natureza definida; em que lute por uma idéia legítima e que fale em público sobre ela. O artista que nada mais é e sente fantasmas que oprimem seu peito é um mártir, e deveria fazer qualquer coisa para escapar da tortura e da humilhação.

Seja qual for o método a que recorrermos, descobriremos que qualquer idéia ou ideal nosso cura o retraimento e cria não só energia como também um magnetismo. A partir do momento em que nos dermos conta de que quaisquer dessas forças preenchem nossa mente e nossa vida, também estaremos conscientes de sua irresistibilidade. Portanto, o problema de como ser você mesmo é, no fundo, um problema moral, a saber, como fazer o melhor uso de suas faculdades pessoais.

CAPÍTULO XIV

“Encontre-se a si mesmo”

SER você mesmo, em última instância, conforme dissemos, significa solidificar a atenção ou a vontade. Encontrar-se significa o oposto. Não estamos vivendo conosco quando a atenção está concentrada demais no exterior. Podemos sentir a maior consciência de nossa personalidade quando estamos no auge da atividade, quando cada músculo nosso trabalha na busca de algum objetivo. No entanto, nem sonhamos em dizer que estamos “nos encontrando” quando estamos nessa condição agitada. Pelo contrário, nossa tendência é desejar o fim dela, e ansiamos por um momento silencioso de meditação para sentirmos a alma em paz. As diferentes línguas estão repletas de metáforas que descrevem esses estados opostos da consciência.

Nós “nos encontramos” em qualquer atmosfera mental que relembre aquela do fluxo das reflexões no isolamento, de um devaneio no crepúsculo ou de um cenário outonal sossegado, ou de uma crise moral que revigora sem nos atropelar. Conhecemos épocas de intensidade intelectual que raramente sabemos como se produziram, mas durante as quais nos sentimos segregados do resto do mundo, e mesmo assim num estado de total entendimento e compreensão. Um grande livro, a proximidade de um talento notável ou da santidade, a música, são algumas das causas, mas existem muitas outras, às vezes tão surpreendentes como as que produzem fenômenos hipnóticos, que nos levam para onde nosso eu mais profundo realmente se encontra. O violinista, curvado sobre seu instrumento com ternura cativante, o adora, sem dúvida pelo que ele lhe proporciona, mas o brilho suave em seu rosto significa o início do êxtase que é o enlevo de uma alma em si mesma. Todas as naturezas reflexivas e produtivas têm uma tendência a esses estados.

Quando era um garotinho, minha família às vezes costumava fazer piqueniques num bonito vale das Ardenas, debaixo de carvalhos cujas sombras encobriam as paredes cinzentas e o teto de ardósia desbotada de um velho moinho. Antes de partir, o grupo visitava o moleiro por um quarto de hora, e a sala se tornava um cenário de singular animação. Em geral, eu conseguia me esgueirar sem ser visto, por um arco que dava para uma escadaria de pedra. A princípio, quase não havia luz sobre os degraus, e a pouca existente produzia um aspecto lúgubre e cavernoso. Descia-se cada vez mais por uma escada em caracol de pelo menos

trinta degraus, e a luz ficava progressivamente mais forte, mas de um estranho tom de verde ao aproximar-se do final. Ouviam-se sons de gotejamento e de um córrego deslizando sobre seixos. Finalmente surgia a cena que eu tanto ansiava. Um corte rente nos estratos polidos de ardósia, musgos e samambaias delicadas de todos os tipos pendendo de cada fenda úmida, pendentes de vidro por toda a parte. À minha direita, a grande roda de madeira parecia gigantesca e feroz, e eu desviava os olhos dela, ciente de que ficaria aterrorizado se começasse a rodar, com seu barulho estrondoso enquanto dava partida no maquinário de ferro e pedra lá em cima. No entanto, passando por ali, bem ligeiro, estava o riacho, largo e raso, maravilhosamente límpido e fresco, captando todos os reflexos verdes das paredes e um pouco do azul vindo de cima. Eu ficaria por ali pelo que parecia ser um tempo enorme, às vezes bem nervoso, mas incapaz de ir embora. O que via, o que ouvia, o que sentia e pensava naquele lugar mágico parecia ser meu mais pelo direito da descoberta do que qualquer outra coisa.

Nunca consegui ler sobre o fluxo da consciência sem lembrar do riacho do moleiro. Só podemos alcançar aquilo que está mais próximo do que nos é mais pessoal, a saber, nosso subconsciente, deixando o burburinho do mundo onde está e buscando, em profunda tranqüilidade, aquilo que nos diferencia de outros homens e mulheres.

As regras a seguir parecem ser as mais práticas para ser bem-sucedido nessa busca:

1. *Encontre o seu filão*. Nosso filão significa o nível mais rico de nossa consciência, e o mais produtivo. Em outras palavras, significa os objetos, quaisquer que sejam, merecedores de nossos melhores pensamentos. Quais são eles? É triste ter de dizer que a má psicologia, que influencia demais a educação, responde: são os objetos a que dedicamos a maior quantidade de estudo. A resposta, ao contrário, deveria ser: são o material de pensamento com que você lida com mais facilidade e com a maior alegria. É impossível refletir sobre os princípios de uma arte de pensar sem admitir que aquilo que alguém está se esforçando para fazer é inventar um método que leve todos nós para mais perto da genialidade. Agora, a genialidade é fundamentalmente o poder exercido com facilidade. Um talento brilhante nunca se arrasta. Quando Buffon o define como "uma grande paciência" ele não quer dizer a paciência da obstinação, mas a perseverança do deleite. Quem acredita que, durante os dezessete anos da busca pela sua lei, Newton não desfrutou de um imenso prazer daquilo que erroneamente chamamos de seu trabalho, mas que deveria ser chamada de

ocupação fascinante de sua mente? Sabe-se muito bem que um gênio é capaz de dedicar extensões de tempo mais longas ao seu trabalho do que o talento comum, que precisa de intervalos para relaxar. A razão é que o relaxamento do gênio está na consciência de fazer o que gosta e que detestaria ter de abrir mão. Pope, que certa vez escreveu: "Of happy convents, bosomed deep in vines" [De conventos venturosos, ocultos entre vinhedos], poderia ter parodiado Shelley, mas jamais poderia ter escrito o poema sobre as colinas Eugâneas. Imagine Dickens escrevendo romances sobre a sociedade. A genialidade pode ser associada a outros talentos e seu brilho pode nos iludir com suas mais variadas conquistas, mas jamais a confundimos com a versatilidade.

Que livros você lê com mais prazer? Há nas nossas estantes alguns volumes que são nossa família, e outros que são apenas visitantes. Quais são os primeiros? Que assuntos nos mantêm realmente interessados? Quais são aqueles sobre os quais falamos com maior facilidade, e com o maior prazer, para nós mesmos e para os outros? A educação, e a noção infeliz de que tudo o que é grandioso precisa estar associado a um esforço — uma curiosa perversidade de muitos intelectos de alto nível — são responsáveis por ilusões ridículas. Ingres preferia ser elogiado por seu talento como violinista do que ouvir falar de sua genialidade como pintor. Falguière, o escultor, mostrava às visitas seus quadros, e não suas estátuas. Certo dia, Henner percorria o estúdio com ele e, para o deleite de Falguière, diante de cada tela, exclamava: Impressionante! Maravilhoso! E aproximando-se de uma estatueta de mármore, pela qual Falguière passara sem dar sequer uma olhada, Henner exclamou com seu sotaque alsaciano: "Ah! Mas isso é bom!".

Nosso filão é aquilo que está mais perto de nós, mas é preciso sorte ou experiência para nos convencermos disso. Uma tripulação espanhola presa numa calmaria no oceano, ao largo da foz do rio Amazonas, não acreditou nos nativos que sinalizavam que a água à volta do navio era potável e que bastava baixar os baldes. Absurdo é uma palavra que, num sentido mais amplo, aplica-se à maior parte daquilo que fazemos. Ainda assim, temos todos consciência de que o que mais gostamos num autor são as obras que refletem seu dom e jeito de ser característico. Quem lê a poesia grosseira de Bossuet? Gostamos daquilo que nos dá a impressão de que flui. E, além disso, que escritor não percebe que suas páginas mais bem-sucedidas são as que lhe deram menos trabalho?

2. *Fale ou escreva segundo o seu filão*. Como você cantarola entredentes. Os apaixonados ou os enraivecidos, ou aqueles fortemente convictos ou desejosos de

algo, são sempre eloqüentes. Poucos de nós não tivemos ocasião de ouvir discursos mais comoventes do que de oradores ainda mais notáveis, proferidos por gente muito bem formada nem um pouco preocupada com eloqüência.

Escritores de qualquer tipo com uma formação moral sólida são bem conhecidos por possuírem um filão mais rico do que os artistas comuns. Por que hoje as pessoas preferem o violento e mal-educado Léon Bloy a Anatole France? O que faz de Léon Daudet o Juvenal de sua geração, apesar de seus preconceitos, injustiça e arrogância? Qualquer um que explore uma riqueza semelhante conseguirá efeitos semelhantes. As pessoas estão certas em zombar dos exageros dos super-realistas. James P. O'Reilly, ao escrever no *e Irish Statesman* sobre James Joyce, descreve o método deles sem piedade:

> Sente-se num local favorável onde a mente possa se concentrar nela mesma, ou em nada. Coloque-se na condição mais passiva ou receptiva possível. Enquanto pensa em algo indefinido, escreva rapidamente o que quer que lhe ocorra, bem depressa para não reter nada e para não reescrever. Quando se der conta de que a razão está influenciando sua mão, recomece. Escreva, por exemplo, uma série de Ps até que a letra, inconscientemente, comece uma palavra, e sua série de pensamentos continue. Eis o método.

Com certeza, esse é o método de muitos gozadores que se denominam super-realistas, mas não é o método de alguns jovens talentosíssimos entre eles, nem do de dois de seus mais famosos predecessores. Leia *Joana d'Arc* de Charles Péguy, sem dúvida uma obra-prima que o autor produziu aos vinte e dois anos. Leia a maioria das obras de Paul Claudel, e saberá o que significa escrever segundo o seu filão. Todas as escolas literárias em ascensão são o resultado de uma experiência mental que mostra a uns poucos escritores natos que liberdade e naturalidade são essenciais para a inspiração. Todos eles redescobrem os mesmos princípios. Já afirmei que a criatividade singular da Idade Média teve lugar, em todos os domínios da arte, por ela estar livre de fantasmas. O mesmo aconteceu com os românticos franceses até serem tolhidos pelo fantasma da admiração. Os super-realistas querem escrever a partir de seu subconsciente, ou seja, da forma mais humana, rica e livre possível. Todos querem se valer daquele filão. Quando ouço que Racine, a perfeição de sua época perfeita, costumava escrever suas peças em prosa antes de transformá-las em poemas dramáticos refinados que os estrangeiros relutam tanto em chamar de poesia, sinto-me inclinado a achar que aqueles primeiros rascunhos eram manifestações de super-realistas, tão diferentes de *Fedra* ou *Atália*, assim como a primeira versão de Flaubert da *Tentação de Santo Antão*

era diferente daquela à qual, por fim, chegou e definitivamente estragou. Você nunca percebeu a tendência da maioria dos artistas para descrever sua primeira visão aterrorizante de sua obra com uma linguagem familiar ou noutra pior ainda? Um esforço super-realista para manter a composição literária longe, com suas restrições e fantasmas, tanto quanto possível.

Alguns ritmos, considerando o significado mais completo da palavra, mantêm o escritor mais perto do seu subconsciente do que outros. Quanto a isso, o ritmo homérico é mais infalível do que qualquer outro. Você o perceberá nos livros de Belloc, ainda que o autor não lhe diga, conforme ele certa vez me confessou, que Homero era o único romancista que ele lia. Você o sentirá no melhor livro de Barrès, *La Colline Inspirée*, sobre o qual tive também o testemunho do próprio autor. O hábito de trabalhar num ritmo assim produz uma sensação quase física de que estamos colhendo no âmago do nosso ser.

3. *Conheça o valor da intuição*. A intuição é um ato mental que produzimos da forma mais natural e com a mínima interferência concreta de elementos externos. De repente, somos iluminados por um clarão que talvez ansiássemos por muito tempo, talvez não. Num instante, enxergamos, conforme a palavra insinua, o que não tínhamos visto antes, e nos tornamos conscientes do sossego que acompanha a certeza.

Uma solução meio difícil com que vínhamos lutando, talvez por muito tempo; a transformação, como se fosse mágica, de toda uma situação que percebêramos com pessimismo e agora, de forma bem diferente; um indício descoberto de forma inesperada em relação à inclinação de alguém que costumava nos intrigar; a revelação daquele algo indefinível que chamamos perfil de uma cidade; uma idéia para o nosso trabalho; uma cena dramática inteira visualizada como se ocorresse diante de nós; uma forte convicção, como a de Pasteur e mais três ou quatro homens antes dele, de que um método que parecia absurdo para os outros, nos parece, ao contrário, sensato, são exemplos de intuições. Poderíamos encontrar centenas de outros.

Nenhuma tensão; pelo contrário, há uma sensação de completude e liberdade durante essas breves, porém deslumbrantes revelações. Caso tenha um dom para a imitação, sabe que do momento em que consegue se imaginar como a outra pessoa, não precisa se esforçar para pensar, falar ou gesticular do jeito dela. Para um ator inferior isso significaria um estudo prolongado de cada imitação feita; já para quem possui esse talento, tudo está implícito na visão inicial.

As intuições nem sempre são tão ricas quanto as que acabamos de enumerar. Podem ser apenas vislumbres rápidos, desaparecendo antes de termos tempo para aproveitá-las, e são tão tentadoras quanto fascinantes. No entanto, fascinantes sempre são. Não têm nada em comum com as apreensões instigadoras ou as dúvidas deprimentes que muitas vezes acometem nossa consciência de forma bem parecida. Alguns livros, às vezes qualquer um, as produzem. Vivenciamos, então, uma curiosa duplicação: continuamos lendo o livro por apreciar os lampejos que acompanham a leitura, e mesmo assim ficamos em guarda contra ele, porque percebemos que se dedicássemos a ele nossa total atenção, também interromperíamos a exposição mágica que causou, mas não produziu. Pedras preciosas que vínhamos tocando tão carinhosamente substituiriam os seixos rígidos.

Essas intuições de menor expressão costumam vir agrupadas, ou em rápida sucessão, mas quase sempre sem conexão aparente. Quando estamos sonhando acordados, ou sob a influência da música, a quantidade delas é imensa, quase incalculável. Nós, então, as desperdiçamos livremente. Entretanto, sabemos o seu valor, pois, por vezes, elas se desdobram em séries de pensamentos prolongadas, durante as quais percebemos que o cérebro está fazendo seu melhor trabalho, ainda que sem exigir a nossa cooperação. Isso é o que queremos reproduzir depois que o encanto foi quebrado, é o que chamamos de *pensamento*, e a menção de uma arte de pensar significa para nós principalmente a possibilidade de recriar, de modo intencional, um estado mental semelhante. Chamamos de entendimento ou compreensão essa incorporação superior de um crescimento intelectual. Consideramos a aprendizagem ou a dedução, conforme a álgebra e a lógica nos ensinam, como processos inferiores que resultam em aquisições insípidas.

4. *Trate as intuições com carinho*. Vez ou outra, os livros espirituais citam uma frase em latim que já aterrorizou muitas almas: "Time Jesum transeuntem et non revertentem" — temei que Jesus passe e não volte. Isso é o mesmo que dizer: não deixe que as intuições religiosas lhe escapem, porque elas não passam duas vezes.

É um exagero afirmar que as intuições de qualquer tipo nunca ocorrem duas vezes, mas elas não voltam com a mesma atratividade. No momento em que sentimos sua presença, é como se víssemos a agitação das águas na piscina de Betsaida e soubéssemos que nossa oportunidade está próxima.[19] O silêncio deve prevalecer, tanto o externo quanto o interno; deveríamos estar atentos, porém sem sofreguidão ou, acima de tudo, curiosidade. A bela visitante é como uma

borboleta, que não é a mesma depois de capturada. Assim, ela não deve ser capturada. Se sua mão busca um pedaço de papel e rabisca algumas palavras temendo que outro pensamento supere o primeiro, você se sentirá agradecido, mesmo se tiver de lamentar, por várias vezes, a concisão a que foi forçado. No entanto, se você for meticuloso ao extremo, e se, em sua alegria pela visita, luta para não perder nenhum aspecto dela, inserindo-a de modo forçado em seu sistema intelectual e anotando avidamente toda a riqueza que ela lhe transmite, você a matará. O que há de melhor nos *Pensamentos* de Pascal? Certamente as partes não concluídas; quanto mais sucintos esses lembretes, mais profunda a impressão. La Bruyère terminava seus retratos e, entre eles, intercalava a maior parte de seus breves ensaios. Entretanto, ele certamente se importava menos com aqueles camafeus do que com as pequenas máximas que nunca ousou expandir. A escrita é um dos métodos para aliviar a mente, mas um desejo satisfeito não é mais um desejo, e isso é uma pena.

Os escritores franceses, em sua maioria, nada registram por escrito sem antes fazer o que chamam, cheios de verdade e quase com crueldade, *esgotar* sua idéia. Ali está, dissecado em parágrafos, o que antes era algo vivo. Não pode mais ser *pensado*, apenas escrito. A exortada lucidez francesa deve-se a isso, mas é o que as pessoas às vezes chamam também de falta de poesia nos franceses. Os escritores ingleses, e mais ainda os russos, ou sentem a presença de sua inspiração de modo mais profundo, ou não se apressam tanto em capturar seus pensamentos, ou quando o fazem, seu pensamento não está concluído. Não escrevem porque pensaram, eles pensam enquanto escrevem. Obscuridade, congestionamento de idéias e falta de equilíbrio costumam ser o resultado. Newman admitiu haver passagens em sua *Grammar of Assent* que ele não entendia. Mas o que dizer se o escritor o faz pensar, em vez de apenas ensinar? Acredito que os escritores franceses são mais capazes do que outros de sentir a disparidade entre aquilo que conceberam primeiro e o que realmente vêem entre duas capas de livro devido ao seu método superconsciente.

Trabalhar numa idéia não significa a concentração intelectual habitual. Não suar, aqui, funcionará. É preciso uma solidão piedosa com um traço de austeridade na rotina diária. Em seguida, o que Tyndall, ao descrever a produção de suas invenções, chamou de "remoer", e o que Newton chamou de "pensar na idéia o tempo todo". É como se o desejo mais legítimo de alcançar o todo fosse a principal coisa agindo, claro, no nosso subconsciente. A experiência da maior parte dos artistas é que a qualidade da sua produção está em conservar a

intensidade do seu desejo. Conforme afirmei antes, Sir Walter Scott, ao ler livros sem qualquer relevância para os seus temas, ou Charles Dickens, ao perambular pelas ruas desertas à noite, estava tentando retardar e não acelerar o que chamamos de pensamento claro, mas que deveria ser chamado de pensamento final. O verdadeiro trabalho, o verdadeiro "remoer" consiste em povoar a mente com imagens afins, às vezes convocadas pelo nosso desejo, noutras vezes evocadas de nossas lembranças revividas aleatoriamente e não de forma metódica. Quando a luz chega, afinal, na maior intensidade que poderíamos esperar, façamos o que fizermos, não mapeemos o que descobrimos sob a forma de uma sinopse. A enumeração e os colchetes diferem demais do pensamento para poder revivê-lo conforme surgiu da primeira vez.

5. *Desenvol a um estado de espírito receptivo*. Existe em nós um nível mais sensível que os demais, que conhecemos e ao qual recorremos quando desejamos. Um behaviorista diria que a inevitabilidade da resposta desse estrato em nossa consciência prova que ele é biológico, mas tudo o que quero dizer é que sabemos por experiência que a resposta é garantida. Se vivemos muito em função de nós mesmos, melhoramos nossa personalidade, e se revivemos certos fatos, períodos ou fases de sentimento em nossa vida, elevamos nossa receptividade.

Nossa vida, com os picos que bem conhecemos, de sentimento, de esforço, de nobreza ou de inteligência mais aguçada, é uma verdadeira mina de ânimos evocadores. Uns poucos instantes de lazer bastam para que recuperemos esses ânimos, e tão logo nos apercebemos deles a fosforescência da capacidade intuitiva tem início. Os poetas conhecem-na bem. Sua experiência pessoal, por vezes terrivelmente limitada na aparência, é o apoio constante de sua inspiração. Assim como os artistas, parecem-se demais com as crianças, e jamais romperam o fio que mantém unidos os vários períodos de sua vida, como fazem aqueles que vivem no mundo e para o mundo. Sua infância, em particular, com toda a riqueza e profundidade de impressões, está sempre presente neles. Nada é mais evocador do que a lembrança dos primeiros anos de vida. Que narrativa de infância, de *David Copperfield* a *Du Côté de chez Swann*, não nos encanta, ainda que o romancista ou memorialista não tenha o poder de um Dickens ou de um Proust? A razão é que todas as impressões registradas estão frescas, e se conectam de imediato com as mais recentes que adquirimos. Com o tempo, a vida nos arranca dessas lembranças para cuidarmos daquilo que chamamos de nossas lutas, que não são, na maioria dos casos, nada nobres, mas até os muito jovens percebem o valor

daquelas lembranças para eles. Conheci um estudante que, antes de escrever uma redação, rememorava suas emoções e tristezas infantis, e imaginava estar, na hora, na parte produtiva de sua alma.

Alguns estados remotos da consciência, difíceis de definir no momento, pelo fato de serem tão ricos e de quase nunca se esgotarem a despeito da freqüente consulta a eles, ainda preservam a qualidade marcante e o poder evocador. Nunca saberei explicar direito o fato de que, muito antes de ir à Espanha, senti algo de espanhol na atmosfera da Sexta-Feira Santa de certo ano quando eu tinha nove ou dez anos. O mesmo *éclat*, a mesma violência fervorosa. Mais tarde, o entardecer de um Dia de Todos os Santos me preencheu da mesma empolgação fascinante que, ainda hoje, consigo relembrar em questão de minutos. Era uma tarde radiante de novembro, aparentemente inadequada para a melancolia da data, o céu aberto e profundo. Um vento leste soprava sua euforia enlouquecida pelas alamedas do parque, todas elas ensolaradas e líricas. De um álamo gigantesco, milhares de folhas douradas pareciam saltitar no azul, pequenas almas finalmente libertas, mergulhando no infinito. O castelo ainda não estava vazio com a ida para Paris, mas os criados não estavam do lado de fora, e eu era o único ser vivente assistindo aquela visão esplendorosa. Senti como se possuísse aquilo tudo com toda aquela magia, como se o mistério da beleza do outono, por fim, tivesse sido elucidado. Ainda assim, era como se eu fosse incapaz de analisar a cena e seu efeito em mim.

Quem não consegue lembrar desses momentos, e quem, ao lembrar-se deles, não toma consciência de que está onde sua alma é mais ativa, embora não faça nada para quebrar sua passividade? Tais experiências, renovadas segundo a nossa vontade, fazem mais do que anos de esforço consciente ou estudo exaustivo para nos ensinar o que é o pensamento e onde ele está.

---

19 Cf. Jo 5, 1–7 — NE.

CAPÍTULO XV

A produção literária ao alcance de todos

— A produção literária ao alcance de todos… Quer que sejamos escritores como você, não é? Ou acha que escrever é a única forma de atingir a perfeição quanto ao pensamento?

— Longe de mim desejar tal coisa! Se eu pudesse reduzir o material impresso existente para um décimo do que é, eu o faria num segundo. E se há algo melancólico é o homem ou a mulher sem talento que tenta escrever, assim como os outros tentam cantar, pintar, atuar ou outra coisa qualquer.

— Bem, então, que produção literária maravilhosa é essa que, estando ao alcance de qualquer um, é, portanto, possível para mim? Como posso me intrometer na história da literatura sem aumentar aquela montanha de material impresso de que você afirma desgostar?

— Considera tudo o que é impresso como literatura?

— Que pergunta! Faça-me outra.

— Então, acha que tudo aquilo que tem o direito de ser chamado de literatura está impresso?

— Não, ó Sócrates, não acho. Todo dia ouvimos falar sobre a descoberta de manuscritos inéditos de escritores famosos. Eram literatura desde o momento em que foram escritos, penso eu. Ano após ano, sabemos da correspondência ou das memórias de alguém recém-descobertas e que vão ser publicadas. Suponho que essas memórias e cartas sejam literatura, ainda que manuscrita.

— Sim, as cartas de Madame de Sévigné e de Chesterfield estão em todo livro didático, assim como as memórias de Saint-Simon, e o diário de Pepys, e como centenas e centenas de coleções de cartas ou memórias de autores menos conhecidos que, no entanto, não podem ser omitidos daquilo que chamamos de literatura. Por quê?

— São bem escritas, suponho.

— Mas o que é escrever bem?

— Ora, com uma linguagem diferenciada, ou perspicaz, ou nobre, ou comovente, ou qualquer linguagem fascinante. O que quer que seja bem superior ao que comumente todos escrevemos é bem escrito, eu diria.

— Excelente! Você compreende que existe uma distinção a fazer entre meras palavras e os sentimentos que elas expressam. Se Joana d'Arc, que certamente não

era uma erudita, tivesse deixado uma correspondência, seria literatura, sem dúvida.

— Ora! Se as cartas de amor de Tommy Jones para a Srta. Brown fossem reveladas elas seriam literatura. Certa vez ele me mostrou uma e morri de inveja. Ainda assim, Jones não tem nada de escritor.

— Você quer dizer que todo sentimento forte ou profundo, manifestado de forma sincera, é literatura. E é mesmo. Eis porque todos adoramos tanto as cartas de amor, e as lemos com a mesma avidez cinqüenta anos depois de escritas, como a criada de cinqüenta anos passados fez, quando as encontrou na escrivaninha da patroa. Detestamos egoísmo, mas de alguma forma gostamos de ouvir falarem sobre nós.

— Você acha... acha que minhas cartas são literatura?

— Algumas delas devem ter sido. Mas as que escreve para mim hoje em dia certamente não são. Você nunca diz uma palavra sobre o que pensa ou sente; conta-me o que anda fazendo ou o que outros fazem, mas jamais analisa as motivações deles ou as suas, como faria, como de fato constantemente faz, enquanto conversa sobre os outros na área de fumantes. Suas cartas são repletas de trivialidades e cheias de clichês. Com certeza a carta de Jones para a Srta. Brown não tinha esse aspecto.

— Temo que você esteja certo, mesmo sendo desmotivador. Mas, posso lhe dizer por que escrevo esse tipo de carta, por que todos escrevemos a mesma carta, sempre? Bem, a culpa é do trabalho. Você se acostuma a ditar vintes vezes a mesma carta para pessoas diferentes e, com o tempo, a mente não consegue se livrar do ritmo dos negócios. Escrevo para minha esposa como escrevo para você, e ela costumava reclamar disso. Agora, não mais. Creio que já se acostumou.

— Dessa vez, acertou em cheio. Quando afirmo que todos podemos produzir literatura em nossas cartas, quero dizer que uma carta nos dá uma oportunidade única de expressar o nosso eu. Ninguém a está lendo por sobre o nosso ombro, não se espera que alguém a critique depois de escrita. Nos termos usados neste livro, não há fantasmas a temer, nenhum complexo de inferioridade capaz de nos enfraquecer. Estamos em nossa melhor condição para expressar o que sabemos de melhor, a saber, os sentimentos percebidos imediatamente por nossa consciência. Isso deveria resultar numa naturalidade absoluta, que é literatura. Conheço uma romancista cujos livros são uma leitura sofrida. A pobre coitada nunca é ela mesma. É Sinclair Lewis num ano, Willa Cather no outro, melhor dizendo, ela tenta ser, mas só produz imitações baratas como uma costureira de Oklahoma

tentando copiar modelos de Paris. No entanto, a mesma mulher escreve cartas em que se vê sua vida e sua alma sob uma luz transparente, cada palavra sendo uma lampadazinha reluzente em vez de um retalho sem vida.

— Oh, sei o que quer dizer, é claro, mas por que eu deveria escrever literatura?

— Ninguém quer que você escreva literatura. O que eu condeno é o desperdício. Todo dia perde-se uma oportunidade, muitas oportunidades, na verdade, de alcançar a parte mais profunda da consciência, expressando-se como de fato se vê, e digo que é uma pena porque isso o torna, ano após ano, dia após dia, mais igual a qualquer outro e mais anônimo. Veja, você hoje pode ter mais força, ou o que chama de força, do que quando saiu da faculdade, mas tinha mais individualidade naquela época do que agora. Estava mais próximo de si mesmo e de bons livros, quer dizer, de um modelo de expressão satisfatória. Sem dúvida, como a maioria das pessoas, você escrevia cartas melhores naquela época. A preguiça o enrijeceu e ossificou, resultando numa imitação bem vergonhosa. Tem de suportar sua parcela de culpa por escutar a mesma conversa dez vezes se for a dez lugares diferentes. Digo-lhe que a literatura é a expressão de si, e nossa individualidade é o nosso eu, que deveria ser nossa principal preocupação. No entanto, enriquecemos aquele nosso pobre eu por toda a vida com dinheiro, e por toda a vida o empobrecemos, roubando-lhe aquilo que faz dele o nosso eu, até que nada mais reste. A língua é precisa demais quando fala de ninguéns e de nulidades. O mundo é um grande número com uns poucos algarismos e uma fileira astronômica de zeros. Portanto, endureça, resista, diga não, pelo amor de Deus, e se o fizer, será um homem de verdade e suas cartas serão verdadeiras cartas que poderiam ser impressas como tantas outras já foram.

— Vou anotar tudo isso. Vale a pena, e ouso dizer que é o que você chama de literatura.

— Deixe a literatura em paz, mas, por favor, faça anotações. Se anotasse tudo o que ouve ou pensa que vale a pena lembrar, a coleção daria um diário valioso. Leia o *Diário íntimo* de Amiel, e não se entediará, e verá o que acontece com uma vida passada num pequeno vilarejo suíço onde aparentemente nunca acontecera nada. Recheado apenas com o que conta: pensamentos e sentimentos.

— Bem, estou disposto a produzir literatura do tipo que você descreve, mas eu detestaria vê-la impressa!

— Eu sei. Você só imprime seus extratos de banco. Isso basta, e muitos são os que os consideram leitura obrigatória. Mas deixe-me assegurar-lhe que inúmeros escritores, cujos livros você ouviu mencionarem, possuíam menos capacidade de

ler a própria consciência ou de expressá-la do que muitos homens que o destino transformou em caixa de banco.

Em suma, cada um de nós pode ser pessoal, ou seja, criativo, se não correr o risco de perder sua personalidade na autoconsciência, nem for vítima dos fantasmas que assediam quem quer que tente se expressar. Isso significa que nos tornamos, de imediato, interessantes para nossos semelhantes e indiferentes apenas para aqueles dispostos a mergulhar na multidão. O interesse é a base da literatura, e assim, é óbvio que todos podemos produzir algo que merece o nome de literatura, mas não devemos pensar em literatura enquanto a produzimos. A doutrina que fundamenta este volume é que só o pensamento importa, e o pensamento não pode coexistir com nada que não seja o nosso eu, em sua mais alta e nobre possibilidade.

Conclusão

ESTE livro não foi escrito para literatos, embora precisasse estar fundamentado na experiência de um escritor. Nada poderia estar mais distante de seu propósito do que uma tendência a considerar o pensador como um especialista em vez de simplesmente um homem de valor. O autor respeita profundamente todo aquele que possua princípios elevados e cuja conduta valha tanto quanto suas palavras. Quaisquer que sejam suas deficiências, esse homem é um pensamento encarnado.

Dê a essa pessoa condições de fortalecer a capacidade de pensar, ampliando seu horizonte e elevando o nível do seu pensamento, e o tornará proporcionalmente maior, assim como sua influência. Mostre-lhe a possibilidade de alcançar a Visão ou a Criatividade e o erguerá à altura suprema.

É o que este livro está tentando fazer. Ele não tem como produzir um desejo de pensar onde este não existe, mas, havendo o germe indispensável, deveria prover as condições para fazê-lo amadurecer. Pergunte às pessoas que se desenvolveram o que foi que impulsionou seu progresso. Muitas vezes se surpreenderá com a simplicidade assim como com a variedade das respostas. Pode ser que tenham bastado algumas palavras de um livro, o programa de um curso, o simples esboço de um método, a impressão deixada por um homem excepcional, sua reação à inteligência ou à estupidez, a expressão de seu rosto, seus silêncios.

É possível produzir ou, de alguma forma, preparar um efeito semelhante causado por alguma frase aleatória em páginas como estas, repletas de um desejo de auxiliar o pensamento. Para alguns, o conselho "leia o jornal como uma página da história" soará como um epigrama. Para outros, porém, talvez seja o ponto de partida para uma nova vida mental. Outros ainda poderão ser ajudados pelo mero ritmo deste trabalho, pelo seu sumário ou pelo título, apenas.

Aqui, como em outras situações, o que se quer é um começo e um método. O início pertence a Deus, mas o método pertence a nós, e pode ser aprendido em poucas horas até com livros como este. O autor não teve outra ambição e não acalenta esperança maior do que a de ser útil.